

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO**

**GRAZIELE IARONKA DA SILVA**

**ALÉM DO QUE SE VÊ:  
transformações dos sentidos e dos imaginários da morte na circulação  
midiática sobre as mortes por Covid-19**

**São Leopoldo  
2023**

GRAZIELE IARONKA DA SILVA

**ALÉM DO QUE SE VÊ:  
transformações dos sentidos e dos imaginários da morte na circulação  
midiática sobre as mortes por Covid-19**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo

2023

S586a

Silva, Grazielle Iaronka da.

Além do que se vê : transformações dos sentidos e dos imaginários da morte na circulação midiática sobre as mortes por Covid-19 / Grazielle Iaronka da Silva. – 2023.

158 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2023.

“Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa”

1. Covid-19. 2. Imaginário. 3. Midiatização. 4. Morte. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

**ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº**  
**6/ 2023**

Aos 3 dias do mês de abril de 2023, realizou-se na sala integralmente à distância, a sessão de *Arguição Pública da Dissertação* “ALÉM DO QUE SE VÊ: as transformações dos sentidos e dos imaginários da morte na circulação midiática sobre as mortes por Covid-19” apresentada pela estudante **GRAZIELE IARONKA DA SILVA**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Mestrado, à Comissão Examinadora constituída pelos professores Gustavo Said (UFPI), Jairo Ferreira (UFSM) e Ana Paula da Rosa (Orientadora). Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno, Capítulo VI, e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu a estudante, **o grau 10,0**. A emissão do Diploma está condicionada à entrega da versão final da Dissertação.

Ocorreu alteração do título? (x) Não ( ) Sim: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Esta atividade foi realizada integralmente em modo online.

Comissão Examinadora:

Profª. Dra. Ana Paula da Rosa (Orientadora)



Coordenação do PPG em Ciências da Comunicação: Profª. Dra. Ana Paula da Rosa

**GRAZIELE IARONKA DA SILVA**

**ALÉM DO QUE SE VÊ: AS TRANSFORMAÇÕES DOS SENTIDOS E DOS  
IMAGINÁRIOS DA MORTE NA CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA SOBRE AS  
MORTES POR COVID-19**

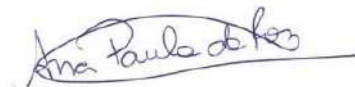
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

**APROVADA EM 3 DE MARÇO DE 2023.**

**BANCA EXAMINADORA**

**PROF. DR. GUSTAVO SAID – UFPI  
(PARTICIPAÇÃO POR  
WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. JAIRO FERREIRA - UFSM  
(PARTICIPAÇÃO POR  
WEBCONFERÊNCIA)**



---

**PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA - UNISINOS**

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos os mortos pela Covid-19.  
A todos aqueles que acreditam na potência da ciência.

## AGRADECIMENTOS

Se eu fosse agradecer tudo o que eu desejo, poderia escrever mais de 100 páginas. Mas nessa altura do campeonato, o cansaço tomou conta e me fez ser mais sucinta, até porque enquanto escrevia esses agradecimentos, a emoção tomava conta de mim.

Primeiro agradeço ao Maurício, por ter sido um fiel companheiro e ter abraçado a minha escolha. Todas as vezes que eu tive medo de não dar conta, ele sempre disse “vai com medo, tu sabe que vai conseguir”. Aos meus pais e a minha irmã, por entenderem a minha ausência e sempre me incentivarem a escolher o caminho da educação. Aos meus sogros, por terem sempre me apoiado nessa caminhada e por terem acompanhado minha trajetória desde o processo de seleção do mestrado. Aos meus grandes amigos que seguiram ao meu lado, sem me cobrar porque eu estava ausente durante quase dois anos, mas por dizerem “nós vamos comemorar muito essa ausência e esse momento”.

Todas essas pessoas me ajudaram a chegar até aqui. Entretanto, uma delas, que ainda não citei ainda, é a pessoa que me trouxe para esse universo incrível que é a pesquisa, que é a ciência, a professora Ana Paula da Rosa. Uma das mulheres mais incríveis que já conheci. Que nos dias mais difíceis da caminhada do mestrado, jamais deixou que os meus olhos parassem de brilhar. Que também me ensinou que talvez eu não possa mudar o mundo, mas que eu posso sim fazer a diferença para termos um mundo melhor. Ana, obrigada é uma palavra minúscula perto do que eu queria te dizer. Tu é luz, educação, esperança.

Agradeço também a todas as pessoas que lerão minha dissertação. Quando escrevi todas essas páginas, eu só pensava no quanto eu queria que meu trabalho ajudasse, de alguma forma, a esse cenário jamais se repetir. Vai além do jornalismo, da comunicação, o que busco é humanização, democracia.

Por fim, mas não menos importante, obrigada a Unisinos, Capes, professores e todos os amigos incríveis que ganhei nessa jornada. O mestrado mudou a minha vida, de todas as formas possíveis.



Todos nós vamos morrer um dia. Mas, durante nossa existência, nos preparamos para as possibilidades que a vida pode proporcionar. Sonhamos com o nosso futuro e vamos à luta. Sonhos tão humanos de ter uma carreira, uma família, um amor ou vários, filhos, casa própria, viagens, ser alguém na nossa vida ou na vida de alguém. Buscamos orientação somente para as coisas mais incertas. Quem garante que vamos ter sucesso na carreira? Quem garante que encontraremos o amor da nossa vida? Quem garante que teremos filhos ou não? Quem garante? Ninguém garante nada sobre essas possibilidades. Mas a morte é garantida. Não importa quantos anos viveremos, quantos diplomas teremos, qual o tamanho da família que formaremos. Com ou sem amor, com ou sem filhos, com ou sem dinheiro, o fim de tudo, a morte chegará. E por que não nos prepararmos? Por que não conversamos sobre essa única certeza?

**Ana Claudia Quintana Arantes**

## RESUMO

Esta dissertação investiga de que maneira a circulação midiática sobre as mortes por Covid-19 transforma os sentidos e os imaginários da morte e como as lógicas de midiatização são mobilizadas na representação da morte. A escolha desta problemática se dá pela importância de discutir os impactos que foram ocasionados pelo vírus da Covid-19 no Brasil, que teve seu primeiro aparecimento em março de 2020. No cenário brasileiro, o vírus além de desencadear grandes problemas no âmbito da saúde, também provocou um número alarmante de mortes, enfatizando as brechas no cenário econômico, social, e principalmente político. Dessa forma, essa pesquisa reforça o papel da comunicação perante a um acontecimento que afetou todas as áreas sociais. Para explorar esse estudo, serão utilizados como objeto de pesquisa os portais de notícia G1 e Folha de São Paulo, junto com o perfil do Instagram *COVID Photo Brazil*, que apresenta um diário da pandemia no Brasil. Diante de um acontecimento complexo, os materiais empíricos serão explorados e analisados em conjunto com os estudos teóricos da midiatização (Couldry e Hepp, 2020; Fausto, 2009), do acontecimento (França, 2012; Verón, 1995), da morte (Elias, 2001; Ariès, 1982), da circulação (Rosa, 2019; Ferreira, 2017), da imagem e do imaginário (Rosa, 2008; Said e Calado, 2021). Como resultado, pode-se compreender que a partir da produção de notícias e publicações no Instagram, as imagens se destacaram e influenciaram na construção de diferentes imaginários midiáticos.

**Palavras-chave:** midiatização; morte; imaginário; Covid-19.

## **ABSTRACT**

This dissertation investigates how the media circulation about deaths by Covid-19 transforms the meanings and imaginaries of death and how the mediatization logics are mobilized in the representation of death. The choice of this problem is due to the importance of discussing the impacts that were caused by the Covid-19 virus in Brazil, which had its first appearance in March 2020. In the Brazilian scenario, the virus, in addition to triggering major problems in the field of health, it also caused an alarming number of deaths, emphasizing the gaps in the economic, social, and mainly political scenario. In this way, this research reinforces the role of communication in the face of an event that affected all social areas. To explore this study, the news portals G1 and Folha de São Paulo will be used as research objects, along with the Instagram profile COVID Photo Brazil, which presents a diary of the pandemic in Brazil. Faced with a complex event, the empirical materials will be explored and analyzed together with theoretical studies of mediatization (Couldry and Hepp, 2020; Fausto, 2009), of the event (França, 2012; Verón, 1995), of death (Elias, 2001; Ariès, 1982), circulation (Rosa, 2019; Ferreira, 2017), image and imaginary (Rosa, 2008; Said and Calado, 2021). As a result, it can be understood that from the production of news and publications on Instagram, the images stood out and influenced the construction of different media imaginaries.

**Key-words:** mediatization; death; imaginary; Covid-19.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dona Morte das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica .....	15
Figura 2 – Imagens utilizadas no artigo de Fausto Neto (2020).....	23
Figura 3 – Desenho de pesquisa.....	44
Figura 4 - Manchete da reportagem do G1 .....	66
Figura 5 - Imagem destaque da reportagem .....	66
Figura 6 - Imagem secundária da reportagem .....	67
Figura 7 - Trechos da reportagem.....	68
Figura 8 - Manchete da reportagem da Folha de São Paulo.....	69
Figura 9 - Imagem destaque da galeria da reportagem .....	69
Figura 10 – Segunda imagem da galeria da reportagem .....	70
Figura 11 - Terceira imagem da galeria da reportagem .....	70
Figura 12 - Quarta imagem da galeria da reportagem .....	71
Figura 13 - Quinta imagem da galeria da reportagem.....	71
Figura 14 - Sexta imagem da galeria da reportagem .....	72
Figura 15 - Sétima imagem da galeria da reportagem .....	72
Figura 16 - Oitava imagem da galeria da reportagem .....	73
Figura 17 - Nona imagem da galeria da reportagem.....	73
Figura 18 - Décima imagem da galeria da reportagem .....	74
Figura 19 - Décima primeira imagem da galeria da reportagem .....	74
Figura 20 – Décima segunda imagem da galeria da reportagem.....	75
Figura 21 - Última imagem da galeria da reportagem .....	75
Figura 22 – Comentários da reportagem.....	77
Figura 23 - Localização, legenda e <i>hashtag</i> da publicação.....	78
Figura 24 - Imagem da publicação da primeira fase .....	79
Figura 25 - Localização, legenda e <i>hashtag</i> da publicação.....	80
Figura 26 - Imagem da publicação da primeira fase .....	80
Figura 27 - Comparação de imagens presentes nas reportagens.....	84
Figura 28 - Organização/estrutura do G1 .....	85
Figura 29 – Organização/estrutura da Folha de São Paulo .....	85
Figura 30 - Recorte das imagens da primeira fase do Instagram.....	88
Figura 31 - Estruturação das informações no Instagram.....	89
Figura 32 - Conjunto de imagens da primeira fase.....	90

Figura 33 – Transformações das imagens com símbolos da pátria .....	91
Figura 34 - Transformações das imagens que representam o vazio.....	92
Figura 35 – Transformação das imagens com rostos .....	93
Figura 36 – Manchete da reportagem da Folha de São Paulo .....	95
Figura 37 – Imagem destaque da reportagem .....	95
Figura 38 – Recortes da primeira coleção de imagens .....	96
Figura 39 - Recortes da segunda coleção de imagens .....	97
Figura 40 - Recortes da terceira coleção de imagens .....	97
Figura 41 - Recortes da quarta coleção de imagens.....	97
Figura 42 - Recortes da quinta coleção de imagens .....	98
Figura 43 – Recorte dos comentários da reportagem .....	99
Figura 44 - Manchete da reportagem do G1 .....	99
Figura 45 - Imagem destaque da reportagem .....	100
Figura 46 - Recorte dos comentários da reportagem.....	101
Figura 47 – Localização, legenda e <i>hashtag</i> da publicação.....	102
Figura 48 – Primeira imagem da publicação .....	103
Figura 49 - Segunda imagem da publicação .....	103
Figura 50 – Terceira imagem da publicação .....	104
Figura 51 – Quarta imagem da publicação .....	104
Figura 52 – Comentários da publicação.....	105
Figura 53 – Localização, legenda e <i>hashtag</i> da publicação.....	106
Figura 54 – Imagem da publicação .....	107
Figura 55 – Gráficos apresentados nas reportagens .....	110
Figura 56 – Aumento das legendas na fase 2.....	111
Figura 57 - Conjunto de imagens da segunda fase.....	113
Figura 58 – Transformações das imagens com símbolos religiosos.....	114
Figura 59 – Transformações das imagens com profissionais usando proteção.....	115
Figura 60 – Transformações das imagens aéreas .....	115
Figura 61 - Manchete da reportagem da Folha de São Paulo.....	116
Figura 62 – Imagem destaque da reportagem .....	117
Figura 63 – Segunda imagem da reportagem.....	118
Figura 64 – Recorte da coleção de imagens da reportagem.....	118
Figura 65 – Um dos infográficos utilizado na reportagem .....	119
Figura 66 – Infográfico comparativo das mortes: tragédias versus Covid-19.....	119

Figura 67 - Recorte dos comentários da reportagem .....	120
Figura 68 - Manchete da reportagem do G1 .....	121
Figura 69 – Primeira imagem da reportagem.....	121
Figura 70 – Imagem utilizada na reportagem .....	122
Figura 71 – Imagem utilizada na reportagem.....	122
Figura 72 – Recorte dos comentários da reportagem .....	123
Figura 73 - Localização, legenda e <i>hashtag</i> da publicação.....	124
Figura 74 – Imagem da publicação .....	124
Figura 75 – Localização, legenda e <i>hashtag</i> da publicação.....	125
Figura 76 – Primeira imagem da publicação .....	126
Figura 77 – Segunda imagem da publicação .....	126
Figura 78 – Manchete que apresenta a esperança da vacinação .....	128
Figura 79 – Manchete que reforça a proteção das vacinas.....	128
Figura 80 – Imagem utilizada para falar da vacinação .....	128
Figura 81 – Mesmo com vacinação, ainda há indícios de uma terceira onda .....	129
Figura 82 – Manchetes das manchetes que alertam os perigos .....	131
Figura 83 - Conjunto de imagens da terceira fase.....	133
Figura 84 – Transformações das imagens com símbolos políticos .....	133
Figura 85 – Transformações das imagens com símbolos da morte e da política....	134

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Autores do estado da arte .....	21
Tabela 2 – Detalhes das reportagens da primeira fase .....	82
Tabela 3 – Comparação das reportagens da primeira fase .....	83
Tabela 4 – Detalhes das reportagens da segunda fase .....	109
Tabela 5 – Comparação das reportagens da segunda fase.....	109
Tabela 6 - Detalhes das reportagens da terceira fase.....	129
Tabela 7 – Comparação das reportagens da terceira fase .....	130

## SUMÁRIO

<b>1 A MORTE</b> .....	<b>13</b>
<b>2 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>3 EXPLORANDO O CAMPO DE PESQUISA</b> .....	<b>21</b>
<b>4 O CENÁRIO PANDÊMICO E OS PROCESSO DE MEDIATEZAZÃO</b> .....	<b>34</b>
4.1 DESTACANDO O OBJETO .....	43
4.2 DESENHO E FLUXO DE PESQUISA .....	44
<b>5 AS TEORIAS ACIONADAS A PARTIR DO OBJETO</b> .....	<b>47</b>
5.1 CIRCULAÇÃO.....	47
5.2 IMAGEM E IMAGINÁRIO .....	51
5.3 ACONTECIMENTO: MORTE.....	55
<b>6 O PERCURSO METODOLÓGICO E SEUS DESDOBRAMENTOS</b> .....	<b>61</b>
<b>7. ALÉM DO OLHAR: ANÁLISES DOS OBSERVÁVEIS</b> .....	<b>65</b>
7.1 PRIMEIRA FASE: AMEAÇA DO VÍRUS E A MORTE À ESPREITA.....	65
7.1.1 As operações do jornalismo .....	82
7.1.2 As operações do COVID <i>Photo Brazil</i> .....	87
7.1.3 Imagens e imaginários em circulação .....	90
7.2 SEGUNDA FASE: A INTENSIDADE DO PERIGO E OS CORPOS.....	94
7.2.1 As operações do jornalismo .....	108
7.2.2 As operações do COVID <i>Photo Brazil</i> .....	111
7.2.3 Imagens e imaginários em circulação .....	112
7.3 TERCEIRA FASE: A ESPERANÇA E A VACINA-SALVAÇÃO .....	116
7.3.1 As operações do jornalismo .....	127
7.3.2 As operações do COVID <i>Photo Brazil</i> .....	132
7.3.3 Imagens e imaginários em circulação .....	132
7.4 ANÁLISES DO CONJUNTO: A MORTE EM ELABORAÇÃO .....	135
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>143</b>
<b>9 A VIDA</b> .....	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>151</b>



## 1 A MORTE

A morte em uma visão racional, não religiosa, representa o fim. Entretanto, em minha dissertação, ela é o começo de tudo. Por isso, dou à morte o espaço no primeiro capítulo. Ela que causa tanto medo, que sempre fica por último, aqui, será a primeira.

Sempre evitamos falar da morte e é natural não quisermos falar dela. Elias (2001) explica que nossa tendência humana é nos afastarmos dessa, achando que somos imortais. Mas ao mesmo tempo em que achamos que somos imortais, sabemos que todos teremos um fim, o que vai ao encontro das reflexões de Ricoeur (2022,p.10) de “o dever-morrer um dia, o ter-de-morrer”.

Para contextualizar o início desta dissertação, apresentarei minhas experiências com a morte, com o objetivo de trazer as diferenças de sentido da morte antes e durante a pandemia. Meu primeiro contato com ela foi na infância, aos 12 anos, com a perda do meu avô Nelson. Eu já entendia que as pessoas morriam, mas confesso que não entendi o motivo do meu avô ir, afinal, ele ainda não era tão velho. Naquela época, minha visão era de que a morte só chegaria quando ficássemos bem velhinhos. Porém, de um dia para o outro, o homem que cuidava de mim simplesmente sumiu.

Na vida adulta, vi alguns familiares e conhecidos partirem e fui compreendendo que a morte chegava em diferentes idades. Entretanto, desde 2020, com a chegada da pandemia, a morte ganhou novos sentidos na minha visão. Aquela ideia de morrer apenas com a chegada da velhice se desfez, pois milhares de pessoas começaram a morrer por um vírus que ninguém conhecia.

Antes, em tempos “normais”, não pensávamos tanto na morte, mas com a chegada da pandemia isso acabou mudando. Tivemos que falar da morte inevitavelmente. Ela estava em todos os lugares. Para explicar a ideia de morte antes do momento pandêmico, apresento a observação de Becker (1980):

Portanto, em tempos normais agimos sem realmente jamais acreditar em nossa própria morte, como se acreditássemos piamente em nossa própria imortalidade física. Tencionamos dominar a morte... Todo homem dirá, naturalmente, que se sabe que um dia morrerá, mas realmente não liga para isso. Ele está se divertindo ao viver e não pensa a respeito da morte nem se dá ao trabalho de incomodar-se com ela, mas essa é uma admissão verbal, puramente intelectual. O sentimento de medo está reprimido. (BECKER, 1980, p. 35)

Dessa forma, colocando as ideias de Becker (1980) no cenário da pandemia, percebemos que o vírus nos trouxe o medo da morte. Quando contraí o vírus, no final de 2020, pensei: será que a morte está próxima de mim também? Ao chegar no hospital, vendo as pessoas com falta de ar, com laudos escritos “positivo para Covid-19”, vendo familiares recebendo a notícia da morte de uma pessoa querida, fiquei com medo de que a morte estivesse chegando para mim também. E no fundo, ela estava rondando, à espreita. Ricoeur (2022) explica esse sentimento, dizendo que quando nos colocamos no lugar dos moribundos, acabamos pensando em como será quando chegar a nossa vez de partir. Para poder traduzir melhor essa grande agonia, complemento com as palavras do autor sobre essa experiência:

Assistir à morte é mais preciso, mais pungente do que simplesmente sobreviver. Assistir é uma provocação pontual, acidental. Sobreviver é um longo trajeto, na melhor hipótese o do luto, isto é, da separação aceita do finado que se afasta, se desapega do vivo para que este sobreviva. Mas, enfim, ainda é para mim uma antecipação interiorizada, a mais aterrorizante, a do moribundo que serei para os que assistirão à minha morte, que a assistirão. Pois bem, digo que a antecipação da agonia é que constitui o núcleo concreto do “medo da morte”, em toda a confusão dos seus significados que se amontoam. (RICOEUR, 2022, p.12)

Sendo assim, presenciar mortes e ver o descontrole sobre a vida nos despertou sentidos diferentes sobre a morte. Mas, antes de entrarmos no cenário da comunicação conectada à morte por Covid-19, e de pensarmos em imagens rotineiras que são representações reiteradas, convido o leitor a pensar em uma imagem clássica da morte, a fim de entendermos um pouco mais sobre esse conceito no âmbito da antropologia.

Figura 1 – Dona Morte das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: Cebolinha - Nº 75 (Ed. Globo, 1993).

Apresento aqui uma imagem da morte das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica: a Dona Morte. Ela é uma das primeiras figuras que representa algo que não temos como materializar. A caracterização dessa personagem se assemelha com a passagem do livro *As Intermitências da Morte* de Saramago (2005), em que o autor coloca que “[...] a morte é um esqueleto embrulhado em um lençol, mora numa sala fria em companhia de uma velha e ferrugenta gadanha [...]” (SARAMAGO, 2005). Porém, sabemos que a morte não é uma personagem, que não há como dizer como essa realmente é. Podemos até tentar encontrar um rosto para ela, mas nunca encontraremos, pois cada ser humano carrega uma experiência da morte.

Com a chegada da pandemia, ficou ainda mais difícil compreender a morte, pois nossas percepções e vivências com essa foram se modificando, na medida em que fomos vivenciando um cenário de guerra. Ricoeur (2022) coloca que ao estarmos inseridos em um contexto caótico, os sentidos sobre a morte vão se modificando:

É o caso das grandes epidemias - de peste, de cólera...- e foi o caso nos campos de concentração, nessa situação extrema em que o sobrevivente provisório é rodeado, cercado, submerso pela massa indistinta dos *mortos* e dos moribundos e habitado pelo sentimento da enorme probabilidade da sua morte próxima, da iminência dessa morte. Então, ele se imagina, se percebe como já fazendo parte dessa *massa indistinta* dos mortos e dos moribundos. Insisto no efeito de massa é no efeito de indistinção. Ele é efeito somente nas situações-limite de que falei: epidemia, extermínio. Reservo a hipótese de que todos os vivos possam em certas circunstâncias da vida, se não do sonho e da imaginação literária, perceber toda a humanidade já morta e devendo morrer como massa (Agostinho falando do pecado fala de *massa perdida*), numa espécie de abreviação, de atalho. Mas deixemos ao extremo vivido o que o onírico pode substituir, ou mesmo prover. A morte em massa, eis o tema. (RICOEUR, 2022, p.21)

Dessa forma, podemos inicialmente perceber que a ideia de morte como algo natural, por velhice, perde espaço para um cenário de pânico e descontrole. A Covid-19 nos deixou face a face com a morte. Em todos os meios de comunicação a morte estava ali: no número de mortos, nos ritos, nas imagens de caixões, nas covas, nos cemitérios.

Diante dessa construção de como as percepções de morte foram aparecendo com a chegada do vírus, faço uma provocação para entrar mais a fundo em minha dissertação: quando vemos todas essas imagens circulando nos portais jornalísticos e nas redes sociais, quais os sentidos da morte resgatamos em nosso imaginário? Como vemos e sentimos a morte após todas as perdas por Covid-19? Portanto, começaremos a partir daqui a compreender como a comunicação em tempos pandêmicos transformou os sentidos da morte.

## 2 INTRODUÇÃO

A Covid-19, que teve sua primeira aparição na China, no final de 2019, trouxe incertezas e descontrole para todo o mundo. No Brasil, ela chegou em fevereiro de 2020 trazendo um número de mortos alarmante. Ao acessarmos os portais de notícias e o Instagram observamos informações e imagens que mostram os números de mortes causadas pelo vírus, ficando claro que a ilustração lúdica das histórias em quadrinhos e a representação melancólica de Saramago (2005), trazidas no capítulo anterior desta dissertação, perderam força e deram espaço para a problemática da morte no âmbito social, apresentada por Elias (2001).

Diante de tantas imagens que representam a intensidade da morte na pandemia, é possível ver que a discussão sobre a morte foi ampliada, mostrando, que neste cenário, a morte não é uma situação individual, mas sim coletiva, e de que ao vermos um grande número de mortos, precisamos nos questionar sobre as causas e seus efeitos. Dessa maneira, a morte, que antes parecia apenas um momento que chegaria para todos, como um indicativo do final da vida depois de muitos anos vividos, se tornou um medo diário, uma pauta rotineira e intensa nos meios de comunicação. Por isso, este trabalho apresenta como discussão um dos maiores acontecimentos mundiais: as mortes por Covid-19.

Trazendo mudanças em todos os âmbitos, o vírus além de estar em todos os locais, estava também nos portais de notícias e redes sociais, diante de nós por meio das telas e de imagens diversas. Ao ver inúmeras notícias e publicações, é perceptível que a morte é um dos eixos principais das informações, pois está dentro dos termos de critério de noticiabilidade. Entretanto, é possível notar que a própria morte parece ser um critério que se banaliza na pandemia.

A partir disso, o objetivo principal desta pesquisa é entender como ocorre a circulação de sentidos nas mídias e quais os imaginários da morte emergem. Além disso, analisar a partir da circulação o processo de midiatização. Por fim, investigar quais imagens são utilizadas para representar a morte e que imaginários sociais emergem do imaginário midiático ligado à morte, para que assim se possa compreender como a morte se atualiza no cenário pandêmico.

Olhando para essa temática tão densa e instigante, o que me fez seguir com esse objeto de pesquisa, a morte? A escolha se deu pelo fato de acreditar que o jornalismo possui um papel muito importante na vida da sociedade e, com a chegada da pandemia, isso ficou ainda mais evidente, pois frequentemente somos impactados por notícias falsas. Além disso, hoje, o jornalismo não atua sozinho, pois conta com atores sociais que compartilham, comentam, se posicionam e interagem diante das informações.

Entretanto, não foi apenas esse motivo que me fez pesquisar as mortes por Covid-19. Desde o meu ingresso na graduação, objetos ligados à morte estiveram fortemente presentes no meu trabalho de conclusão de curso e na iniciação científica. No trabalho de conclusão de curso trabalhei a questão da morte por meio da figura de Elis Regina. Já na iniciação científica, pesquisei o caso do atentado de Manchester, que ocorreu 22 de maio de 2017 na Inglaterra, após o show da cantora Ariana Grande.

Ao estudar esses dois casos (Elis Regina e Atentado de Manchester) sempre surgiram ainda mais questionamentos de como a sociedade é impactada por tais notícias. A morte de Elis, por exemplo, levou multidões para as ruas, sua figura no caixão se tornou elemento de destaque nas reportagens. Porém, sua morte ganhou grandes matérias pelo modo como ocorreu e pela figura importante que ela foi para a história da música brasileira. O caso de Manchester também ganhou um grande destaque pelo fato de ocorrer durante a apresentação de uma forte voz da música pop mundial, Ariana Grande. Além disso, o público da cantora pop gerou um grande engajamento no Twitter, com o intuito de ajudar as famílias que foram afetadas. Ou seja, o atentado de Manchester ganhou espaço nas mídias pela figura que Ariana Grande é para o cenário musical e pela união do público (atores sociais), que movimentou as redes sociais em prol de ajudar as vítimas e seus familiares, geralmente crianças e adolescentes, que foram atingidos pelo atentado. Ambos os casos envolvem mortes trágicas ligadas a pessoas famosas. Porém, a primeira está ligada a um cunho mais artístico e político e a segunda ligada aos ataques terroristas. Além disso, o caso de Elis teve como foco as reportagens das revistas da época, enquanto o caso de Ariana Grande, teve como foco as notícias dos portais e as publicações no Twitter.

Dessa forma, nesta pesquisa de mestrado sobre as mortes por Covid-19, o objeto ganha um panorama amplificado, pois diferente dos meus estudos anteriores, esse atinge diretamente toda a população, nos permitindo assim lançar o olhar sobre os diferentes sentidos da morte a partir da centralidade da comunicação. Diante das experiências das minhas pesquisas anteriores, onde a morte ocupava diferentes espaços delimitados, em comparação à Covid-19 que está em todos os lugares, surgiu a minha problemática de pesquisa: de que maneira a circulação midiática sobre as mortes por Covid-19 transforma os sentidos da morte? E ainda, que lógicas de midiatização são mobilizadas na atualização do imaginário da morte?

Consigo perceber ao longo das minhas descobertas na pesquisa, que a problemática da morte, quando estamos falando na área da comunicação, vai mudando conforme o contexto, temporalidade e o modo como circulam. Por isso, para poder estruturar os percursos do mestrado foram necessárias muitas mudanças de rotas, que, sem dúvida, me fizeram compreender a importância e complexidade do meu objeto de pesquisa.

No ingresso no mestrado, meu projeto estava bastante focado em analisar apenas as imagens da morte na pandemia por meio do perfil *COVID Photo Brazil* no Instagram. O perfil é um relato diário da Covid-19 no Brasil, que é contado por meio de fotos de fotógrafos brasileiros. Entretanto, ao realizar o estudo da arte e coletar diferentes materiais para ter uma amplitude das imagens da morte na pandemia, percebi a importância de inserir as imagens dos portais de notícias, e de que não há um parâmetro de qual meio é mais relevante — portais de notícias ou o perfil no Instagram —, pois ambos possuem elementos importantes para o desenvolvimento da pesquisa sobre as mortes por Covid-19 em um cenário complexificado da circulação.

A partir dessa etapa, fui coletando notícias relacionadas ao assunto publicadas nos portais de notícias Folha de São Paulo e Portal G1, que apresentam um olhar da morte com o foco jornalístico. No Instagram *COVID Photo Brazil*, que possui um olhar mais artístico e metafórico, foram coletadas as imagens, legendas e comentários. A escolha desses portais de notícias se deu pelo destaque que esses possuem no campo de comunicação. O perfil *COVID Photo Brazil* foi escolhido por ter uma coletânea de imagens de diferentes fotógrafos de todo o país, mostrando assim diferentes e disruptivos ângulos da morte.

Porém, as mudanças e realinhamentos não pararam por aqui. Ao analisar os materiais coletados dos portais de notícias e Instagram, fica perceptível que as imagens não estão sozinhas, mas sim acompanhadas de manchetes, textos, localizações, comentários etc. Dessa forma, ao analisar só as imagens estaríamos deixando de lado indícios que revelam a produção social de sentidos. Por isso, o foco está em analisar as imagens junto com os itens que compõem as notícias.

Além disso, ao optar por analisar o conjunto todo, é possível observar o que circula, o que está presente nas interações e, principalmente, como as imagens auxiliam na dinâmica da circulação. Neste sentido, quando falamos de imagem, falamos da imagem representativa, mas também da imagem imaterial (re) elaborada pelos textos e contextos, discursos e narrativas.

Dessa forma, essa pesquisa traz discussões que enriquecem os estudos da comunicação, pois é um objeto que abrange questões sociais e políticas, nos permitindo assim, refletir sobre as dinâmicas da midiatização frente ao fim inegável do homem e que nem mesmo a imagem consegue afastar.



### 3 EXPLORANDO O CAMPO DE PESQUISA

Quando falamos e pesquisamos sobre a pandemia da Covid-19, é possível encontrar muitos trabalhos falando sobre o assunto, mostrando assim a importância do debate sobre esse acontecimento mundial. Ao buscar no Google Acadêmico os termos “*Coronavírus*” “*Covid-19*” “*pandemia*” fui impactada por muitos artigos e pesquisas recentes. Entretanto, poucas falando, de fato, sobre os sentidos da morte a partir da circulação.

A partir das leituras, principalmente após o texto “*Coronavírus – sentidos em circulação: do laboratório às discursividades sociais*” de Fausto Neto (2020), comecei a buscar pelas palavras “*morte*”, “*Coronavírus*”, “*covid-19*”, “*comunicação*”, “*midiatização*”, “*Instagram*”, “*imaginário e morte*” e fui coletando os materiais que me levassem a pensar em vias diferentes de pesquisa, para que assim, eu pudesse construir uma pesquisa distinta das publicações que já existem. Para explorar um recorte desses materiais, criei uma tabela separando por títulos, para assim, trazer as reflexões sobre a morte, Covid-19, midiatização, imagem, imaginários e circulação.

Tabela 1 – Autores do estado da arte

TÍTULO DO ESTUDO	AUTOR/ANO
A cara da morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo	Clarisse de Franco (2008)
A dança em cima do túmulo: O imaginário da morte enquanto fenômeno cultural	Ralph M. Becker (2008)
A morte midiatizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida	Renata Rezende Ribeiro (2015)
Comportamento em tempos de Coronavírus no Brasil: utilização de <i>hashtags</i> no início do isolamento social	Larissa Ferentz, Murilo Noli da Fonseca, Nicole Santos Accioly, Carlos Mello Garcias (2020)
Capitalismo e a Covid-19: um debate urgente	André Barbosa Filho (2020)
Coronavírus – sentidos em circulação: do laboratório às discursividades sociais	Antônio Fausto Neto (2020)
Covid-19 em revistas no Instagram: uma análise de conteúdo relacionada às orientações do UNICEF e da OMS	Callenciane Ferreira Leão, Luciana Santos Serafim, Dháfine Mazza Nunes, Germana da Cruz Pereira (2020)

Fato ou <i>Fake</i> ? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil	Cláudia Pereira Galhardi, Neyson Pinheiro Freire, Maria Cecília de Souza Minayo, Maria Clara Marques Fagundes (2020)
Imagens e comunicação em tempos de pandemia: o que nos mostra o Instagram?	Cláudia Brandão (2021)
Luto e desigualdade social: uma leitura sócio-histórica sobre a morte e o luto a partir das experiências do território da Brasilândia no contexto da pandemia de Covid-19	Camila Moraes Ferreira (2021)
Morte e imaginário na pandemia da covid-19	Gustavo Said e Camila Calado (2021)
Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a covid-19 no Brasil	Luciana Kind, Rosinei de Cordeiro (2020)
Vozes & audiovisual: a crise do coronavírus e a cobertura do The Intercept Brasil no Instagram	Ana Cláudia Gruszynski, Cristiane Lindemann, Gabriela Gruszynski Sanseverino. (2021)

Fonte: Criada pela autora (2022).

Com a criação da tabela acima, foi possível visualizar os campos de discussão de cada pesquisa, o que permitiu fazer conexões entre elas e explorar o que cada uma dessas abordagens pode contribuir para minha pesquisa. Dessa forma, distribuí em cinco tópicos as contribuições que me ajudaram a aprofundar essa dissertação.

- **Midiatização, Coronavírus, imagem, circulação e sentidos**

O primeiro texto que tive contato em relação ao assunto Covid-19 foi o artigo de Fausto Neto (2020) sobre “*Coronavírus – sentidos em circulação: do laboratório às discursividades sociais*”, na disciplina de teorias da comunicação. Acredito ser importante ressaltar que o contato com esse artigo me fez refletir sobre a importância da minha pesquisa e compreender os diferentes assuntos que um único objeto pode englobar.

Fausto Neto (2020) nesse trabalho apresenta as primeiras imagens que foram utilizadas para ilustrar a Covid-19, sendo a primeira uma reconstituição do vírus, que foi usada em um primeiro momento para divulgação, quando o vírus ainda era algo novo e não explorado. A segunda imagem utilizada, conforme Fausto Neto (2020),

foi uma imagem microscópica, que nos dá a impressão de que o vírus é real e possui um “rosto”. A terceira imagem, que para mim é a mais simbólica, é uma fotografia de uma planta, chamada “a carrapateira”, que possui um formato muito semelhante com a imagem do vírus. A partir dessa terceira imagem, Fausto Neto (2020) apresenta um diálogo entre duas camponesas, em que essas relatam o que sabem sobre o vírus, fazendo uma associação da imagem do vírus com “a carrapateira”:

Quando indagada se conhecia o vírus, respondeu: “Ontem na limpeza da casa eu matei um. E vi ele aqui, embaixo do banco, do jeito desta carrapatinha. Apertei bem e matei com o meu pé”. E respondendo a uma segunda pergunta, como sabia que se tratava dele, “É que vi ele ontem na televisão, era do jeito deste bichinho aqui” – mostrando uma outra carrapateira, cuja referência seria reproduzida tempos depois, por uma agência nacional de pesquisa agrícola. (FAUSTO, 2020, p.70)

Figura 2 – Imagens utilizadas no artigo de Fausto Neto (2020)



Fonte: Fausto Neto (2020).

Essa conexão entre as duas imagens me fez refletir sobre os sentidos, pois a partir da circulação de uma imagem inicial, outros sentidos foram surgindo, mostrando que mesmo sendo um vírus desconhecido, as pessoas começaram a ressignificar a imagem da Covid-19. Dessa forma, Fausto Neto (2020) em um único artigo apresenta os impactos da midiatização, do Coronavírus, da imagem representacional e, principalmente, da circulação e dos sentidos.

Outro estudo que também contribui para a pesquisa e para esse tópico é o trabalho de Brandão (2021), "*Imagens e comunicação em tempos de pandemia: o que nos mostra o Instagram?*", que tem como foco as imagens produzidas por usuários no Instagram, investigando os simbolismos e imaginários pessoais e sociais a partir dos *stories*. Mesmo tendo um direcionamento diferente da minha pesquisa, pois observo as imagens do *feed*<sup>1</sup>, acredito que o estudo das imagens da pandemia e dos estudos de imaginários da autora me fizeram trazer reflexões para os meus observáveis.

A autora (2021, p.184), coloca que as imagens possuem um grande peso na pandemia, pois "[...] quando vemos uma imagem estabelecemos comunicação com uma subjetividade e suas respectivas intencionalidades." (BRANDÃO,2021, p.184). Ou seja, ver ou produzir imagens diz respeito a colocar em movimento pontos de vista sobre o real.

Pensando na reprodução do real, seja no jornalismo ou nas redes sociais, o artigo de Leão, Serafim, Nunes, Pereira (2020) sobre "*Covid-19 em revistas no Instagram: uma análise de conteúdo relacionada às orientações do UNICEF e da OMS*", apresenta uma abordagem importante sobre como as revistas Crescer e Pais & Filhos abordaram a pandemia nos seus perfis do Instagram. Esse trabalho me auxiliou a compreender a questão das imagens em circulação no perfil em que analiso. Por mais que sejam revistas, o que se diferencia do imediatismo dos portais de notícias, neste artigo o foco acaba sendo o *website* das revistas.

Uma das reflexões dos autores são os métodos e as práticas que o jornalismo emprega para levar suas informações, originalmente em notícias, para as redes sociais. Quando falamos de estudos comunicacionais em relação a momentos que afetam toda a sociedade, esse artigo traz os estudos de usos de *hashtags* sobre a epidemia do vírus Ebola na África ocidental, dengue, Chikungunya, Zika, *Aedes aegypti* e microcefalia. Ou seja, reflexões sobre outros problemas de saúde que também tiveram circulação nas redes sociais. Além disso, a metodologia utilizada, por meio de análise por períodos e formatos da plataforma, me ajudou a fazer as seleções de materiais para minhas análises.

---

<sup>1</sup> Conforme colocado pelo suporte do Google, o feed é a página onde se encontram todas as publicações de um perfil, conteúdos que são exibidos em formatos de blocos.

Outra abordagem feita pelos autores é a construção do modo como os conteúdos são levados nas redes sociais, para que assim o público possa ter sua visão de mundo a partir das imagens dos acontecimentos. Isso se conecta com as informações sobre os números de mortos pela Covid-19, mostrando como os portais recebem esses dados e os transformam em notícias.

Para complementar as reflexões desse tópico, o trabalho *“Comportamento em tempos de Coronavírus no Brasil: utilização de hashtags no início do isolamento social”*, dos autores Ferentz, Noli da Fonseca, Santos Accioly, Mello Garcias (2020), me ajudou a levantar informações importantes sobre a pandemia e sobre a rede social que trarei para essa pesquisa, o Instagram. Os autores filtraram as *hashtags* mais utilizadas no Instagram, em um período determinado, e chegaram à conclusão de que essas foram *#coronavirus* (aproximadamente 13 milhões de postagens) e *#covid19* (aproximadamente 7 milhões de postagens). Essa análise me fez despertar o olhar para as operações e para a questão da circulação. A partir do momento que usamos *hashtags*, estamos conectando um conteúdo a um grande grupo.

Por isso, acredito que na minha pesquisa as *hashtags* possam ser um item importante de observação. Conforme o artigo traz, o Instagram é uma plataforma de grande potência entre jovens e adultos, reforçando assim a importância de incluir esse empírico em meu trabalho.

Dessa forma, observando os estudos desse tópico, conseguimos ver a conexão entre o vírus, imagem, circulação e sentidos e como o processo de midiatização está fortemente presente no cenário pandêmico. Além disso, é perceptível que as imagens e o Instagram ganharam ainda mais espaço em tempos pandêmicos e ambos, junto com os portais de notícias, geram reflexões importantes que poderão agregar nos estudos relacionados às “mortes por Covid-19”. Por fim, as metodologias utilizadas nesses estudos foram importantes para fazer a coleta dos meus observáveis.

- **Morte, imagem e imaginário**

Além de pesquisar sobre mortes relacionadas à Covid-19, também procurei me inteirar de estudos que falassem da morte de uma forma mais ampla, para depois poder fazer uma filtragem maior. O livro *“A morte midiatizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida”* de Ribeiro (2015), foi um desses achados que se conecta a um dos eixos da minha pesquisa: morte e midiatização. O

livro, que nasceu a partir da tese da autora, apresenta as comunidades do Orkut e Facebook que reúnem perfis de pessoas que já faleceram, uma conexão da morte “real” com a morte virtual.

A partir da discussão da digitalização da morte, Ribeiro apresenta uma linha do tempo em que ela traça as transformações da morte, apresentando reflexões para o meu trabalho na questão dos sentidos da morte. Por exemplo, antes da pandemia os ritos eram o que marcavam a despedida, porém, com o vírus, o coletivo precisou se tornar individual. Acredito que as reflexões das transformações trazidas por Ribeiro (2015) podem ser um bom norte para o meu trabalho.

Outro trabalho que também contribui para pensar na morte em uma linha do tempo, antes e durante a pandemia, é o artigo “*Morte e imaginário na pandemia da covid-19*” de Said e Calado (2021), que debate sobre a morte e o imaginário na pandemia, colocando que tivemos uma produção muito acelerada do imaginário, e que isso acabou impactando no simbólico-imaginário. Este artigo, nos próximos capítulos, será bastante utilizado na parte teórica, com objetivo de compreender os estudos do imaginário na pandemia.

Compreendendo que a temática da morte é ligada fortemente à nossa cultura e imaginário, o texto “*A dança em cima do túmulo: O imaginário da morte enquanto fenômeno cultural*” de Ralph M. Becker (2008) me permitiu compreender melhor a questão do imaginário e da morte, trazendo diferentes culturas em um único texto. Becker (2008) apresenta em seu texto a diversidade sobre o entendimento da morte nas mais diversificadas culturas, colocando que ao estudar sobre a morte e os mortos, ingressamos em um sistema cultural e simbólico (BECKER, 2008, p.138). Ao estudar a morte também entramos em questões antropológicas, que conforme coloca o autor (2008), acabam nos levando a estudar também o imaginário cultural da morte.

Além disso, Becker (2008) explica que a morte ganha diferentes sentidos, pois “...para o mundo ocidental, a vida contrasta com a morte; para as outras sociedades, morte é a continuação da vida.” (BECKER, 2008, p. 147,148). Dessa forma, o imaginário cultural nos permite ter mais diferenciações sobre os sentidos da morte.

Diante do trabalho de Becker (2008), pude notar a importância da conexão do imaginário e da morte em minha pesquisa, pois as mortes por Covid-19 nos fizeram ter muitas mudanças em nossa cultura, e por isso, fiquei me questionando: como

nosso imaginário cultural em relação à morte mudou? Portanto, acredito que o trabalho do autor me ajudou na expansão dos estudos ligados ao imaginário e à morte.

Já nas buscas por estudos no campo da psicologia, encontrei um grande achado, o trabalho *"Luto e desigualdade social: uma leitura sócio-histórica sobre a morte e o luto a partir das experiências do território da Brasilândia no contexto da pandemia de Covid-19"*, de Camila Moraes Ferreira (2021). Além de apresentar no título a temática da Covid-19, a pesquisa reforça a dificuldade e a importância da temática da morte no universo acadêmico. Falamos da vida, mas precisamos também falar da morte.

Ferreira (2021) coloca que "novas relações com o morrer se impuseram e novos processos de luto foram inaugurados, transformações que promoveram discussões recorrentes não apenas no âmbito acadêmico, mas também nos meios midiáticos e no cotidiano da própria população" (FERREIRA, 2021, p.17). Isso reforça a minha problemática de pesquisa, afinal, os meios de comunicação nos estimularam a pensar em diferentes sentidos sobre as mortes por covid-19.

Além disso, Ferreira (2021) coloca a questão social conectada à morte, pois "a morte não se encerra enquanto um fenômeno biológico, portanto, deve ser discutida enquanto questão social" (FERREIRA, 2021, p.36). Por isso, acredito que os estudos da autora são importantes para explorar mais a questão da morte no âmbito da antropologia.

Portanto, trazendo para o ambiente da minha pesquisa, quando os meios de comunicação e as redes falam sobre as mortes por Covid-19, vemos muito além da informação, mas a problemática que morrer não é apenas uma questão sanitária. A problemática da morte é uma questão política, econômica, cultural, mas principalmente social.

Para finalizar esse tópico, outra pesquisa que também me possibilitou abrir os horizontes, foi o trabalho *"A cara da morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo"* de Clarissa de Franco (2008), que explora a questão do imaginário em relação à morte por meio dos relatos de sepultadores de São Paulo. Isso me despertou curiosidade, pois, conforme será abordado em outros capítulos, os sepultadores são sujeitos bastante presentes no cenário da Covid-19.

Franco (2008) coloca que "as imagens, os símbolos, as representações e a linguagem são alguns dos elementos de conexão que compõem o imaginário"

(FRANCO, 2008, p.11). Portanto, diante do cenário da Covid-19, em que a nossa realidade mudou rapidamente, podemos compreender que os elementos citados pela autora auxiliam o nosso imaginário a constituir a nossa percepção de mundo. Além disso, a autora (2008), nos instiga a pensar que "o imaginário pode ser compreendido como o "conector" entre os mundos externo e interno do indivíduo, no âmbito simbólico." (FRANCO, 2008, p.11).

Dessa forma, fica evidente que todos os trabalhos trazidos aqui me ajudaram também no campo de estudo do processo de mediação, pois quando falamos da morte, imagem e imaginário, conectamos e atravessamos muitos campos de estudo. Essa transversalidade me permitiu deixar a pesquisa ainda mais enriquecedora e me possibilitou compreender os caminhos do problema de pesquisa.

- **Comunicação e Jornalismo**

Com a chegada da pandemia, o universo da comunicação, em destaque o jornalismo, sofreu transformações devido a inúmeros fatores, mas alguns acredito que se sobressaíram mais: notícias falsas, distanciamento social e atualização dos dados oficiais sobre o vírus. Por isso, os recortes das pesquisas que apresento nesse tópico, reafirmam minha justificativa de pesquisa: a importância do papel da comunicação em tempos em que as *fake news* estão por todos os lados.

A partir do livro "*Capitalismo e a Covid-19: um debate urgente*", Barbosa Filho (2020), apresenta em seu ensaio "*Comunicação e Covid-19*", o papel da comunicação, mais especificamente os meios tradicionais, em tempos de pandemia. A problemática deste trabalho é a linguagem dos veículos, que a partir do discurso social, buscam resgatar a credibilidade e espaço na opinião pública. O autor (2020) coloca que, mesmo com a imensidão de informações nas redes sociais sobre o vírus, a população buscou informações a partir do jornalismo (veículos de comunicação tradicionais).

Barbosa Filho (2020) coloca que a audiência da TV no Brasil aumentou após o isolamento social, fazendo uma comparação com outros eventos mundiais — Copa do Mundo e Olimpíadas —, enfatizando o quanto os brasileiros buscaram informações sobre a pandemia. Entretanto, essa procura de informação, desperta o olhar das emissoras, principalmente as que possuem sinal aberto, colocando que a audiência está conectada com a credibilidade das notícias em tempos de crise (BARBOSA FILHO, 2020). O autor (2020), coloca que diante das pesquisas, as fontes mais confiáveis foram cientistas médicos, funcionários da OMS, e que entre



os entrevistados, 85% afirmaram que preferem mais os cientistas aos políticos. Aqui, acredito ser importante destacar um trecho da pesquisa, que enfatiza a relevância do jornalismo:

Um estudo global divulgado pela agência de comunicação Edelman mostra que em meio à pandemia de Coronavírus os veículos da grande imprensa aparecem como a fonte de informações mais confiável para 64% das pessoas. Antes da crise de saúde que atinge todos os continentes, havia uma tendência de baixa credibilidade do jornalismo e das fontes de conhecimento, como a ciência. (BARBOSA FILHO, 2020, p.50).

A partir disso, Barbosa Filho (2020) vai apresentando as conexões com os campos da comunicação, economia e política. Ao ler sobre esse trabalho, foram me despertando algumas ideias sobre a minha pesquisa. Ver que a população busca por informações por meio do jornalismo, reforça a importância de trazer as análises dos portais de notícias, junto com as análises do perfil do Instagram. Aqui um destaque ainda maior: Barbosa Filho (2020) coloca que as pessoas buscam mais os meios tradicionais do que as redes sociais. Por isso, minhas análises em relação aos sentidos da morte por Covid-19, por meio da circulação, trarão o contraste entre portais de notícias e redes sociais.

Outro estudo que também apresenta as problemáticas da comunicação é o artigo "*Voices & audiovisual: a crise do Coronavírus e a cobertura do The Intercept Brasil no Instagram*" das autoras Gruszynski, Sanseverino, Lindemann (2021). Com foco nas mudanças das narrativas jornalísticas, o trabalho aborda a cobertura da pandemia a partir do The Intercept Brasil nos *stories*, tendo como foco a análise audiovisual, a fim de compreender a credibilidade das narrativas das informações. Além disso, esse estudo aponta o impulso das redes sociais no cenário de isolamento social. As autoras salientam que o The Intercept Brasil foi originado no meio digital, e que com a chegada da pandemia, o jornalismo foi sofrendo transformações.

O *Digital News Report* de 2020 (Newman et al, 2020) indica que com a crise do Coronavírus, as mudanças no comportamento do público ao consumir notícias no ambiente digital foram exacerbadas, e podem ter efeitos a longo prazo para o jornalismo. Os jovens consumiram mais notícias através de serviços como Instagram, Snapchat e TikTok.[...] A mídia adotou essas novas tecnologias para trabalho remoto, mas também para produção e distribuição de conteúdo. (GRUSZYNSKI, SANSEVERINO, LINDEMANN, 2021, p. 130)

Com um foco importante nas mudanças do jornalismo, as autoras (2021) colocam que diante de tantos movimentos tecnológicos, editoriais, de linguagem e dos próprios profissionais da comunicação, houve uma abertura para novas formas de circulação, oferecendo novos mercados para os modelos de organização do jornalismo. Com empíricos que mostram os profissionais trabalhando no dia a dia da pandemia, as autoras destacam a importância do jornalismo (2021, p.132) "O conhecimento dos fatos é fundamental para a tomada de decisões, para os processos políticos e a participação social e, nesse sentido, atividade jornalística é essencial às sociedades democráticas." Por fim, ainda analisando essa pesquisa, há um olhar para a crise funerária, colocando em ênfase a fala de Jair Bolsonaro "eu não sou covão", a fim de mostrar a importância do jornalismo para um país mais democrático.

Dessa forma, é notável que esse estudo explora pontos importantes que trago no meu objeto de pesquisa: a morte. Outro ponto curioso é que inevitavelmente todos os campos se conectam, mostrando que mesmo sem citar a midiatização, essa está bastante presente quando falamos da pandemia do Coronavírus.

Por fim, mas não menos importante, trago também uma pesquisa focada nas notícias falsas, o artigo "*Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil*", de Galhardi, Freire, Minayo, Fagundes (2020). Com a abordagem do quanto as notícias falsas prejudicam o sistema de saúde, o trabalho é baseado nas notificações do aplicativo brasileiro *Eu Fiscalizo* uma ferramenta que "viabiliza aos usuários que avaliem conteúdos veiculados nos meios de comunicação, entretenimento, plataformas digitais e, por meio dele, possam notificar conteúdos que julguem impróprios, exercendo, assim, sua cidadania pelo direito à comunicação e ao entretenimento de qualidade" (2020, p.4203).

As principais *fake news* abordadas neste estudo estão ligadas a: métodos caseiros para prevenir o contágio da Covid-19, métodos caseiros para curar a Covid-19, golpes bancários, golpes/arrecadações - instituições, a Covid-19 como uma estratégia política. Ou seja, percebemos que além do caos do vírus, há o surgimento de outros problemas desencadeados pela pandemia. Os resultados desse artigo apontam que o WhatsApp, Instagram e Facebook foram os principais canais de disseminação das notícias falsas. Desse modo, fica evidente o papel do jornalismo, pois conforme colocam Galhardi, Freire, Minayo, Fagundes (2020) essa confusão de

informações falsas prejudica a ciência e o sistema de saúde, dois campos essenciais para o combate à pandemia da Covid-19.

E, como acabar com as *fake news*? Essa é a pergunta que instiga a mídia e a sociedade atualmente. Trata-se de uma empreitada difícil e complexa. O que se pode recomendar é que o cidadão sempre confira o conteúdo propagado vindo de supostas fontes oficiais. Paralelamente, é necessário que as instituições aumentem o nível de informações confiáveis acessíveis para a toda a população. Muitos pesquisadores que atuam no campo da comunicação ressaltam que a tentativa de regular os conteúdos é uma manobra delicada, pois ela pode flertar com a censura, o que é abominável. A melhor abordagem regulatória possivelmente seja atuar diretamente no debate público, aumentando a consciência social sobre os impactos deletérios das *fake news* (GALHARDI, FREIRE, MINAYO, FAGUNDES, 2020, p. 4208)

Portanto, a pesquisa desses autores (2020) mostra o quanto não apenas o jornalismo é ameaçado pelas *fake news*, mas todos os campos da sociedade. Dessa forma, fica ainda mais evidente a importância dos estudos da comunicação, pois enfatiza o quanto uma informação equivocada, seja intencional ou não, pode desenvolver muitos problemas sociais. De modo geral, a partir dos recortes desses artigos, é possível notar que ambos ressaltam os desafios dos meios de comunicação, pois com os avanços da tecnologia, não temos apenas agilidade, mas também o surgimento de novos problemas.

- **Gripe Espanhola**

Quando falamos em pandemia, pensamos: mas o mundo não passou por algo semelhante na Gripe Espanhola? O que mudou de 1918 para 2020? Dessa forma, durante o meu trajeto de estudo da arte, encontrei um trabalho muito rico sobre essas comparações de eventos conectados ao vírus, que me fez refletir o modo como a pandemia do Coronavírus é vista pelos líderes mundiais.

O artigo "*Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a Covid-19 no Brasil*", de Kind e Cordeiro (2020), apresenta um olhar de dois cenários críticos do país, trazendo as dificuldades, contrastes e até semelhanças. Trago aqui um recorte do artigo, que faz com que o leitor se pergunte: estamos falando de qual vírus? A semelhança é grande entre ambos e reforça a importância de trazer informações sobre a gripe espanhola para meu trabalho:

Apesar dos esforços da comunidade médica e de pesquisadores da época, havia desconhecimento sobre a doença, cujo contágio era acelerado e com alta incidência de letalidade. Adriana da Costa Goulart (2005) argumenta que os conhecimentos da medicina sobre o agente infeccioso, formas de transmissão e terapêutica se dispersavam em múltiplas interpretações. A falta de conhecimento da medicina e da ciência sobre o contágio, diagnóstico e tratamento e a lentidão dos governos em darem respostas satisfatórias fizeram com que as pessoas se sentissem entregues à própria sorte. (KIND e CORDEIRO, 2020, p.5)

Vemos aqui que há muitas semelhanças entre os dois momentos, e que certamente poderíamos usar uma reflexão de 1918 para o momento que presenciamos no início de 2020. Além disso, outro ponto muito importante que destaco neste estudo é a transversalidade dos campos, pois mesmo com um foco na psicologia, a política, a ciência e a comunicação estão fortemente presentes nos debates.

Se na gripe espanhola em 1918 tínhamos uma restrição na forma de informar, apenas o jornal impresso, na pandemia da Covid-19 o que não faltaram foram formas de comunicar. As autoras (2020) trazem para análise a página do Instagram *@inumeráveismemorial* que apresenta as histórias de pessoas que partiram devido ao contágio do vírus. E é nesse ponto que a pesquisa me chamou atenção: a capacidade de reunir tantos debates importantes, trazendo fatos históricos, reflexões sobre duas pandemias diferentes e, ao mesmo tempo, de utilizar uma rede social como empírico.

Os rituais da morte, o número de mortos, os descasos do governo Bolsonaro são trabalhados nesses artigos, enfatizando mais uma vez que a situação, tanto da Covid-19, quanto da gripe espanhola não foram apenas uma gripezinha, mas momentos históricos que marcaram fortemente a história do Brasil. Portanto, acredito que olhar para o passado, no caso a Gripe Espanhola, é também identificar as mudanças de cenários comunicacionais, sociais e como as imagens se acoplam, intensificando relações com imaginários sociais.

- **Colaborações das pesquisas à tessitura da dissertação**

Com a criação dos tópicos por temáticas, pude compreender o quanto cada tema foi se conectando com a problemática de minha pesquisa. Além disso, olhar para todos esses trabalhos me fez compreender também para quais áreas da comunicação minha dissertação contribuirá, em diálogo com outros campos.

A partir do estado da arte, pude organizar a coleta das materialidades, com o objetivo de compreender quais observáveis se destacam e enriquecem a pesquisa.

Diante disso, percebi que explorar a questão dos sentidos da morte na pandemia, a partir da circulação, é algo que não encontrei nas pesquisas, e por isso, esse aprofundamento é de grande importância.

Outra contribuição potencial que identifiquei é o modo como serão mostradas as imagens na dissertação. Eu tinha dúvidas sobre como trazer as imagens, de mostrar como essas foram se modificando. Com as leituras do estado da arte, compreendi que a criação de uma linha do tempo dessas imagens é uma forma de compreender as mutações dessas e de entender por que essas são colocadas em circulação, rompendo com a nossa própria cegueira diante dos fluxos comunicacionais. Ou seja, há processos complexos engendrados pelo e no tempo que nos interessa compreender.

Portanto, vejo que minha dissertação, mesmo tendo um foco na morte, contribui de uma forma mais intensa para os estudos de sentidos e de circulação, reforçando o quanto os estudos sobre a midiatização são relevantes em um cenário de constantes mudanças, inclusive onde nossos objetos estão em processo. Além disso, minha dissertação mostra a quebra do tabu de debater sobre a morte, enfatizando que precisamos falar sobre ela, seja no cotidiano, seja na academia.

#### 4 O CENÁRIO PANDÊMICO E OS PROCESSO DE MUDIATIZAÇÃO

Estudar um objeto que se modifica em um rápido espaço de tempo, além de ser um grande desafio, é também uma forma de olhar para o passado e observar como a morte é retratada, por meio da comunicação, diante de episódios que são constituídos por incertezas em todos os campos da sociedade. Conforme coloca Fausto Neto (2020, p.67), “o trabalho do vírus desencadeia na organização social mudanças e transformações envolvendo: ambiências, rotinas, interações, práticas, produtos, serviços, processos e formas de aprendizagens, rituais etc”. Dessa forma, quando falamos das mortes por Covid-19, estamos falando de política, de cultura, de economia, de saúde pública.

A Covid-19 chegou na vida de todos como um vírus desconhecido. Inicialmente foi considerada por alguns governantes, e até mesmo por médicos, como por exemplo o médico brasileiro Drauzio Varella, como um vírus sem grande importância, apenas um novo tipo de resfriado. Entretanto, rapidamente, o vírus levou milhares de pessoas a óbito. Com o surgimento dos primeiros casos em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China, o Brasil, e todos os outros países, ainda não tinham a dimensão do cenário caótico que enfrentariam. Entretanto, o alerta foi dado, mas a Covid-19 parecia inofensiva em um primeiro momento.

Diante disso, tivemos a circulação de muitas informações sobre o vírus, tanto verdadeiras, como falsas, as quais tinham o papel de contextualizar o que estava acontecendo. As informações não vinham apenas dos portais de notícias, mas também das redes sociais, como por exemplo o Instagram. Dessa forma, instalou-se uma disputa de sentidos, questionando o que de fato era verdadeiro e o que era falso, e ao mesmo tempo mostrou o quanto o processo de midiatização esteve fortemente presente na pandemia, pois conforme coloca Verón (2014):

“[...]a história da midiatização pode ser contada como a interminável disputa entre grupos sociais confrontados, tentando estabilizar sentidos; disputa que se torna, no decorrer da história da nossa espécie, cada vez mais complexa e condenada ao fracasso.” (VERÓN, 2014, p.17).

Os primeiros casos brasileiros surgiram em fevereiro de 2020, originados de pessoas que haviam viajado para a Itália. Além disso, em fevereiro, o Ministério da Saúde notificou a importância de olhar para o vírus com uma certa emergência. Mas

o vírus de fato começou a ganhar maiores proporções em março, quando foi registrada a primeira morte por Covid-19 em São Paulo, e quando o Ministério da Saúde afirmou que a transmissão comunitária já estava ocorrendo por todos os estados do Brasil.

O Brasil, além de ter que lidar com todas as dificuldades do vírus, teve também de lidar com outras dificuldades: trocas frequentes de ministros da saúde, incentivo do governo sobre tratamentos precoces sem comprovação de eficácia, dificuldade em agilizar e apoiar as possíveis vacinas. Os atritos políticos são apenas a ponta de um grande iceberg de problemas.

Sem saber como de fato combater o vírus, o isolamento social, também chamado de *lockdown*, foi uma das principais estratégias para conter o vírus. Entretanto, na medida que a população foi se isolando, novos problemas começaram a surgir.

Instaurada a pandemia da Covid-19, a crise no sistema de saúde foi uma das primeiras das grandes consequências que o país enfrentou. Com um alto número de casos, hospitais de campanha foram montados, mas mesmo com esse aumento de atendimentos e leitos, o número de Unidades de Terapia Intensiva (UTI), de oxigênio e de equipes médicas não foram suficientes para dar suporte para a população. As equipes de saúde, na medida que salvavam vidas, colocavam as suas em risco também. O movimento para que as pessoas ficassem em casa foi bastante intenso, pois os profissionais da saúde imploraram por esse cuidado, pois sabiam que não poderiam salvar todas as pessoas.

Junto com os problemas do sistema público e privado de saúde, a crise funerária, que está conectada à saúde, trouxe a escassez de caixões e covas. Diante de tantos mortos, hospitais alocaram câmaras frias e contêineres para colocar os mortos que esperavam por um local para serem enterrados, pois os necrotérios não estavam dando conta de armazenar os corpos. Porém, os problemas não pararam por aí. Para ocorrer os enterros, os coveiros também colocaram suas vidas em risco. Além de longas jornadas de trabalho, esses profissionais se depararam com a falta de equipamentos de segurança (máscaras, luvas, roupas especiais). Assim como os médicos, muitos colocaram suas vidas em risco.

Diante todo o caos no sistema sanitário, a crise econômica e política se instalaram de forma ainda mais intensa. Na medida em que a população se isolou,

estabelecimentos foram fechando, e junto disso iniciou-se uma grande onda de desempregos. Em cenários como esse, o papel do Estado é proteger a população, fazendo com que a saúde esteja em primeiro lugar. Entretanto, ao invés disso, o ex-presidente Jair Bolsonaro, por inúmeras vezes, incentivou a abertura do comércio e o não isolamento social, colocando também que o vírus era apenas uma *gripezinha*. Neste cenário, foi possível ver uma grande polarização, pois ao mesmo tempo em que a população precisava se proteger, nem todos conseguiram encontrar formas de seguir suas rotinas de trabalho de maneira remota. Dessa forma, uma parcela da sociedade defendeu o isolamento e outra não. Aqui fica evidente que faltaram medidas do governo, para de fato ajudar a população a se manter isolada.

Observando todas as crises desencadeadas pela Covid-19, percebe-se que todas estão atreladas, de alguma forma, à política. Vimos durante a pandemia inúmeras trocas de ministros da saúde e, em alguns casos, conflitos entre esses e o ex-presidente. Em alguns momentos, o cenário político trouxe tanto caos, que os casos e os mortos pelas Covid-19 ficaram em segundo plano diante de tanta falta de responsabilidade do governo. Enquanto médicos e coveiros estavam na equipe de frente, Bolsonaro se esquivava de suas responsabilidades. Ao ser questionado sobre o número de mortos, Bolsonaro relatou, durante um pronunciamento em março de 2020, que ouviu dizer que outras gripes mataram mais que o Coronavírus. Ou seja, que havia gripes piores do que o vírus da Covid-19.

Todo esse cenário caótico e as posições tomadas pelo governo circularam de forma intensa na mídia e nas redes sociais, pois devido ao isolamento, o meio digital se transformou no lócus por onde a vida corria e ocorria. Segundo a pesquisa feita por pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que contou com 831 participantes, no período do dia 12 a 19 de abril de 2020, a televisão, seguida por sites de notícias foram os meios que os participantes da pesquisa mais utilizaram para se informar sobre a Covid-19. Os assuntos mais destacados na procura foram: as formas de atuação do governo, descobertas científicas e recomendações sobre as medidas de prevenção contra o vírus.

Diante desses dados, podemos considerar que as informações e decretos guiaram a vida da população, e por isso, a busca por orientações por meio da comunicação se tornou ainda mais essencial em meio à pandemia. Verón (2014, p. 16) coloca que “[...] o crescimento de um meio (ou vários) operando através de um novo dispositivo técnico-comunicacional, tipicamente produz efeitos radiais, em



todas as direções, afetando de diferentes formas e com diferentes intensidades todos os níveis da sociedade funcional.”, ou seja, ao sermos impactados por tantas informações, nossa forma de viver é modificada.

Com notícias que informavam o aumento de casos diários, o aumento do medo do contágio e da aproximação da morte se intensificou. Na medida em que o contágio cresceu, o número de mortos se tornou alarmante. Dessa forma, notamos também as mudanças em relação à cultura da morte, pois o que parecia distante, como por exemplo a morte por velhice, dá espaço para a morte a qualquer momento, como uma presença constante.

Segundo Elias (2001, p.12) os questionamentos sobre a natureza da morte vão se alterando ao longo do desenvolvimento da sociedade. Com a chegada da pandemia, as nossas compreensões e até mesmo a nossa cultura em relação à morte e aos ritos foram se adaptando ao novo cenário. Além disso, Elias (2001) coloca que os meios de comunicação colaboram para a nossa experiência da morte. Logo, na medida que recebemos notícias e postagens, as percepções e sentidos que temos sobre a morte vão se modificando.

Ariès (1982), explica que “nos tratados de espiritualidade dos séculos XVI e XVII, portanto, não se cuida mais, ou pelo menos isso não é primordial, de preparar moribundos para a morte, mas de ensinar aos vivos a meditar sobre ela” (ARIÈS, 1982, p.330). Sendo assim, percebemos que quando falamos da morte, desde os séculos passados, sempre estamos buscando trazer reflexões para os vivos. Esse pensamento se conecta com os estudos de Elias (2001), que apresenta que a problemática da morte é algo dos vivos, que os mortos não possuem esse problema, pois “entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos.” (ELIAS, 2001, p.100).

Outro ponto importante é a romantização da morte. Ariès (1982) em seus estudos coloca que quando se fala sobre o medo de morrer, podemos inserir esse receio no mesmo “lugar” em que o amor é inserido, no imaginário. “Quando o medo da morte entrou, ficou confinado no lugar em que o amor se manteve tanto tempo ao abrigo e afastado, e de onde só os poetas, romancistas e artistas ousavam fazê-lo sair: no mundo imaginário.” (ARIÈS, 1982, p.442).

Dessa maneira, o receio de morrer desde a chegada da pandemia se tornou diário, e a aproximação dessa, que tanto é evitada, se tornou um temor coletivo. A medicina sem dúvida evolui a todo momento, nos dando uma expectativa de vida

maior, mas mesmo com todas essas evoluções “[...] a morte é um dos fatos que indica que o controle humano sobre a natureza tem limites.” (ELIAS, 2001, p.100).

Ao observar todos os impactos que a pandemia trouxe, aqui focando nos sentidos da morte, nota-se que houve uma mudança na forma de comunicar, pois além dos meios de comunicação trazerem informações e atualizações sobre vírus, esses também precisaram enfatizar a importância dos cuidados para evitar o contágio e até mesmo a morte. Em vários momentos, os meios mostraram como utilizar a máscara corretamente e como higienizar as compras, didatizando modos de comportamento.

Além disso, como apresentado no capítulo do estado da arte, durante a pandemia foi possível ver um impulso das redes sociais, fazendo com que conteúdos jornalísticos se adequassem aos formatos das redes sociais, como por exemplo vídeos mais curtos, diferente de grandes reportagens audiovisuais. Ou seja, uma prova da transformação da comunicação na pandemia.

Pensando nas mudanças do jornalismo e das redes sociais, podemos ver que o jornalismo assumiu um tom didático sobre formas de prevenção e que o Instagram se tornou, de certa forma, uma janela para a vida, quando ficamos presos em nossas casas. Dessa forma, as redes sociais foram espaços de troca sobre o cotidiano afetado por algo invisível e para falar de um vírus desconhecido. Logo, nossos modos de viver e sentir foram permeados por mediações tecnológicas, fazendo com que a ambiência influenciasse nas formas de comunicar, revelando muitas vezes que a morte foi usada para falar da vida, notando-se assim a marca da midiatização.

Dessa maneira, como apresentado no início do capítulo, os traços do processo de midiatização estão presentes de forma intensa no contexto pandêmico. Com o isolamento social, se comunicar de forma remota foi essencial, e muitas vezes, o meio mais seguro para se proteger do vírus.

Conforme colocam Couldry e Hepp (2020), “a construção do mundo social por meio das comunicações se modificou ao longo do tempo” (COULDRY E HEPP, 2020, p.53). Dessa forma, compreende-se que o conceito de midiatização é central para entender as mudanças sociais e comunicacionais diante do vírus da Covid-19, pois segundo os autores (2020, p.54), é por meio da midiatização que conseguimos analisar as transformações não só nas mídias, mas também na cultura e na sociedade.

Diante das informações das mídias sociais, podemos visualizar que em alguns casos, as interações e comentários dos atores sociais divergem do que está sendo informado. Ou seja, podemos verificar que um mesmo conteúdo pode gerar diferentes interações. Gomes (2017) apresenta que essas diversificadas interpretações são marcas da midiatização, considerando que a sociedade se organiza a partir dos meios de comunicação.

O conteúdo da comunicação é a expressão da vida dessa sociedade: passado, presente, futuro, histórias, sonhos etc. O resultado é o compartilhamento de vivências entre as pessoas de todas as gerações. O processo comunicacional possibilita os avanços da sociedade, sempre em níveis cada vez mais complexos. (GOMES, 2017, p.68)

Compreende-se que o processo de midiatização se altera conforme o contexto, e por isso, é importante cuidar o período histórico. Não podemos generalizar ou falar de midiatização como um processo universal, pois conforme coloca Verón (2014):

A midiatização certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. (VERÓN, 2014, p.14).

Complementando essa consideração sobre os estudos ligados à midiatização, Verón (2014) também coloca que independentemente do determinismo tecnológico "em qualquer tempo, a apropriação pela comunidade de um dispositivo técnico pode tomar muitas formas diferentes." (VERÓN, 2014, p.16). Pensando dessa forma, o processo de midiatização é marcado por um movimento não linear, pois tudo está interligado com a maneira que as comunidades se apropriam dos meios, refletindo assim diretamente na realidade social, dentro do espaço e tempo em que esses vivem.

A partir dessas reflexões, é possível notar que a pandemia está imersa no ambiente midiatizado, e que o processo de midiatização é importante para entendermos esse acontecimento histórico, pois conforme Gomes (2017, p.40) "a midiatização é a chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade". Ou seja, a partir dos estudos sobre midiatização, é possível identificar os impactos da pandemia e compreender o impacto da comunicação nessa realidade.

Pode-se notar que as mudanças sociais são acompanhadas pelo universo comunicacional, pois ao falarmos de um acontecimento que afeta a vida de todos, os meios de comunicação estão presentes. Portanto, “a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais. Por isso, é possível falar da mídia como um *locus* de compreensão da sociedade” (GOMES, 2017, p.40).

É evidenciado diante da pandemia que o ambiente midiático (COULDRY E HEPP, 2020), se transformou e ainda se transforma de uma maneira rápida. Por isso, os estudos sobre as ondas de midiatização são de grande importância, para que se possa entender como o espaço e o tempo influenciam nas mudanças sociais e comunicacionais.

Definimos uma onda de midiatização como uma mudança qualitativa fundamental nos ambientes das mídias, suficientemente decisiva para constituir uma fase distinta no processo contínuo de midiatização, mesmo quando se admite formas bem diferentes que tais ambientes podem tomar em contextos específicos, sejam locais, regionais ou nacionais. (COULDRY E HEPP, 2020, p.59).

A definição de Couldry e Hepp (2020) auxilia a pensar em como o jornalismo e as redes sociais construíram as notícias e as publicações ligadas a mortes por Covid-19 e de como essas impactaram na construção dos sentidos da morte. Como colocam os autores (2020), as mudanças qualitativas se referem “às diferenças sociais e culturais que as comunicações mediadas produzem em níveis mais elevados de complexidade organizacional” (COULDRY E HEPP, 2020, p.54).

A partir dessas mudanças qualitativas, é possível verificar três tipos de ondas: mecanização, eletrificação e digitalização. A primeira foi caracterizada quando o meio midiático se tornou mecanizado. A segunda é marcada pela modificação de todo esse ambiente midiático, que foi repleto de múltiplas inovações. A terceira, a digitalização, é a onda explorada nesta pesquisa, pois está fortemente conectada aos portais de notícias e às redes sociais. Por isso, é necessária uma atenção maior sobre o conceito dessa terceira onda:

A terceira onda é a digitalização, que pode ser relacionada ao computador e aos vários meios digitais, bem como à internet, ao telefone celular e a integração cada vez maior de “inteligência” de base computacional à vida cotidiana, por meio dos quais os conteúdos digitais tornam-se livremente intercambiáveis”. (COULDRY E HEPP, 2020, p.60).

Diante desses conceitos, é importante analisar na onda da digitalização o comportamento além das mídias, mas também dos atores sociais, como esses usam e exploram essas mídias. Na realidade pandêmica, devido ao distanciamento social, as mídias conformaram uma forma de realidade social. Os ritos e as despedidas muitas vezes foram simbolizados e feitos pela internet (redes sociais). A marca da midiaticização, especificamente na terceira onda, é bastante presente nessa questão, pois comunicar-se de forma digital se tornou essencial para sobreviver.

Essa intensificação da digitalização não ocorreu apenas para os atores sociais, mas também para o jornalismo. Vimos os meios de comunicação buscando formas de publicar informações credíveis, com dados e explicações, visto que a população optou pelo jornalismo tradicional (portais de notícias, televisão, rádio) como uma fonte confiável para informações, pois compreenderam que nesses meios poderiam encontrar notícias cuja produção, aparentemente, conta com o preceito do compromisso da verdade, conforme relatado no capítulo sobre o estado da arte.

Dessa forma, por mais que as redes sociais sejam um destaque na pandemia, o jornalismo também teve um papel importante na questão midiática, enfatizando a discussão em que os autores (2020) colocam que as “velhas mídias” também se tornaram digitais. Além disso, há um ponto bastante interessante ao pensar nessas “novas” e “velhas” mídias. No caso aqui estudado, o objeto é explorado por meio dos portais de notícias, que têm vinculação com o jornal – “a velha mídia” –, e o Instagram – “a nova mídia”. Podemos notar uma conexão entre os meios, pois algumas imagens se encontram tanto nos portais, quanto nas redes sociais. Couldry e Hepp (2020) colocam que esse inter-relacionamento entre as mídias é uma das características das ondas de midiaticização.

Entretanto, olhando de um panorama mais amplo, temos uma problematização do conceito de novas e velhas mídias. Mas por quê? Ao vermos as notícias dos portais, que se encaixam em novas mídias, percebemos muitas características das velhas mídias: manchete, linha de apoio, legenda das imagens. Indo mais além, ao abrirmos o aplicativo de música Spotify encontramos todos os botões dos aparelhos de rádio. Dessa maneira, acredito que é preciso analisar além dos conceitos, pensando que as mídias mais antigas, de certa forma, estão também presentificadas nas novas mídias. Portanto, não precisamos pensar dentro dos conceitos de velho e novo, da dualidade, mas sim pensar em um processo de atualização ou até mesmo de adaptação das mídias.

Outro ponto de atenção e cuidado na questão dos processos midiáticos nesse estudo são as ações dos atores sociais. Conforme coloca Fausto Neto (2009), a midiatização é acompanhada pelo descentramento de “lugares de fala” (FAUSTO NETO, 2009). Logo, temos os atores sociais participando da construção das informações e dos sentidos. Ao observar as contribuições dos atores sociais é preciso cautela para não haver uma generalização dos processos e caminhos diante do cenário da digitalização. Para isso, é necessário observar as ações e operações, que consequentemente impactam na circulação.

E o que se observa é o fato da portabilidade tecnológica produzir dois efeitos complexos. Ou traz o receptor para o centro dos processos produtivos midiáticos, ou faz migrar para novas buscas de meios e de protocolos de consumo, abandonando velhos pactos de fidelização com antigas mídias. Ou seja, coloca-se uma reformulação radical nos processos de interação, entre os meios e seus consumidores. (FAUSTO NETO, 2009).

Portanto, olhando para as materialidades que serão estudadas aqui, o aumento das possibilidades de meios de comunicação para acompanhar as informações sobre Covid-19 gera um processo de midiatização profunda (COULDRY E HEPP, 2020, p.78), que conforme explica Hepp (2020), é “um estágio avançado da midiatização, no qual todos os elementos do nosso mundo social estão profundamente relacionados às mídias e suas infraestruturas” (HEPP, 2020). Sendo assim, foi possível perceber que grande parte das mídias foram usadas não apenas para informar, mas também para compreender o ambiente social em que estávamos inseridos.

Dessa maneira, temos aqui também um aumento da circulação por meio de comentários, interações, compartilhamentos, que consequentemente podem interferir nos sentidos da morte. Por isso, a escolha de observar o perfil do Instagram e os portais de notícias são importantes, pois a partir desses será possível analisar, ao longo desta dissertação, esse processo de midiatização. Neste sentido, no capítulo de análise, serão trazidos os traços do processo de midiatização por meio das materialidades que configuram nosso objeto empírico.

Entretanto, antes de entrarmos no capítulo de teorias e análise, é preciso fazer alguns destaques sobre o objeto, trazendo indícios importantes para a análise. Em conjunto com esse destaque, também será apresentado o desenho de pesquisa, que auxilia a conectar as questões teóricas com as empíricas.

#### 4.1 DESTACANDO O OBJETO

O objeto desta pesquisa foi sendo tecido dentro de uma processualidade de idas e vindas, da relação com a empiria e teoria. No início o foco estava em analisar as imagens da morte na pandemia, especificamente do perfil *COVID Photo Brazil* (@covidphotobrazil) no Instagram. Porém, ao longo do percurso, identifiquei que o objeto não estava apenas nas imagens ou no meio, mas no modo como essas circulam. Dessa forma, os portais de notícias foram adicionados, contribuindo para os estudos da circulação, um dos focos desta dissertação.

A partir disso, pode-se observar que o perfil *COVID Photo Brazil* no Instagram tem um olhar mais artístico, traduzindo o dia a dia do vírus por meio de sentidos desviantes do jornalismo hegemônico, enquanto os portais de notícias apresentam um olhar da morte com o foco jornalístico. A diferenciação entre esses permite a reflexão sobre a noção de “desvios”/circulação em ambos os espaços.

A partir da definição dessas materialidades, foram coletadas 20 publicações do perfil *COVID Photo Brazil* e 160 reportagens dos portais G1 e Folha de São Paulo. No Instagram, as informações coletadas foram: data, localização, nome do fotógrafo, legenda da imagem, número de comentários e um breve resumo desses. Nas reportagens, foram coletadas a data, editoria, manchete, descrição da imagem, número de comentários e, também, um breve resumo desses. Diante dessa extensa coleta, foi possível visualizar algumas diferenciações de informação e de imagem durante o período analisado, que vai de março de 2020 a junho de 2021, possibilitando assim a organização das materialidades em fases que mostram essas mudanças dos focos das publicações e notícias. Tanto nos portais, quanto no Instagram, são perceptíveis três fases de informações e imagens.

No Instagram, a primeira fase tem como característica os espaços vazios, que representam a morte, a ausência. A segunda traz elementos metafóricos que sinalizam que a morte “chegou”, que ela está em todos os lugares. Essas publicações são fortemente marcadas por imagens de caixões, cemitérios, covas. A última fase é marcada por protestos, mostrando questões sociais, políticas e econômicas que precisam ser vistas pela sociedade e pelo governo.

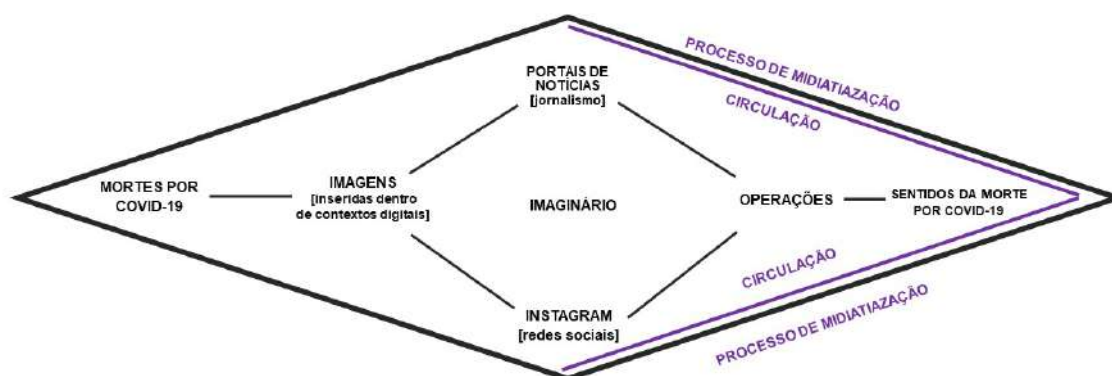
Diferente do Instagram, as fases dos portais de notícias possuem outros focos, mas contam com elementos semelhantes. No jornalismo, a primeira fase é marcada pela ameaça do vírus, do medo de não sabermos do que estava por vir.

Nesta fase também é possível ver que o vírus não era visto como algo grave. A segunda fase já traz uma maior intensidade do perigo do vírus, de que a morte estava próxima de todos. Já a terceira fase é marcada pela esperança da diminuição de mortes por meio da liberação das vacinas. Mesmo com os sinais de melhora, as imagens de covas e caixões seguem nas reportagens como uma forma de alertar que mesmo com a vacinação o vírus circula entre nós.

Diante desse conjunto de fases, que revela o acontecimento sendo elaborado diante de nossos olhos, seja do perfil do Instagram ou dos portais de notícias, é perceptível que a morte é elaborada simbolicamente, seja pela atualização de elementos icônicos ou pela inserção de novos sentidos na circulação. Isto é, a morte fica subentendida no detalhe do vazio, na tristeza do olhar das pessoas de máscaras, nas inúmeras covas abertas esperando os corpos chegarem para o enterro. Posto isso, o objeto não é nem o perfil do Instagram, nem o jornalismo. Logo, esses dois dispositivos permitem que o objeto, a circulação da morte e seus imaginários, se evidencie a partir de operações e gramáticas, típicas da mediação.

## 4.2 DESENHO E FLUXO DE PESQUISA

Figura 3 – Desenho de pesquisa



Fonte: criado pela autora.

Com objetivo de conectar a empiria com a teoria, inicio meu desenho de pesquisa pelo objeto, mostrando as ramificações que surgem a partir dele, e que assim, vai estruturando o caminho para a construção dos sentidos. Como podemos ver, as *mortes por Covid-19* serão estudadas por meio das imagens. Entretanto, as



*imagens* não são analisadas de maneira individual, mas sim dentro dos contextos digitais em que estão inseridas. Neste caso, os contextos digitais são os *portais de notícias* (jornalismo) e o *Instagram* (fazer de atores sociais). Dessa forma, as imagens atreladas a esses contextos nos permitem ter indícios a partir das manchetes, textos, *hashtags*, comentários e interações.

Percebe-se a partir dessas ramificações a intensificação do *processo de midiatização*, e conseqüentemente do aumento da *circulação*. Diante disso, somos inseridos em uma nova ambiência, trazendo reflexões dos impactos da pandemia, gerando assim um movimento de um novo modo de ser no mundo (GOMES, 2017). Com isso, não temos uma centralização dos meios de comunicação, ou seja, todos auxiliam na dissipação de novas informações, que entram em circulação por meio das *operações* (manchetes, editoria, localização, *hashtags*).

Os portais de notícias ao publicarem uma notícia apresentam determinado posicionamento, colocam essa em editorias (política, saúde, economia), que acabam gerando reações e comentários nas notícias. Portanto, nota-se que aqui uma operação instiga a uma possível sugestão de “lugar”, pois a partir do momento em que se coloca um posicionamento e em uma determinada editoria, está se levando o leitor a ter algumas percepções. Se vemos uma notícia na editoria de política, relacionada às mortes por Covid-19, inevitavelmente fazemos associação ao governo, logo, uma *operação* gera um *sentido*.

No Instagram quando vemos uma publicação, não olhamos apenas a imagem, mas a legenda, a localização, as *hashtags*. Portanto, a partir de cada uma dessas operações, somos levados a uma amplitude de informações, que nos despertam diferentes sentidos. Por exemplo, ao vermos uma imagem de uma pessoa com máscara, uma legenda dizendo que o número de mortos pela Covid-19 vem crescendo, a localização em São Paulo e uma *hashtag* #Covid-19, acabamos tendo diferentes sentidos a partir dos indícios que as operações geram.

Sendo assim, os sentidos relacionados às mortes por Covid-19 estão conectados às operações que são acionadas, que também estão fortemente ligadas ao processo de midiatização e circulação. Dentro desse processo temos os portais de notícias e o Instagram, que são responsáveis por desencadear o início de todo o processo de construção do sentido.

A partir das notícias e publicações, temos também a evocação do imaginário, que impulsiona as operações e os sentidos. Por exemplo, ao vermos uma imagem

de um caixão e uma frase com aumento no número de mortos, resgatamos em nosso imaginário a imagem de pânico, descontrole, ou até mesmo a dor do luto que já enfrentamos ao perdermos um familiar ou amigo. Ou seja, o nosso imaginário, quando evocado, constrói, a partir de nossas vivências, diferentes sentidos.

Portanto, para compreender a complexidade e os indícios do objeto de pesquisa, foi escolhido o formato de um losango para estruturar a base do desenho de pesquisa. A escolha desse formato se deu pela intensa circulação do objeto em dois diferentes meios, evidenciado a necessidade de uma diagramática mais complexa, um formato em teia, em que os elementos vão se conectando, construindo assim inferências sobre o sentido da morte.

## 5 AS TEORIAS ACIONADAS A PARTIR DO OBJETO

Com o propósito de trazer discussões e debates importantes para esta dissertação, o capítulo teórico aborda os estudos sobre circulação, imagem, imaginário, acontecimento e morte. A escolha dessas abordagens se deu a partir do movimento de imersão da empiria, das considerações feitas durante o processo da qualificação, e da compreensão do acionamento teórico como um espaço dialógico.

Além disso, este capítulo, além de trazer estudos importantes da área, também tensiona as ideias dos autores com os indícios da empiria. Dessa forma, a teoria é um dos pilares para o desenvolvimento do capítulo de análise das materialidades.

### 5.1 CIRCULAÇÃO

Quando pensamos em mudanças sociais, comunicação e midiatização, a circulação está fortemente presente. Quando acessamos uma notícia ou compartilhamos uma publicação, estamos colaborando para a circulação. Conforme coloca Rosa (2019) “pensar a comunicação, hoje, talvez seja uma tarefa impossível se a circulação não for considerada como central e, provavelmente, ponto de partida e chegada para a compreensão dos fenômenos sociais que se revelam diante de nossos olhos.” (ROSA, 2019, p.22).

Pensando no caso aqui estudado, as mortes por Covid-19, o vírus não circula apenas no ar que respiramos, mas também nos meios de comunicação. Ou seja, seja no ar que respiramos ou na notícia que lemos, a circulação é central. Conforme coloca Fausto Neto (2020, p.66) “o coronavírus está também envolto em outros fundamentos e ações comunicacionais, na medida em que seu potencial de transmissibilidade está associado a outras dinâmicas circulatórias.” Logo, é compreensível que a complexidade não está apenas no vírus, mas também no modo como ele circula, tanto como doença, quanto como notícia e seus sentidos diversos.

Ao analisar profundamente as materialidades, que circulam de diferentes maneiras, percebemos que é a partir da circulação que podemos verificar os diferentes sentidos que emergem dos circuitos e interações. Para Braga (2017), esses circuitos estão conectados às interações, pois é a partir desses circuitos que

surgem as interações, criando, assim, novos sentidos, no caso dessa dissertação, da morte.

Podemos considerar que circuitos comunicacionais são tendencialmente produzidos quando os processos e resultados (saída) de um dispositivo interacional de ação continuada ou frequente são de interesse para outros dispositivos que de algum modo trabalharão tais elementos como componentes de entrada para sua ação interacional. (BRAGA, 2017, p.45)

Dessa forma, fica visível que o aumento da circulação, gera uma intensificação tanto nos circuitos, quanto no processo de midiatização. Fausto Neto (2018) aponta que “o cenário da midiatização em processo tem uma relação direta com as transformações das condições de circulação de sentidos.” (FAUSTO NETO, 2018, p.11). Ou seja, pensando no cenário pandêmico, podemos entender que essas transformações estão conectadas não apenas em como as informações sobre o vírus chegaram até nós, mas também nos rituais. Antes da pandemia, podíamos nos despedir por meio das cerimônias, mas com a chegada da pandemia, muitos rituais foram extintos. Além disso, nossa forma de acolhimento e empatia com alguém que perdeu um familiar, precisou ser virtual, nos privando dos abraços de pêsames. Dessa forma, acompanhamos as milhares de mortes pelas redes sociais e pelos noticiários. Logo, diante das condições em que estávamos inseridos, podemos compreender que houve uma transformação na circulação dos sentidos da morte, pois não foi possível viver o luto presencialmente, apenas remotamente.

Pensando na complexificação da circulação diante do isolamento social, ao olhar as materialidades, é possível ver a intensidade e frequência das imagens nos circuitos nas redes sociais e nos portais de notícias. Fica evidente que as imagens intensificam a circulação, pois carregam símbolos que levam a mensagem do caos das mortes. Essas imagens quando vistas por nós são interpretadas de formas diferentes, pois cada pessoa carrega uma experiência da morte. Conforme coloca Rosa (2019, p.13) “as imagens que compõem nosso campo podem ser entendidas como circuitos interacionais, pois a cada nova publicação ocorrem repercussões, reelaborações, interpretações diversas que resultam em tensões e, certamente, em ratificações da força da imagem”. Dessa maneira, isso nos comprova que a imagem intensifica esses circuitos, provocando diferentes sentidos.

Compreendendo que os diferentes elementos das publicações e notícias complexificam o processo de circulação, podemos entender que a circulação é o espaço onde as interações ocorrem e as informações são ressignificadas. Entretanto, é importante frisar que a circulação não é um lugar, uma via única, mas que “a circulação consiste exatamente na disputa, no embate pela produção de sentido que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos.” (ROSA, 2019, p.22). Ou seja, a circulação possibilita a produção de sentidos, mas não pode ser colocada como algo exato, pois o fluxo que ela tomará depende das informações, operações e gramática de cada meio de comunicação.

Considerando que não há apenas uma via, é importante trazer um exemplo para materializar esse conceito. Quando um ator social acessa um portal de notícia e depois migra para o Instagram, esse acaba ingressando em diferentes tipos de circulação, pois cada meio tem suas características e gramáticas. Isso possibilita diferentes formas de circulação, proporcionando ao ator social outros contatos e formas de interação.

Logo, uma única rota não é possível, pois diante da complexidade do processo de midiatização, a circulação proporciona diferentes caminhos para os atores sociais. Ferreira (2019) explica que a circulação é abstrata, mas que essa se concretiza a partir das interações dos atores sociais por meio dos dispositivos midiáticos. Portanto, entende-se que a circulação pode não ser um local, nem feita de uma única rota, mas que para que essa exista, é preciso atores sociais e um meio.

Ao compreender que a partir da complexidade da circulação são produzidos diferentes sentidos, é preciso investigar como esses sentidos são acionados dentro da circulação. Olhando as primeiras materialidades, nota-se que há um acionamento de operações, que auxiliam na criação desses sentidos. Entende-se que as operações não são por acaso, mas que essas possuem uma função, para obter um resultado, ou até mesmo produzir um efeito. Pensando no universo dessa dissertação, ao digitarmos os termos “Covid-19” e “sintomas de Covid-19” no buscador do Google ou no Instagram, somos levados automaticamente para conteúdos da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ou seja, existe uma operação para que o ator social seja levado automaticamente para uma fonte de informação oficial.

Dessa forma, pode-se compreender que as operações dão direcionamentos a partir do meio em que o ator está inserido. Conforme coloca Ferreira (2007, p.08) “o desafio teórico permanente é que a análise dos dispositivos passa pela identificação das operações em jogo, discernindo-as, e, posteriormente, colocando-as em relações e intersecções.”. Dessa forma, fica entendido que as operações, ao mesmo tempo que nos auxiliam a compreender os caminhos da circulação, também complexificam os estudos teóricos, visto que as operações carregam uma intencionalidade e não são neutras.

Além de apresentar a profundidade das operações, Ferreira (2007) enfatiza a importância de analisar as materialidades, nos permitindo entender como as operações estão ligadas às mudanças sociais e comunicacionais. Dessa forma, pensando em tempos pandêmicos, as operações podem ser vistas como uma forma de auxiliar a população a encontrar informações do vírus por meio das informações nas mídias sociais.

A análise do dispositivo em sua materialidade, em especial se compreendido com uma constelação de operações de diversos níveis e naturezas, deve se enfrentar, num segundo momento, com suas relações com os processos sociais e processos de comunicação. (FERREIRA, 2007, p.9)

Dessa maneira, fica evidente o quanto dentro do processo de circulação existem ramificações que auxiliam na construção de sentido. Portanto, diante de dois observáveis, portais de notícias e perfil do Instagram, além das diferentes operações, há também gramáticas diferenciadas. Essas gramáticas se referem ao modo como as informações e os conteúdos são publicados para os atores sociais. No Instagram temos imagens marcantes, textos curtos e *hashtags*. Nos portais de notícias, temos galeria de imagens, vídeos, manchete, linha de apoio, textos longos. A diferenciação em como essas informações são publicadas e estruturadas se refere na gramática de cada meio. O Instagram tem como objetivo um conteúdo rápido, direto, foco na imagem e facilmente compartilhado, enquanto nos portais de notícias o foco maior é no detalhamento de informações, dados mais esmiuçados. Sendo assim, a gramática de cada meio, acaba determinando a forma em que as informações são colocadas, conseqüentemente afetando a forma de circulação também.

Dessa forma, fica notável nesta dissertação que quando exploramos o campo de estudo da circulação, abrimos espaço para debater as questões de circuitos, operações, interações e gramáticas. Conforme coloca Fausto Neto (2018), “circulação ganha uma determinada ‘corporeidade’, na medida em que certos “contornos” de sua existência são nomeados e descritos, em suma, deixam-se ver pela captura dos processos observacionais.” (FAUSTO NETO, 2018, p.29), ou seja, a partir das observações das questões discutidas neste capítulo, será possível ver os trajetos da circulação nas materialidades.

Portanto, a partir da abordagem desses autores será possível estudar “que a circulação se constitui como uma relação de atribuição de valor” (ROSA, 2019, p.15) e que se manifesta nas interações por meio das diferentes operações de sentido, onde a corporeidade se faz presente. Esta corporeidade diz respeito aos sujeitos que mobilizam a circulação, aos corpos nas imagens presentes nas notícias e publicações, e as imagens como corpos que permitem ver imagens simbólicas, imagens totêmicas, ou seja, o imaginário em elaboração/circulação.

## 5.2 IMAGEM E IMAGINÁRIO

Ao olhar os dois observáveis, a imagem sempre é o que se destaca, principalmente quando analisamos o perfil do Instagram. De certa forma, a imagem é o carro chefe, que ilustra a intensidade da informação. Nesta pesquisa, as imagens que aparecem, que serão exploradas nos próximos capítulos, possuem uma grande relevância, carregando consigo os símbolos clássicos da morte. Segundo da Rosa (2008, p.27) “as imagens possuem vontade própria, estão inseridas em um mundo que é apenas delas, no qual o homem é convidado ininterruptamente a fazer-se presente”. Logo, quando vemos uma imagem, não estamos apenas olhando para ela, mas estamos conectando-a a nossas vivências, pois a imagem é “acionadora da cultura, acolhida e acolhedora, presente e futuro na memória coletiva” (ROSA, 2019, p.2).

Diante de tantas mortes, a imagem se fez necessária para que pudéssemos compreender não apenas a gravidade do vírus, mas para entender o número de vidas que perdemos. Ao olharmos centenas de covas, não tínhamos ali o número total, mas sim um pequeno recorte de uma tragédia. Sontag coloca que “as fotos são meios de tornar “real” (ou “mais real”) assuntos que as pessoas socialmente

privilegiadas, ou simplesmente em segurança, talvez preferissem ignorar” (SONTAG, 2003, posição 83-87). Podemos interpretar que as imagens da pandemia não tiveram apenas o papel de informar, mas também de dar uma dimensão concreta ao vírus, aparentemente invisível.

Outro papel importante da utilização dessas imagens é mostrar o vazio da morte, pois como colocado por Rosa (2008, p. 29) “as imagens, portanto, são substitutas de algo que está ausente, mas não podem transformar neste objeto ou no ser que falta [...]”. Esse vazio, de certa forma, mostra todas as consequências com o descaso inicial que se teve com o vírus, nos mostrando a importância dos cuidados com a Covid-19. Por exemplo, quando vemos uma imagem de caixão com um familiar chorando, podemos entender que não temos como recuperar essa vida, mas que é possível evitar o vírus usando máscara e tomando as vacinas. As imagens, portanto, tem como papel nos fazer refletir sobre algo que não queremos que aconteça conosco, e por isso, desperta a atenção para os cuidados.

Pensando em estudos que falam diretamente sobre as imagens da morte por Covid-19, Said e Calado (2021) apresentam um aprofundamento importante que conectado à questão das imagens com processos de midiatização, colocando que “imagens que, ao mesmo tempo em que são pautadas por uma relação idealizante, fundam o laço social e estabelecem parâmetros para a compreensão do mundo.” (SAID, CALADO, 2021, p.519).

Ao observarmos que as imagens ajudam a construir a nossa realidade, qual nossa percepção sobre a morte quando vemos essas imagens nos portais de notícias e publicações? Elias (2001) explica que quando vemos a morte de outras pessoas, somos levados a pensar na nossa própria morte, pois “a visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a ideia de sua própria morte.” (ELIAS, 2001, p.16 e 17). Logo, será que diante de tantas imagens, de fato, criamos consciência da problemática da morte causada pela Covid-19?

Said e Calado (2021) reforçam essa reflexão, argumentando que “todo corpo carrega dentro de si a potencialidade de expor o outro à morte. No caso da morte pelo vírus, isto aparece de modo ainda mais radical: o medo é atualizado pela permanência do vírus, inimigo invisível e insondável, no corpo morto.” (SAID, CALADO, 2021, p.529). Sendo assim, podemos pensar que diante da exposição de



tantas imagens, vamos criando diferentes sentidos para a morte. Porém, esses sentidos estão fortemente ligados ao contexto social em que estamos inseridos.

Outro ponto importante sobre o papel da imagem é que ela é uma forma de atualizar a morte. Entretanto, falar sobre a morte em nosso contexto atual ainda gera um desconforto. Elias (2001) descreve que na Idade Média a morte era falada de forma mais aberta do que hoje, e que isso de fato pode ser verificado na literatura, onde os mortos apareciam frequentemente em poemas. Logo, a pandemia de certa forma nos obrigou a discutir sobre essa diante das milhares de vidas que se foram.

Mesmo ainda sendo um assunto tabu, não podemos fugir da ideia de que a morte sempre está presente na vida de todos, porém, com a chegada do vírus da Covid-19, essa ganhou mais representatividade por meio das imagens. Elias (2001) reforça que ao vermos a imagem da morte, isso nos desperta temores. Isso nos faz questionar: por isso que os noticiários e publicações apresentam tantas imagens com símbolos da morte?

[...] não podemos ignorar o fato de que não é a própria morte que desperta temor e terror, mas a imagem antecipada da morte. Se eu caísse morto aqui e agora sem qualquer dor, isso não seria minimamente assustador para mim. Não estaria mais aqui, e, conseqüentemente, não sentiria o terror. O terror e o temor são despertados somente pela imagem da morte na consciência dos vivos. Para os mortos não há temor nem alegria. (ELIAS, 2001, p.53)

Entretanto, é importante colocar que a imagem vai além de nos trazer consciência sobre a realidade social, pois ela também possui o papel de abrir debates. Conforme Kamper e Bonaccini (2010), precisamos ir além da visualização, afinal “olhares têm que ser discutidos. Quem permanece emudecido perante as imagens entra novamente em pânico [...]” (KAMPER, BONACCINI, 2010, p.233 e 234). Ou seja, quando as imagens da morte aparecem nas reportagens e publicações, elas não estão apenas nos falando da morte, mas também nos convidando a debater o motivo dessa. Podemos pensar, de certa maneira, que as imagens são gatilhos para discussões sociais.

A partir das discussões trazidas pelos autores, podemos ver que as imagens vão nos conectando a diferentes sentidos, e que para isso, nosso imaginário é acionado para fazer conexões com nossas vivências. Por isso, esse capítulo aborda essas duas temáticas juntas, imagem e imaginário, mostrando o quanto uma está ligada a outra. A primeira provocação que será feita aqui para colocar as discussões

do imaginário é: ao vermos imagens que representam a morte, como nosso imaginário é afetado?

Os autores Said e Calado (2021) apresentam uma discussão importante sobre o imaginário em tempos pandêmicos, explicando que houve uma aceleração da produção de imaginários, que resultou da falta de mecanismos para explicar a crise. Essa mudança, conforme explicam os autores, “pode ser compreendida como um acontecimento que provoca um furo nos padrões de inteligibilidade, uma perda de referenciais, um trauma, na medida em que não pode ser representado [...]” (SAID, CALADO, 2021, p.519). Podemos assim compreender que o andamento da pandemia e todo o caos foram afetando nosso imaginário, gerando medo do futuro.

Além disso, Said e Calado (2021) colocam que o imaginário possui um papel importante na pandemia, sendo esse uma espécie de alerta, mostrando que quando vemos a imagem da morte, não estamos falando apenas da morte, mas sendo alertados para os cuidados com a vida. Portanto, é “o imaginário que reforça as medidas de cuidado de si e a necessidade de isolamento social pelo bem comum se contrapõe ao imaginário que reforça as imagens de autossuficiência social e de necessidade de preservação da economia.” (SAID, CALADO, 2021, p.530).

Ricoeur (2022) também apresenta estudos sobre o imaginário conectado à morte, colocando que quando vemos essas imagens da morte pela Covid-19, que tem como objetivo nos trazer traços da realidade, na verdade, essas nos fazem querer fugir dessa realidade, e por isso, uma parcela da sociedade acaba não sendo tocada por esses sentidos que as imagens reproduzem. Além disso, o autor coloca que, mesmo tendo contato com essa realidade, as pessoas preferem acreditar que isso não acontecerá com elas por sorte (2022, p.29).

Mas a memória não é nada sem contar. E contar não é nada sem escutar. O problema J.S.: “Como contar uma verdade pouco crível, como suscitar a imaginação do inimaginável, senão elaborando, trabalhando a realidade, colocando-a em perspectiva? Com um pouco de artifício, portanto!”. (135). Será que me afasto aqui da minha própria questão, da própria angústia, do meu próprio imaginário? De maneira alguma, o *desvio* é este: se o modelo do horror é o extermínio, então a conjuração do horror ordinário passa pelo trabalho da memória e pelo trabalho de luta (veremos na segunda parte que ambos estão ligados) efetuado pelos que *regressaram* da morte por extermínio, do horror extraordinário e que, de regressantes tornaram-se testemunhas e, assim, superaram - *Aufhebung* - a alternativa: a literatura ou a vida. O imaginário da morte, cuja exegese de sentido acabo de tentar, a partir do extermínio até a *massa perdida*, estão tão arraigado na *vivência* que se torna indistinguível da “angústia de viver” em seu caráter de “sorte”.(RICOEUR, 2022, p.28 e 29)

Dessa forma, podemos compreender que nosso imaginário foi afetado, e que a formação desse está fortemente conectada ao contexto social, cultural, econômico e política de cada cidadão brasileiro, o que mostra o quanto a problemática da morte e do imaginário social na pandemia está totalmente ligado ao processo de midiatização. Pensando assim, é importante colocar também que os circuitos interacionais em que as imagens circulam contribuem fortemente para a construção desse imaginário pandêmico. É importante lembrar que as imagens com símbolos da morte não são exclusividade da pandemia, mas que são imagens repetidas que voltam a circular. Rosa (2019, p.15) apresenta provocações que contribuem para essa discussão.

A constante produção de circuitos interacionais que colocam as imagens em um fluxo adiante implica em um duplo movimento: a extensão do imaginário para fora do corpo, para depois retrai-lo, abastecendo-o de imagens já vistas. Esses circuitos são baseados na rememoração, uma vez que os fluxos são constituídos de imagens repetidas e autonomizadas, mas que podem apresentar sentidos outros. (ROSA, 2019, p.15)

Sendo assim, diante da reflexão dos autores trazidos nesse tópico, podemos notar que as discussões sobre a imagem e imaginário estão ligadas e que as imagens em circulação, no contexto pandêmico, auxiliaram na construção do imaginário midiático e social, na medida em que o vírus foi se espalhando. Portanto, as discussões teóricas destes capítulos são importantes para compreender as imagens escolhidas pelos meios de comunicação e como essas se conectam com o imaginário.

### 5.3 ACONTECIMENTO: MORTE

As materialidades desta pesquisa têm como foco um acontecimento que afetou todo o planeta e que mudou a maneira de viver de todas as populações. Junto desse acontecimento, a morte, que foi uma das grandes consequências do vírus, ganhou destaque nos dispositivos midiáticos. Dessa forma, para que possamos fazer a análise, é importante a discussão sobre os estudos sobre acontecimento e morte.

Quando pensamos em acontecimento, pensamos em algo que se destaca, que traz algo que está ligado à realidade. Ou seja, o acontecimento é algo que reflete o momento e espaço em que estamos inseridos. Verón (1995, p.02), coloca

“los medios informativos son el lugar en donde las sociedades industriales producen nuestra realidad.”<sup>1</sup>. Ou seja, é a partir dos meios de comunicação que nos informamos sobre os acontecimentos.

Para começarmos a reflexão sobre o conceito de acontecimento, França (2012) coloca que um acontecimento é quando um fato se destaca, merecendo assim uma determinada atenção. Pensando no campo da comunicação e nas mídias, o acontecimento é o fator essencial para o jornalismo, pois conforme França:

[...] a tarefa do jornalismo é farejá-los, identificá-los, e então narrar. Nesse âmbito, a teoria do jornalismo desenvolve toda uma tipologia da notícia para definir e classificar o que é ou não é relevante, hierarquizando fatos em função de sua importância, abrangência, impacto, interesse. Esses fatos que merecem ser noticiados seriam os “acontecimentos”. Nessa compreensão, é a natureza intrínseca da ocorrência que define seu estatuto de “noticiável”, seu estatuto de acontecimento. (FRANÇA, 2012, p.12)

A partir disso, o jornalismo pauta o que de fato é relevante. No caso da pandemia, era impossível que essa não se tornasse destaque, pois foi um acontecimento global. Simões (2014, p.181) coloca que “o acontecimento, portanto, não deve ser tomado como algo isolado do curso social da ação, mas deve ser apreendido a partir de seu aspecto processual, ou seja, “acontecimental.”. Logo, entendemos que um acontecimento precisa ser visto de forma ampla, não de uma forma generalizada. Aqui podemos fazer uma conexão com informações que circularam dizendo que o acontecimento pandemia não tomaria grandes proporções, que era apenas uma gripe. Além disso, na medida que o vírus foi se espalhando, os meios de comunicação começaram a trazer falas de profissionais da saúde, com o objetivo de enfatizar que o acontecimento de fato era algo crítico. Junto disso, também podemos ver manchetes com ênfase nos números de casos e de mortos, alertando mais uma vez a problemática desse acontecimento.

Ao chegar no ponto crítico, esse acontecimento rompeu nosso modo de viver. França (2012, p.13) explica que “o acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse.”. Dessa forma, compreende-se que um acontecimento como a pandemia, mudou tanto o ambiente social, como comunicacional. Afinal,

---

<sup>1</sup> Tradução nossa (via tradutor): “Os meios de comunicação são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade.” (VERÓN, 1995, p.02)

como noticiar um mesmo acontecimento todos os dias, ou ainda, como noticiar esse mesmo acontecimento por quase dois anos?

Porém, o acontecimento não é construído repentinamente. Para Verón (1995, p.11) "el acontecimiento en sí es una especie de invariable desconocida que los medios de comunicación van a construir en primer lugar a partir del material de los despachos."<sup>2</sup>, entende-se assim que a mídia vai construindo o acontecimento na mídia na medida em que os fatos vão ocorrendo. Nesta dissertação, podemos notar essas marcas: primeiro o jornalismo fala de um vírus desconhecido, e na medida que o vírus se espalha, o tom das notícias, os alertas, vão se tornando diferentes na proporção em que os casos de contágio e mortes aumentam. Ou seja, os enquadramentos, os direcionamentos, e até mesmo as imagens utilizadas, não são por acaso, mas sim o resultado do enquadramento das mídias sociais e do jornalismo a partir da realidade em que estávamos inseridos.

Sendo assim, pensando que o jornalismo vai construindo os acontecimentos, podemos ver que essa construção não é uma exclusividade desse. Com a ampliação das mídias, os acontecimentos estão por todos os meios. França (2012) traz uma discussão importante sobre essa expansão, explicando que quando o acontecimento ganha destaque, ele pode estar nos diferentes espaços, seja em uma roda de conversa com os amigos, seja nas mídias.

Trazendo para o acontecimento da morte, especificamente por Covid-19, vemos notícias que procuram enfatizar as problemáticas desse acontecimento. Ao ver as notícias e imagens temos a repulsa de pensar que a morte está próxima de nós e de que essa chegará apenas para o outro e não para mim. Esses sentimentos não são algo novo, eles vêm desde os tempos de guerras, conforme coloca Sontag (2003):

A despeito de toda a sedução voyeurística — e da possível satisfação de saber que “isto não está acontecendo comigo, não estou doente, não estou morrendo, não estou metido em uma guerra” —, parece normal para as pessoas esquivarem-se de pensar sobre as provações dos outros, mesmo quando os outros são pessoas com quem seria fácil identificar-se.” (SONTAG, 2003)

---

<sup>2</sup> Tradução nossa (via tradutor): “O acontecimento em si é uma espécie de invariável incógnita que a mídia vai construir em primeiro lugar a partir do materiais enviados.” (VERÓN, 1995, p.11)

Além das guerras despertarem o medo da morte, conforme aparecem nos estudos de Sontag (2003), essas também trouxeram as doenças, que inevitavelmente também ocasionaram muitas mortes. Na Primeira Guerra Mundial, tivemos o surgimento da Gripe Espanhola, no início de 1918. Além dos mortos pela guerra, tivemos também os mortos por um vírus também desconhecido. Sem saber de fato em qual país se originou, essa foi considerada uma epidemia, que durou em torno de dois anos. Conforme colocam Kind e Cordeiro (2020, p.04), o vírus na época ficou conhecido como “terrível mal” e contou com diferentes ondas, assim como o vírus da Covid-19:

A primeira onda foi a mais branda e durou menos tempo, entre os meses de março e julho de 1918. A segunda, foi considerada a mais virulenta e ocasionou o maior número de mortes, teve início em agosto e foi até janeiro de 1919. (KIND, CORDEIRO, 2020, p.04)

Se em 2020 os recursos da medicina não conseguiram conter o vírus da Covid-19, o que dirá em 1918 com o vírus da Gripe Espanhola. Outro ponto que conecta esses acontecimentos é a problemática da política, pois assim como tivemos muitos problemas no governo de Jair Bolsonaro, houve também problemas nas lideranças da época. Conforme colocam Kind e Cordeiro (2020), o pouco conhecimento que se tinha sobre o contágio da Gripe Espanhola fez com os governos demorassem a dar retornos eficazes para que as populações ficassem seguras de que haveria soluções.

A importância de trazer dois acontecimentos semelhantes é importante para se discutir as semelhanças e diferenças entre as épocas. Em 1918, as mortes da guerra e do vírus eram apenas noticiadas pelos jornais impressos. Dessa maneira, as atualizações eram muito diferentes do que presenciamos hoje, onde temos tudo em computadores ou smartphones. Logo, em 1918, o jornal impresso, auxiliava a dissipar as informações desse acontecimento, com o objetivo de orientar a população, considerando que uma grande parcela da população era analfabeta (KIND e CORDEIRO, 2020, p.05).

Os jornais registravam as cenas do cotidiano alterados pela pandemia, traziam estatísticas sobre os contaminados e mortos, apresentavam o debate da comunidade médica e das diferentes forças políticas. Também veiculavam as prescrições sanitárias governamentais e as práticas adotadas pela população para conter a doença. (KIND e CORDEIRO, 2020, p.05)

Já atualmente, com o acontecimento da Covid-19, esse teve uma maior circulação de informações, e o foco na morte foi ainda mais intenso. Mas será que diante dessa maior intensidade, conseguimos ter dimensão do problema vivido? Barthes (2011, p.48) coloca que:

Há um tempo em que a morte é um *acontecimento*, uma ad-ventura, e como tal mobiliza, interessa, tensiona, ativa, tetaniza. É depois, um dia, já não é um acontecimento, é uma duração, comprida, insignificante, inenarrada, abatida, sem apelo: verdadeiro luto insuscetível de qualquer dialética narrativa. (BARTHES, 2011, p.48)

Dessa forma, podemos compreender que depois de um certo tempo sendo impactados por tantas notícias sobre a morte, não somos surpreendidos como a primeira vez que recebemos a informação. Isso vai ao encontro com o questionamento de França (2012, p.17) “estamos mais poderosos ou mais fragilizados com a mídia de que dispomos?”, ou seja, a partir do momento que recebemos mais informações sobre o acontecimento, criamos mais consciência sobre o que estamos vivenciando ou deixamos passar?

Além disso, é possível ver que não só as imagens buscam nos provocar questionamentos sobre o acontecimento, mas que as informações das notícias também contam com uma didatização, buscando deixar os dados diretos e ilustrativos, basta vermos os gráficos e até mesmo a comparação da pandemia com outras tragédias que já ocorreram no Brasil. Entretanto, essa didatização não é sinônimo de compreensão dos acontecimentos. Conforme coloca Verón (1995, p.73.) “el discurso didáctico no siempre cumple con la función que se podría atribuir de complemento del discurso informativo”<sup>3</sup>, ou seja, mesmo com informações claras, a população não necessariamente teve consciência da problemática das mortes por Covid-19.

Portanto, podemos compreender que a didatização das informações não é para necessariamente educar os atores sociais, mas sim uma maneira discursiva de despertar nesses o que está fora do seu contexto social. No contexto dessa dissertação, podemos pensar que essa discursividade foi importante para a discussão das problemáticas do campo da política.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa (via tradutor): “O discurso didático nem sempre cumpre a função que se poderia atribuir como complemento ao discurso informativo.” (VERÓN, 1995, p.73)

Porém, é importante ressaltar que essa forma de construir a notícia pode não provocar a reflexão dos acontecimentos. França (2012) apresenta em seu trabalho essa discussão, colocando que será que de fato somos afetados pelos acontecimentos? E ainda, “olhamos para eles e buscando suas causas, inquirindo suas consequências?” (FRANÇA, 2012, p.17). Logo, por mais que os meios busquem nos trazer o detalhamento dos acontecimentos e nos provocar a entender o motivo desses acontecimentos, isso não depende apenas dos meios de comunicação, mas também do ambiente social, política, econômico que os atores sociais estão inseridos.

Dessa maneira, é notável que os acontecimentos, e principalmente, a construção midiática desses, estão conectados aos processos de midiaticização. Portanto, os meios de comunicação e a mídia precisam compreender a ambiência do momento do acontecimento para estruturar a maneira de informar. Sendo assim, a partir das considerações deste capítulo, serão feitas as análises das materialidades, com o objetivo de encontrar as marcas do acontecimento aqui estudado e compreender como esse foi construído na ambiência da pandemia.



## 6 O PERCURSO METODOLÓGICO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Trabalhar a temática da morte diante de um cenário pandêmico foi desafiador tanto em relação às análises, quanto em relação à coleta de materiais. Dessa forma, optei por utilizar nesta dissertação o estudo de caso, que é uma metodologia que me permitiu extrair inferências importantes e responder meu problema de pesquisa.

Segundo Yin (2001, p.32), "o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real [...]". Portanto, esse método gera análises e inferências sobre o momento pandêmico. Além disso, a escolha desse método também se deu pelo fato de promover conhecimento enriquecedores e diferenciados sobre fenômenos da área estudada, no caso a comunicação (BRAGA, 2008, p.77).

Seguindo a linha do método indutivo, o estudo de caso está interligado com o paradigma indiciário, que conforme apresenta Braga (2008), busca organizar inferências importantes para a pesquisa, com o objetivo de não apenas descrever e acumular informações. Além disso, Braga (2008) coloca que dentro do indiciário há elementos essenciais e acidentais. Nesta dissertação, aplicando esse método, primeiramente foram coletadas reportagens dos portais de notícias (Portal G1 e Folha de São Paulo) e publicações da página do Instagram (*COVID Photo Brazil*), compreendendo-se que esse materiais eram essenciais para encontrar pistas para desenvolver as análises. Entretanto, ao longo das coletas, foi possível ver que com o grande número de materialidades (textos, imagens, comentários) era necessário criar desenhos e linhas do tempo para entender as processualidades da circulação, das imagens. Logo, depois de uma grande observação geral, foi sendo selecionado o que de fato se destacava de todos os materiais, criando-se assim esquemas de visualização que iam mostrando os traços da circulação, das operações de cada meio. Portanto, por meio do método indiciário, foi possível encontrar não apenas os indícios essenciais, que foram as simbologias, as marcas da midiatização, as operações dos meios de comunicação, mas também os indícios acidentais, que foram novas formas de visualizar o objeto e as transversalidade dos meios de comunicação.

Dessa forma, por ser um estudo de caso, também identifiquei que não se trata de um caso midiático apenas, mas do caso midiatizado, que tomo como base

metodológica o caso midiaticizado. A escolha dessa metodologia se deu pela complexidade do objeto dessa dissertação, e conforme apresenta Weschenfelder (2021, p.02), essa complexificação é uma das dificuldades dos pesquisadores:

O quê e como observar determinados fenômenos se revelou um embate constante nos estudos referentes a midiaticização, exigindo dos pesquisadores uma elaboração criativa, eficiente e adequada ao propósito da investigação, face à diversidade dos elementos que se apresentam nessa ambiência. (WESCHENFELDER, 2021, p.02)

Partindo da ideia de que o caso midiaticizado envolve diferentes frentes de comunicação, Weschenfelder (2021, p.06) coloca que “o “caso midiaticizado” também se caracteriza por circuitos e fluxos que se complexificam na medida em que estes vão se desenvolvendo”, logo, podemos entender que o caso midiaticizado se faz presente nas discussões desta pesquisa, pois diante da pandemia, conforme o vírus foi ganhando uma maior proporção, as notícias e as informações foram ganhando diferentes espaços, saindo apenas dos meios tradicionais e se dissipando para diversificadas redes sociais.

Diante das abordagens metodológicas escolhidas, os materiais analisados aqui são do período de março de 2020 a junho de 2021 e incluem todos os elementos das reportagens e publicações. A escolha desse período se deu pela amplitude de entender as fases da pandemia da Covid-19, com o foco de compreender como os sentidos da morte em relação à pandemia foram mudando com as mutações e expansão do vírus.

Para chegar nesses observáveis, foi realizada a busca por “*coronavírus Folha de São Paulo*” e por “*coronavírus Portal G1*” no Google Notícias, na data selecionada. Por meio do Google, foi possível filtrar pelas reportagens de maior relevância, realizando assim a coleta. Em relação ao perfil do Instagram, há mais de uma foto por dia, e por isso, foram coletadas cinco imagens de cada mês.

Dentro das reportagens e publicações, serão observados o todo (imagem, texto, localização, comentários) a fim de encontrar indícios que serão reveladores (BRAGA, 2008, p.79), para assim ter inferências construtivas. A coleta dos materiais no Portal G1 e no perfil COVID *Photo Brazil* foi possível fazer de forma gratuita. Entretanto, para a coleta de grande parte das reportagens da Folha de São Paulo, foi preciso fazer uma assinatura para ter acesso aos conteúdos.

Diante de um grande conjunto de materialidades, a escolha das publicações e notícias que serão apresentadas na análise, se deu pelas suas temporalidades e pelas operações de sentido, partindo do que as redes sociais e o jornalismo buscam informar. Além disso, essa escolha foi feita para que não se perdesse a riqueza dos indícios, pois se os materiais fossem escolhidos em ordem cronológica, seriam perdidas análises importantes para esta dissertação.

A partir dessa escolha, os indícios permitiram compreender as marcas de circulação de cada meio - Instagram e portais de notícias - apresentando diferenças e semelhanças de cada um desses. A morte em forma de imagem possui uma grande representatividade, mas os textos também impulsionam os sentidos sobre essa. Dessa forma, a análise foi separada em três períodos, de 2020 a 2021, contando cada fase com 5 a 6 meses. Isso foi feito com o objetivo de compreender como os sentidos e imagens da morte foram sendo construídos e transformados ao longo da contaminação pelo vírus da Covid-19. Essa escolha também se deu para se ter mais clareza e entendimento dos indícios, pois se optássemos apenas em olhar de uma forma geral, não seria possível identificar as diferenças e semelhanças das notícias e publicações ao longo do tempo. A partir das três fases analisadas, se viu também a necessidade de criar uma análise transversal, que mostrasse de uma forma os cruzamentos das processualidades, similaridades e contrastes das três fases.

Entretanto, mesmo com toda a organização de fases e construção da pesquisa, encontrou-se uma grande dificuldade para selecionar quais materialidades fariam parte da pesquisa, pois diante de um período intenso de informações, foi difícil escolher quais imagens irão compor cada fase. Ao longo do percurso surgiu a ideia de realizar entrevistas com os fotógrafos (em especial do perfil do Instagram, pois esses são também fotojornalistas de veículos jornalísticos), para entender a captação e escolha das imagens, entretanto, dentro do tempo de pesquisa do mestrado, não foi possível executar as entrevistas. Outra limitação foi o fato de eu, pesquisadora, estar incluída dentro da realidade do objeto, visto que a pandemia afetou todos nós. Diante do risco da contaminação pelo vírus, também precisei fazer toda dissertação remota, devido ao isolamento.

Portanto, diante desses caminhos metodológicos e das dificuldades, nos próximos capítulos serão apresentadas as inferências encontradas a partir do

desenvolvimento da observação dos materiais, a fim de tensionar o empírico, a teoria e o problema de pesquisa (BRAGA, 2008, p.81).

## 7. ALÉM DO OLHAR: ANÁLISES DOS OBSERVÁVEIS

Conforme exposto na metodologia, a análise dos observáveis a ser apresentada neste capítulo leva em conta três diferentes fases, que foram recortadas temporal e imageticamente, com objetivo de abordar a representação da morte e os imaginários acionados em torno desta quando falamos em pandemia. É importante destacar que esse movimento analítico é uma composição de esforços descritivos e inferenciais que se articulam em torno de dois portais jornalísticos e de suas interações, bem como de uma página do Instagram, o *COVID Photo Brazil*, que embora diferentes, constroem sentidos sobre a morte no período pandêmico.

Além disso, é também essa diferença que nos interessa pensar para compreender o acontecimento pandemia e sua elaboração midiática. Neste aspecto, observamos tanto manchetes, títulos, legendas quanto comentários e indícios de localização, por exemplo, pois esses elementos são cruciais para investigar as imagens conectadas a mortes por Covid-19. As notícias e publicações escolhidas para essa observação mais aprofundada foram selecionadas por meio de uma coleta ampla, como já referido, e depois foram exploradas a partir de operações de sentido em torno das fases.

Portanto, com o intuito de entender o que permanece e o que se transforma em cada momento da pandemia, serão exploradas dentro de cada uma dessas fases as operações do jornalismo e do Instagram. Além disso, em cada fase será criada uma linha do tempo das imagens, para que assim se possa compreender e explorar as questões do imaginário, entendendo assim as semelhanças e diferenças de cada fase.

### 7.1 PRIMEIRA FASE: AMEAÇA DO VÍRUS E A MORTE À ESPREITA

A primeira fase, que compreende de março a julho de 2020, carrega consigo as primeiras marcas da Covid-19: o medo, a incerteza sobre o não conhecimento do vírus, o número de infectados. Junto disso, os primeiros óbitos pelo vírus. A primeira reportagem desta análise é do Portal G1, publicada no dia 27 de abril de 2020, que apresenta o recorde de enterros em menos de 24 horas na região de Manaus. Na linha de apoio o veículo apresenta que a média de sepultamentos era menor antes da pandemia e que a Covid-19 elevou de forma brusca o número de mortos. A

imagem tirada de um ângulo de cima representa um recorte das covas dos 140 enterros que ocorreram nesse dia. Na composição da fotografia é possível visualizar os elementos que remetem à morte: covas, coveiros, caixões, cruzes, flores.

Figura 4 - Manchete da reportagem do G1

## Com 140 enterros em 24 horas, Manaus bate recorde de registros desde início de pandemia

Há uma semana, média é de 100 sepultamentos por dia na capital. Antes do coronavírus, média era de 30. Mais de 300 já morreram de Covid-19 no Amazonas.

Fonte: G1 (27/04/2020).

Figura 5 - Imagem destaque da reportagem



22 de abril: enterro coletivo de vítimas de Covid-19 do no cemitério de Nossa Senhora Aparecida, em Manaus — Foto: Michael Dantas/AFP

Fonte: G1 (27/04/2020).

Inicialmente podemos notar que à primeira vista a notícia tem o foco em alertar que a morte pelo vírus é maior que os outros tipos de mortes. De uma média de 30 mortos, passamos para 100. Diferente de algumas reportagens que apresentam como não se contaminar, essa reportagem é ao contrário, pois traz de forma intensa os impactos da morte. Todos os elementos, desde a manchete até o vídeo final, detalham de forma direta os corpos, os caixões, os ritos finais, o alerta para o descontrole sobre os inúmeros mortos, que é o mote central da reportagem.

Ao trazer o número de mortos, a notícia vai detalhando as dificuldades dos enterros, apresentando a situação geral e quais medidas estão sendo tomadas: parceria com crematórios, contêineres frigoríficos para colocar os corpos até encontrar um local para enterrar, famílias enterrando seus parentes diante da falta de coveiros, corpos colocados na rua por falta de espaço dentro dos hospitais.

Além da imagem inicial, a notícia conta com uma imagem de corpos colocados na rua, por falta de espaço dentro dos hospitais. Essa fotografia foi retirada das redes sociais, parecendo uma foto captada de forma ilegal e com uma baixa resolução, como se fosse dado um zoom para poder realizar o registro. No final há também um vídeo de uma reportagem televisiva, que mostra os corpos sendo retirados e alertando de que há ajuda para os funerais de quem não possui condições financeiras.

Figura 6 - Imagem secundária da reportagem



Imagem que virou viral nas redes sociais mostra corpos descartados fora de um hospital em SP de Manaus. — Foto: Reprodução/Redes Sociais

Fonte: G1 (27/04/2020).

Diante desse panorama de todos os elementos da notícia que se conectam com a morte, é perceptível que esse cenário é usado para mostrar a situação que todas as regiões brasileiras podem enfrentar caso o vírus não seja controlado. Diante de tantos detalhes sobre as inúmeras mortes, é gerada uma sensação de angústia, pois além da perda, há o cenário do caos. Temos nessa reportagem a

morte *nua e crua*, estampada do início ao fim, com um olhar jornalístico bem informativo, que busca enfatizar que a morte é um problema de todos e não apenas de quem perde um familiar. Logo, essa ideia se conecta com os estudos de Elias (2001), quando o autor coloca que a morte é um problema dos vivos e não dos mortos.

Além disso, é possível ver nessa reportagem que existe uma intenção de sensibilizar e até mesmo assustar o leitor, instigando a reflexão sobre os sentidos da morte a partir da pandemia. Essa reportagem em específico não possui comentários ativados, o que impossibilita analisar alguns sentidos gerados a partir das informações postas em circulação pela instituição jornalística.

#### Figura 7 - Trechos da reportagem

A maioria dos sepultamentos é feita no cemitério Nossa Senhora Aparecida, bairro Tarumã, Zona Oeste de Manaus, que recebeu a instalação de **contêineres frigoríficos para armazenar corpos**. Foi lá também que a prefeitura abriu valas comuns para conseguir suprir a demanda de enterros.

Com a média diária de 100 enterros por dia, os cemitérios de Manaus começam a dar sinais de que não há estrutura ou mão de obra para lidar com a demanda. Neste domingo, dia do recorde de sepultamentos, **uma família precisou enterrar o próprio pai, por falta de coveiros**. (Veja

Fonte: G1 (27/04/2020).

Mesmo não havendo comentários, podemos ver que, por meio dos grifos em vermelho no texto, conforme a figura acima, existe um destaque para o caos do cenário pandêmico, e principalmente, para o descontrole do vírus. Esses destaques da frase nos remetem também a um cenário de guerra, que conforme apresentado por Sontag (2003), nos despertam o medo da morte.

Já a segunda reportagem dessa fase, produzida pela Folha de São Paulo, no dia 23 de junho de 2020, conta com imagens diferentes da primeira reportagem. Essa é composta por 13 fotos em preto em branco e tem como foco o número total de mortos no Brasil neste dia, 23 de junho de 2020, frisando que é o segundo maior número diário registrado até a data da publicação. Na linha de apoio há uma ênfase para o aumento no número de pessoas infectadas e para a soma total de infectados e mortos pela Covid-19.



A sequência de imagens remete a uma espécie de ensaio, como se desdobrasse uma história: o início e fim do ritual do enterro. A primeira foto é de uma equipe de coveiros chegando ao cemitério e as últimas fotos mostram as lápides e as covas em que os corpos são depositados.

Figura 8 - Manchete da reportagem da Folha de São Paulo

CORONAVÍRUS - TEXTOS LIBERADOS

## Brasil tem 1.364 mortes por Covid-19 em 24 h, segundo maior número diário já registrado

Com 40.131 novos casos da doença, país soma 1.151.479 casos de Covid-19 e 52.771 mortes, mostra consórcio de imprensa

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 9 - Imagem destaque da galeria da reportagem

1 / 13 Brasil ultrapassa a marca de mais de 30 mil mortes por coronavírus



Sepultadores chegam para trabalhar na área do cemitério São Luiz, na zona sul de São Paulo, reservada para as vítimas do Covid-19 Lalo de Almeida/Folhapress

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 10 – Segunda imagem da galeria da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 11 - Terceira imagem da galeria da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 12 - Quarta imagem da galeria da reportagem

4 / 13 Brasil ultrapassa a marca de mais de 30 mil mortes por coronavírus



Sepultadores enterram vítima de Covid-19 no cemitério São Luiz, na zona sul de São Paulo. Foram abertas mais de 3.000 novas covas para receber as vítimas da pandemia neste cemitério Lalo de Almeida/Lalo de Almeida

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 13 - Quinta imagem da galeria da reportagem

5 / 13 Brasil ultrapassa a marca de mais de 30 mil mortes por coronavírus



Sepultadores enterram vítima de Covid-19 no cemitério São Luiz, na zona sul de São Paulo. Foram abertas mais de 3.000 novas covas para receber as vítimas da pandemia neste cemitério Lalo de Almeida/Folhapress

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 14 - Sexta imagem da galeria da reportagem

6 / 13 Brasil ultrapassa a marca de mais de 30 mil mortes por coronavírus



Quadro com fotografias deixado sobre túmulo de vítima do Covid-19 no cemitério São Luiz  
Lalo de Almeida/Folhapress

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 15 - Sétima imagem da galeria da reportagem

7 / 13 Brasil ultrapassa a marca de mais de 30 mil mortes por coronavírus



Sepultadores enterram vítima de Covid-19 no cemitério da Vila Formosa, na zona leste de  
São Paulo Lalo de Almeida/Folhapress

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 16 - Oitava imagem da galeria da reportagem

8 / 13 Brasil ultrapassa a marca de mais de 30 mil mortes por coronavírus



Sepultadores enterram vítima de Covid-19 no cemitério da Vila Formosa, na zona leste de São Paulo Lalo de Almeida/Folhapress

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 17 - Nona imagem da galeria da reportagem

9 / 13 Brasil ultrapassa a marca de mais de 30 mil mortes por coronavírus



Sepultadores enterram vítima de Covid-19 no cemitério da Vila Formosa, na zona leste de São Paulo Lalo de Almeida/Folhapress

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 18 - Décima imagem da galeria da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 19 - Décima primeira imagem da galeria da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 20 – Décima segunda imagem da galeria da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Figura 21 - Última imagem da galeria da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

Junto dessas imagens há legendas que vão descrevendo os acontecimentos apresentados nas fotografias. Uma curiosidade identificada em algumas legendas é a forma como são nomeados os coveiros. Nesta reportagem são chamados de sepultadores. Ao pensar nessa nomenclatura e até mesmo ao procurar no dicionário online, podemos ver que uma é sinônima da outra, mas pelo fato do uso incomum, sepultadores parecem conferir um tom mais solene.

Dessa forma, podemos ter alguns indícios sobre a mudança da nomenclatura de coveiro para sepultadores, basta fazer a conexão com o episódio ocorrido em 20 de abril de 2020, onde o ex-presidente Jair Bolsonaro colocou que não era coveiro, ao perguntarem a ele sobre o número de mortos pela Covid-19. Ou seja, há um certo empoderamento e respeito, por parte da Folha, com os profissionais responsáveis pelos enterros, trocando assim “coveiros” por “sepultadores”.

Diferente da primeira reportagem, essa segunda tem como foco mostrar o número de mortos e driblar as incoerências das informações fornecidas pelo governo. Desde o início da reportagem é colocado que os números divulgados são referentes ao consórcio feito entre os veículos de comunicação (Folha, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo, G1, UOL). No decorrer do texto são informados quais os Estados possuem os maiores números, enfatizando a argumentação de que em algumas regiões não é possível ter o número total, pois o balanço geral diário ainda não foi realizado. Na sequência, é feito um comparativo do número de mortos do Brasil com os Estados Unidos e Argentina. Por fim, é trazido que o consórcio de veículos foi feito devido ao posicionamento do governo Bolsonaro que ameaçou não liberar os dados, que também atrasou a liberação dessas informações, fazendo com que não houvesse a divulgação do número total de mortos. Um contradiscurso ao que o ex-presidente Bolsonaro faz, o que evidencia uma operação midiática de enfrentamento e de disputa pela confiabilidade dos dados, tensionando a ideia de transparência.

É possível notar que essa reportagem busca enfatizar os inúmeros mortos pela Covid-19, e que não apresenta questões da morte e, sim, o impasse de se ter o verdadeiro número de mortos. Além disso, a reportagem não fala sobre os cuidados para não se infectar, mas tem como foco os números e a questão governamental. O que destoa das imagens, pois essas passam uma visão de narrativa da morte, como se fosse um filme/trailer da morte por Covid-19, com início, meio e fim.



Outro elemento que se encontra nessa segunda reportagem analisada é a parte dos comentários. Ao analisar os 13 comentários dessa notícia podemos notar que as principais questões levantadas pelos leitores são sobre a incerteza das informações sobre os números de mortos, as medidas sanitárias que estão sendo tomadas para a diminuição dos casos e críticas ao governo Bolsonaro.

### Figura 22 – Comentários da reportagem

O total de infectados subiu 40 mil, mas o total de mortos caiu 10. Só haveria uma chance disso acontecer: alguns estados reverem seus dados, conforme aconteceu com RR no dia anterior. Outra chance? Ressuscitação. MAM

Brasil não conseguiu fazer lockdown, porque Bolsonaro sabotou as poucas tentativas. Agora tudo vai para a vala comum do noticiário. Desde que tenha respirador pra todo mundo que se dane o povo

O Messias já falou que é uma gripezinha, tudo isso é fake news, invenção dos comunistas, petistas e do Moro, do Mandeta e agora do trostkista weintraud.

Fonte: Folha de São Paulo (23/06/2020).

A partir dos comentários nota-se que a morte fica em segundo plano, ficando apenas como um gancho para discutir questões políticas e de saúde pública. O alerta para o número de mortos mostra que algo está errado e que o governo deveria ter tomado medidas para conter o número de mortos. Há a presença dos elementos da morte na notícia, mas esses não são usados para acionar discussões sobre a morte de fato, mas sobre o que precisava ter sido feito para frear essa.

Ao compararmos com a notícia do G1 vemos um grande contraste: a primeira mostra os ritos da morte e a segunda, da Folha, apresenta a morte diante das questões políticas. Ficam evidentes os sentidos diferentes sobre elementos semelhantes: o caixão e as covas. O que gera a reflexão: são os elementos das imagens que nos fazem interpretar diferentes sentidos da morte ou as informações que cercam essas imagens nos fazem compreender esses sentidos? Outra questão importante é em relação a esse questionamento: como a circulação afeta a construção dos sentidos? Por exemplo, quando vemos comentários de outros leitores, podemos gerar novos sentidos sobre a mesma informação?

Diante dessas duas reportagens, de diferentes veículos, é possível ver que a primeira fase apresenta o descontrole da doença, das dificuldades de lidarmos com um vírus que não possuíamos total controle e pouco conhecimento. Junto das

imagens, os textos e comentários mostram também a gravidade, fazendo uma conexão direta com questões de responsabilidade do governo. De certa maneira, uma forma de criar um alarme, um despertar para as problemáticas da pandemia.

Ainda explorando essa primeira fase, temos as publicações do Instagram, que conforme já citado, contam com imagens feitas por fotógrafos que registram o dia a dia do vírus no Brasil. A primeira postagem analisada, referente ao dia 2 de maio de 2020, foi captada no Rio de Janeiro, segundo a localização. A legenda da imagem, que está em inglês, sinaliza que a imagem foi captada em abril, enquanto crianças brincavam dentro do cemitério durante o surto da Covid-19. A legenda em inglês intensifica em mostrar a gravidade do vírus no Brasil, pois permite que pessoas de outras nacionalidades vejam uma parcela do caos brasileiro diante de tantas mortes. Abaixo da legenda, há *hashtags* que agrupam a temática da publicação.

Figura 23 - Localização, legenda e *hashtag* da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - Antonio Lacerda (@lacerda4) (02/05/2020).

Figura 24 - Imagem da publicação da primeira fase



Fonte: COVID Photo Brazil- Antonio Lacerda (@lacerda4) (02/05/2020).

Com uma legenda curta e com um foco diferente das reportagens, a imagem dessa publicação é composta por várias gavetas, espaços semelhantes às covas em que os corpos são depositados. É possível visualizar muitas gavetas e uma única pessoa. Por mais que não se tenha a cena clássica da cova e dos caixões, temos a tradução do vazio da morte. Tão vazio que crianças brincam no espaço, sem se importar com os inúmeros corpos e o vírus.

A morte, de certa forma, nesta publicação pode ser interpretada como invisível. Ao olhar os comentários, é possível ver apenas um, que diz "*E tá escrito Paz nos Bailes na camiseta ainda*". Aqui é possível fazer uma conexão com a violência do Rio de Janeiro durante os bailes da cidade. Ou seja: aqui temos a morte por Covid-19 e a violência do Rio de Janeiro, que muitas vezes acaba ocasionando a morte. Nesta publicação, além de termos a morte por Covid-19, temos uma segunda interpretação: a violência das cidades. Portanto, a morte por Covid-19 poderia ser um gancho para olharmos com mais atenção para os outros tipos de mortes que nos cercam diariamente?

A segunda publicação desta fase conta com a imagem registrada no dia 20 de julho de 2020. Com uma legenda simples, essa consta com o número de mortos até o dia 20 de julho: 80.251 mortos. Assim como a outra publicação analisada, a localização está presente, mostrando que o registro foi feito em Manaus. A imagem

em preto e branco apresenta um dos símbolos da morte, o caixão. As *hashtags* destacam a localização e o apelo para que as pessoas se cuidem (*#ficaemcasa #quedateencasa #stayhome #homequarantine #quarentenaprojetada*).

Figura 25 - Localização, legenda e *hashtag* da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - Raphael Alves (@photoraphaelalves) (20/07/2020).

Figura 26 - Imagem da publicação da primeira fase



Fonte: COVID *Photo Brazil* - Raphael Alves (@photoraphaelalves) (20/07/2020).

A imagem da publicação apresenta dois símbolos destaques: o caixão e uma boneca. Ao olhar essa publicação é possível ter duas impressões. A primeira é de que está sendo retirado de dentro da casa um caixão que possui um corpo de uma criança, pois do lado de fora há uma boneca, o que remete à infância. A segunda impressão é o contraste do início e do fim da vida: a imagem da boneca leva a compreender que esse brinquedo marca o início da vida (a infância), e o caixão representa o fim (a morte). Ou seja, a publicação nos leva a pensar e ter diferentes sentidos da morte em uma única imagem. É importante ressaltar que com uma legenda simples, só com o número de mortos, há a possibilidade de diferentes interpretações, porém, a localização indicada nessa imagem pode ajudar a compreender melhor o cenário.

A localização mostra que a fotografia foi registrada em Manaus, uma das regiões do Brasil que foi fortemente prejudicada pela Covid-19, pois muitas pessoas foram a óbito por falta de oxigênio nos hospitais. A imagem não traz essa informação, mas a localização e os elementos da fotografia dão indícios para chegar a essa conclusão. Outro contraste importante com o jornalismo, reforçando o pensamento anterior, é a questão do texto. Sem nenhuma informação detalhada sobre a fotografia, as metáforas das imagens podem gerar diferentes sentidos sobre essa.

Ainda sobre essa publicação, é possível localizar apenas um comentário *“Tristes tempos! Uma entre tantas imagens que gostaríamos de não ter feito... 😞”*, que se compreende ser de um fotógrafo. O comentário remete à ideia de que há muitas imagens como essas sendo feitas, diante de tantas mortes pelo vírus. Aqui é possível tensionar: quais imagens de fato são publicadas pelos veículos e fotógrafos? E por que essas fotografias?

Diante das duas publicações observadas, temos algumas conclusões importantes: ambas contam com apenas uma pessoa viva, trazendo um ar de vazio, de incerteza. Além disso, olhando de modo geral, é possível encontrar no perfil a repostagem dessas imagens ao longo do tempo. Por exemplo, a segunda imagem aqui apresentada pode ser vista mais de uma vez no feed.

A partir das reflexões e análises dessa primeira fase, tanto nas reportagens, quanto das publicações, é possível notar que os elementos simbólicos da morte estão presentes fortemente. Portanto, nota-se que é uma fase em que a morte é bastante ressaltada, mostrando aspectos de alerta para o caos gerado pelo vírus, as

incertezas sobre o futuro, o vazio e as dificuldades diante de tantos mortos e um alerta para as questões políticas.

### 7.1.1 As operações do jornalismo

Podemos notar, a partir das duas reportagens analisadas nessa fase, que o jornalismo adotou o número de enterros e mortes como destaque de suas manchetes, mesmo as reportagens se diferenciando nos conteúdos. Mesmo havendo essa semelhança, pode-se notar que ao colocar o número de enterros, o portal fala do número de covas, dando mais força para a morte, enquanto o outro destaca o número total de mortos, dando um aspecto mais estático, quantitativo e não tão palpável quanto o número de enterros.

Além disso, podemos ver que algumas imagens dessas reportagens apresentam uma semelhança: mostram várias covas, dando a ideia de traduzir o que está nas manchetes, ou seja, recortar uma parcela das milhares de mortes por Covid-19. Nota-se aqui que o jornalismo utiliza das imagens para ilustrar as manchetes, mas que nem todo o conteúdo da reportagem é fiel à imagem e à manchete. Além disso, é possível ver nessa fase que o jornalismo utiliza a morte como elemento central do acontecimento pandemia, pois além das mortes, há outras problemáticas além dessa, como política e saúde. Para apresentar essas semelhanças, e até mesmo as diferenças, apresento um quadro síntese dessas duas reportagens.

Tabela 2 – Detalhes das reportagens da primeira fase

DATA	EDITORIA	MANCHETE	IMAGEM DESTAQUE
Abril	Amazonas	Com 140 enterros em 24 horas, Manaus bate recorde de registros desde início de pandemia	Foto do enterro coletivo das vítimas de Covid-19 no cemitério. Fotografia em cores.
Julho	Saúde	Brasil tem 1.364 mortes por Covid-19 em 24 h, segundo maior número diário já registrado	Foto de um túmulo em preto branco. Em cima do túmulo, um quadro com uma imagem.

Fonte: criado pela autora (2022).

Tabela 3 – Comparação das reportagens da primeira fase

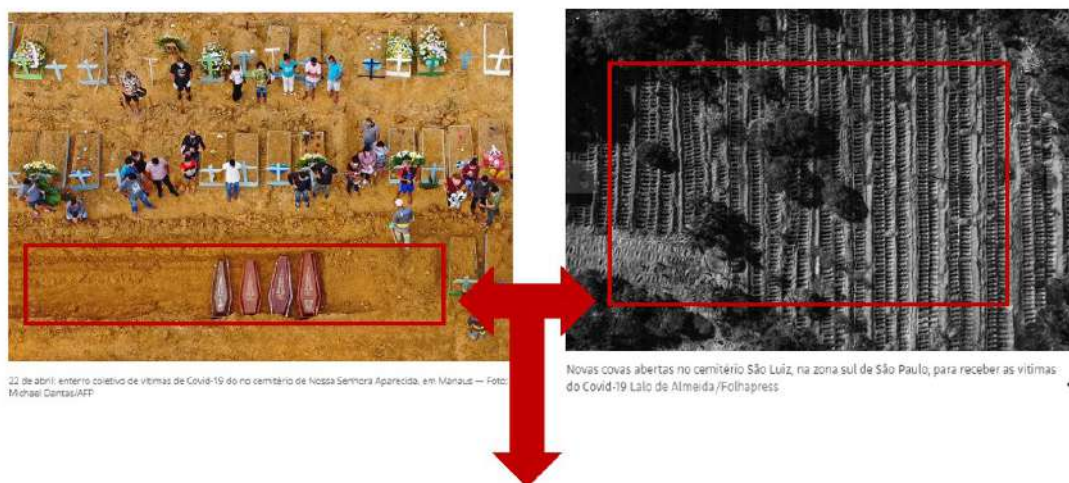
SEMELHANÇAS DAS REPORTAGENS	DIFERENÇAS DAS REPORTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização de números na manchete;</li> <li>- Imagens de covas, caixões;</li> <li>- Problematização do descontrole da morte.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferentes editorias: uma foca na região em que a reportagem abordará e a outra foca no tema da saúde;</li> <li>- Conteúdos diferentes: uma fala sobre o caos do sistema de saúde/sanitário e outra fala sobre o vírus em outros países e descaso do governo Bolsonaro;</li> <li>- Diferença na ênfase dos números: uma cita o número de enterros, enquanto a outra enfatiza o número geral de mortos.</li> </ul>

Fonte: criado pela autora (2022).

Diante disso, podemos entender que, independentemente de uma pandemia, a morte é destaque na configuração do acontecimento pandemia no Brasil, mas que nessa fase, ela abre a discussão para outras questões sociais. O jornalismo coloca a morte não apenas como um problema de saúde, mas também como um problema social e político. Observando os dois portais escolhidos, é possível ver que existe um posicionamento político dos veículos, nos levando a compreender que esses colocam o “desgoverno” de Bolsonaro como uma das causas das milhares de mortes e todas as notícias são elaboradas para reiterar esta ideia.

Para enfatizar que a morte é o foco do acontecimento nessa primeira fase, podemos notar que existe uma imagem símbolo, seja nas fotos coloridas ou preto e brancas, que traz como elemento central as covas vazias. Essas além de representarem tantas mortes, também mostram, de certa maneira, o vazio do silêncio do governo e das respostas para as vacinas. No esquema abaixo, podemos ver o motivo dessa imagem marcar essa primeira fase.

Figura 27 - Comparação de imagens presentes nas reportagens



- Metáfora do vazio, de enterros em valas comuns e sem identificação.
- Conexão com a guerra, onde há grandes valas para enterrar os mortos.

Fonte: criado pela autora – G1 e Folha de São Paulo (2022).

A partir disso, podemos ver em uma das reportagens, por meio dos comentários, que essas manchetes e imagens despertam polarização de opiniões dos atores sociais, como por exemplo, um apoiando o ex-presidente Bolsonaro e outro discordando das atitudes desse. Dessa forma, pode-se notar que a manchete, a imagem e os textos nesta fase são operações que criam circuitos polarizadores de opinião, trazendo muitas vezes discussões que saem do foco central: as mortes por Covid-19. É possível identificar que nessa primeira fase que há uma certa indignação com a morte, seja pela aceitação de “todos vamos morrer um dia” ou não aceitação dessa, de que há uma forma de evitar tantas mortes em massa. Esses sentidos da morte, de certa forma, estão conectados com o conceito de Ricoeur de que vamos morrer, ou melhor, ter que morrer um dia (2022,p.10). Pensando nesse conceito na prática, podemos ver que nessa primeira fase ainda temos o sentido da morte pré-pandemia, de que vamos morrer, mas que a ciência e a medicina podem nos salvar e prolongar o nosso tempo de vida. Entretanto, ao mesmo tempo que achamos que a pandemia seria algo rápido, que não precisávamos nos preocupar, o medo da morte foi se instalando. No esquema abaixo, podemos ver uma interpretação de como o leitor é levado a ler e tirar suas conclusões.



Figura 28 - Organização/estrutura do G1



Fonte: criado pela autora – G1 (2022).

Figura 29 – Organização/estrutura da Folha de São Paulo



Fonte: criado pela autora – Folha de São Paulo (2022).

Nota-se que a estrutura visual e de leitura é diferente em cada portal de notícia, mas que em ambos os veículos, abaixo da linha de apoio, colocam diferentes redes sociais, onde o leitor é convidado a compartilhar a notícia em outras redes sociais. Dessa forma, percebe-se que existe uma intencionalidade dos portais de notícias em aumentar a circulação dessa informação. Aqui em especial, podemos ver que a reportagem da Folha de São Paulo está disponível para todos os públicos, não tendo a obrigatoriedade de ser um assinante do jornal para ler. Logo, isso só reforça ideia da circulação, pois quanto mais pessoas compartilharem, mais leitores podem ver a notícia.

Olhando as estruturas, podemos também ver que existe uma diferença na colocação das imagens. No G1, o leitor já se depara com as imagens das covas logo após a linha de apoio, enquanto na Folha de São Paulo o leitor primeiramente tem contato com três parágrafos para depois ter contato com as fotografias. Um destaque que se difere nas reportagens é que no G1 há uma reportagem em vídeo, que intensifica ainda mais a problemática da morte. Logo, podemos ver que essa forma de organizar a reportagem pode mudar os sentidos da morte e também de circulação, por dois motivos: em relação a sentido, ao ver a imagem é possível ter uma dimensão da intensificação da morte, sem propriamente ter lido nenhuma informação, o que já gera um alerta, pois a imagem possui um vazio, despertando uma agonia em que lê; em relação à circulação, podemos ver que quando o texto vem antes da imagem, há dois caminhos, ou o leitor se prende a informação e a compartilha, ou leitor não se interessa e não segue com a leitura e não a compartilha. Sendo assim, acredita-se que a imagem pode ser um caminho que determina conquistar ou não a atenção do leitor, e conseqüentemente, aumentar ou não a circulação.

Portanto, nessa primeira fase do jornalismo, fica evidente que as imagens têm um papel importante para despertar o medo da morte, afastando o sentido da morte por velhice, por exemplo, mas enfatizando a morte enquanto uma ameaça à espreita no caso da pandemia. Além das imagens, podemos ver também que o conteúdo debatido por cada veículo também impacta nesses sentidos, pois é possível ver que falar do número de mortos não necessariamente é falar da morte em si, mas das problemáticas que rodeiam essa. Por fim, podemos ver que a organização dos elementos da reportagem são cruciais para a circulação dessa, mostrando que não

é apenas as informações que prendem o leitor à notícia, mas a forma como essas são organizadas e dispostas no site de notícias.

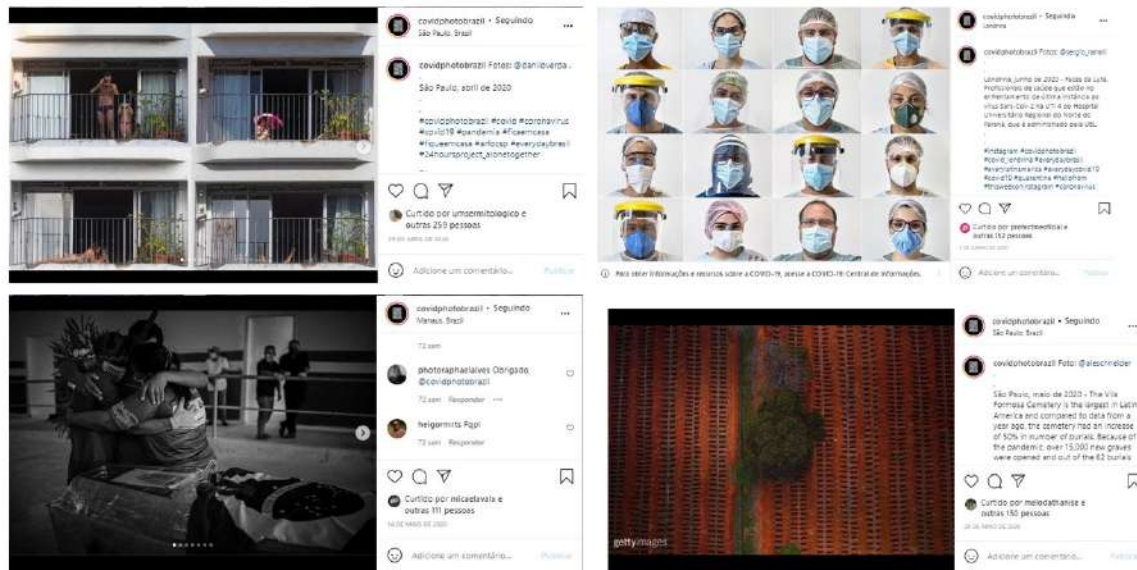
### **7.1.2 As operações do COVID *Photo Brazil***

Nesta primeira fase do perfil do Instagram COVID *Photo Brazil*, podemos ver que as publicações destacam o vazio, seja nas covas ou nas pessoas dentro das suas casas para fazer o isolamento. É perceptível que o vazio e o isolamento são o foco desse período, mas que também há imagens dos profissionais da saúde e de pessoas enlutadas diante do vírus. Diferente dos portais, podemos ver que as imagens postadas procuram mostrar pessoas, expressões de sofrimento. Além disso, outro ponto que se nota nessa fase é a falta de grandes legendas, tendo mais destaques para as *hashtags*. Junto com as *hashtags* também está o nome do fotógrafo, sinalizado pelo perfil desse na rede social.

Dessa forma, por meio de fotos coloridas e em preto branco, podemos ver que as imagens por si só já traduzem a situação da pandemia da Covid-19, não se fazendo necessário grandes legendas. Entretanto, é importante ressaltar que ao não termos legendas muito extensas, permite-se uma interpretação mais livre dos atores sociais. Logo, por meio dessa liberdade de compreender os sentidos das imagens, pode-se entender que o perfil tem a intencionalidade de deixar os atores sociais criarem suas próprias interpretações, o que se difere do jornalismo, em que é criado um caminho para o leitor interpretar a informação.

A partir disso, podemos conectar essa maior liberdade de sentidos com os estudos do imaginário, pois quando há não delimitação, o imaginário é acionado para despertar diferentes interpretações. Além disso, como podemos ver em um recorte das imagens que simbolizam essa fase, as fotografias constroem uma narrativa desse período.

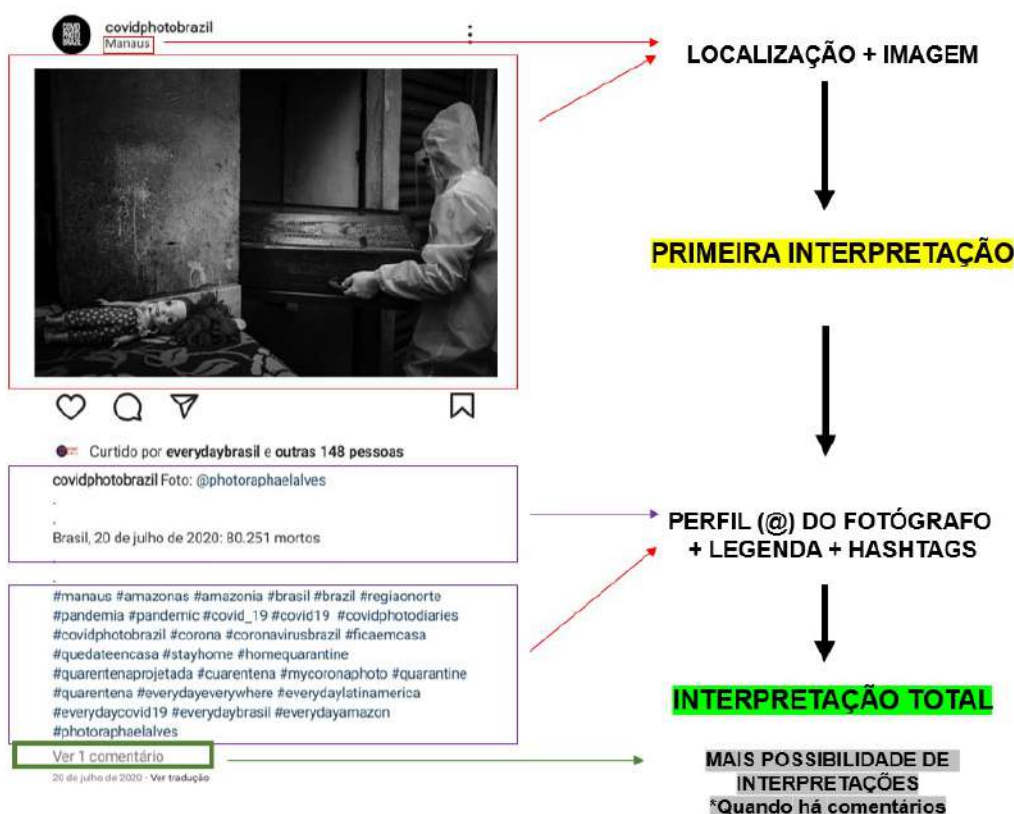
Figura 30 - Recorte das imagens da primeira fase do Instagram



Fonte: criado pela autora – COVID Photo Brazil (2022).

Outra observação bastante relevante, notada nessa primeira fase de análise, é o modo como vemos as publicações. Diferente das reportagens, nas publicações não temos tantos detalhes, informações completas. No Instagram, primeiro temos a localização e em seguida temos a imagem. A partir disso, já conseguimos interpretar a publicação mesmo antes de vermos a legenda: estamos falando da morte e de que modo essa afeta a região marcada na localização. De certa forma, o perfil do fotógrafo, a legenda e as *hashtags* acabam virando um complemento, ao contrário das reportagens, em que o texto é um guia para compreender o sentido da temática da morte. É possível também ter mais interpretações visualizando os comentários quando esses aparecem na publicação. Abaixo, um esboço do modo como podemos interpretar as publicações do Instagram.

Figura 31 - Estruturação das informações no Instagram



Fonte: criado pela autora COVID Photo Brazil (2022).

Sendo assim, fica evidente que o perfil COVID Photo Brazil dá uma maior liberdade para os atores sociais, permitindo assim uma consciência da problemática do cenário pandêmico, principalmente ao abordá-lo de modo mais poético e menos comprometido com a informação ou o registro. Há um evidente trabalho de elaboração de sentidos prévios. Além disso, é importante ressaltar que o sentido da morte nessa primeira fase tem uma diferenciação do jornalismo: temos aqui um despertar para o medo da morte e não uma polarização. As publicações mostram os caminhos que o vírus tomou, mostrando o início do caos, enfatizando a importância do debate da problemática da morte.

Portanto, entende-se que a primeira fase do perfil do Instagram é marcada pelo alerta da morte, utilizando os elementos da morte e do vazio como uma forma de sensibilizar os atores sociais. Logo, ao criar esse cenário de medo, é também criado uma narrativa que leva ao ator social compreender que essa problemática não é apenas sobre o vírus, mas também político e social.

### 7.1.3 Imagens e imaginários em circulação

Ao escolher as reportagens dos portais de notícias e as publicações do Instagram desta primeira fase, encontramos diferentes imagens durante o período. Entende-se que as imagens escolhidas nessa primeira fase são as que marcam o período, entretanto, para que se pudesse compreender as imagens e imaginários em circulação, de março a julho de 2020, foi importante analisar um conjunto geral dessas imagens e do modo como tratam o acontecimento mortes por pandemia.

É perceptível que as imagens mais figurativas da morte não apareceram de forma tão intensa no início da pandemia, mas que essas foram surgindo na medida em que o vírus foi se espalhando pelo Brasil e pelo mundo. Para compreender melhor essas modificações, foi criada uma linha do tempo para compreender os impactos da circulação nas imagens e imaginário.

Figura 32 - Conjunto de imagens da primeira fase



Fonte: criado pela autora – G1, Folha de São Paulo e COVID *Photo Brazil* (2022).

Nota-se que inicialmente temos imagens mais oficiais, com membros da Organização Mundial da Saúde, mostrando que de fato o vírus precisa ser visto como um perigo mundial. Entretanto, no Brasil, temos a fala do ex-presidente Jair Bolsonaro afirmando que não era necessária tanta preocupação, a conhecida frase “é apenas uma gripezinha”. Aqui, vemos imagens de Bolsonaro no meio de

multidões, usando a máscara de maneira incorreta, ao mesmo tempo que os meios de comunicação começam a utilizar imagens de pessoas usando máscara corretamente.

Dessa forma, podemos pensar, por meio dos estudos de Said e Calado (2021), a problemática do aceleração do imaginário na pandemia, afinal temos duas imagens diferentes para falar do mesmo assunto, gerando assim uma confusão sobre os fatos. Pensando além, podemos também observar que ao utilizar imagens mostrando o uso correto da máscara há um acionamento para o cuidado, enfatizando uma transição de uma imagem do que é errado para de fato o que é correto. Por trás de duas imagens com elementos iguais, mas usos diferentes, podemos ver a problematização dos sentidos da morte: enquanto o ex-presidente zombava da morte, a população fazia o seu papel tentando evitar o contágio e a morte.

Figura 33 – Transformações das imagens com símbolos da pátria



Fonte: criado pela autora – G1, Folha de São Paulo e COVID *Photo Brazil* (2022).

Ao olharmos o conjunto de imagens dessa fase, podemos ver a presença dos símbolos da pátria: a bandeira do Brasil, as cores da bandeira, e figura do líder da nação. É notável que durante essa primeira fase esses elementos vão se transformando nas imagens, ganhando novos sentidos e também trazendo os elementos da morte. A primeira imagem, que apresenta uma multidão apoiando Bolsonaro, mostra de certa forma o apoio de seus seguidores, entretanto, essa imagem foi realizada antes do grande aumento do número de mortos. A segunda imagem, a partir da figura da bandeira ao fundo e da falta de habilidade do ex-presidente em usar máscara, traduz o início de uma fase de descuido e descaso do governo com as mortes por Covid-19. A terceira imagem, que se diferencia das duas primeiras, mostra em nossa própria bandeira o número de nossos mortos. A imagem

carrega a problemática da morte, mostrando o descaso com vírus, o que acabou gerando um número enorme de mortes.

Sendo assim, podemos ver que essas três imagens constroem uma narrativa dos sentidos e da proporção que o vírus tomou. O que o governo levou como algo nada sério, ficou estampado em nossa bandeira: mais 600 mil vidas perdidas. Portanto, é possível ver que com o desenvolvimento do vírus, as imagens foram se transformando, buscando apresentar também o crescimento do sentido do medo da morte e, também, despertando em nosso imaginário gatilhos para o descontrole da pandemia, nos fazendo vivenciar o mesmo medo vivido em grandes guerras. Logo, se no início foi sinalizado que seria apenas uma semana de isolamento, as imagens mostram que essa previsão estava completamente errada. Sendo assim, essas três imagens, de alguma forma, narram e simbolizam como a morte se instalou no país.

Essa construção de sentido e de acionamento do nosso imaginário pode ser vista em outras imagens. O vazio, por exemplo, também está presente nessa construção. Salas de aulas vazias, espetáculos sem plateias. Olhando brevemente podemos compreender que esse vazio significa o isolamento. Entretanto, as imagens vão além desse sentido. Ao vermos as imagens podemos também compreender que, de certa forma, elas também expressam o sentido da morte. O vazio, cadeiras e classes vazias mostrando quantas vidas foram perdidas pelo vírus. Vidas que não podem ser recuperadas. Além disso, esse vazio também pode ser interpretado como um silêncio dos governantes e falta de medidas para tentar frear o aumento no número de mortos.

Figura 34 - Transformações das imagens que representam o vazio



Fonte: criado pela autora – G1 e COVID *Photo Brazil* (2022).



Outra construção de sentido que se encontra nas imagens é a contraposição da vida e da morte. Tanto nos portais de notícias, quanto no perfil do Instagram, encontramos imagens de rostos de pessoas que morreram de Covid-19 e imagens de profissionais da área da saúde. Nesse contraste de imagem, nota-se que existe a criação de uma narrativa, pois ao mesmo tempo em que pessoas estão morrendo pelo vírus, temos profissionais tentando salvar vidas e colocando as suas próprias vidas em risco. Além disso, a utilização de rostos nos passa a sensação de credibilidade, de que as mortes são reais, que não são apenas números, e de que há muitos profissionais na linha frente, mas mesmo assim não foi possível salvar todos. Logo, uma amostra de que há limites da medicina, de que há um limite para a vida e um descontrole sobre a morte.

Figura 35 – Transformação das imagens com rostos



Fonte: criado pela autora – G1 e COVID *Photo Brazil* (2022).

Dessa forma, analisando as imagens que constroem essa primeira fase, fica evidente que as imagens com os símbolos da morte, da vacinação e com os símbolos da pátria ganham destaque, dando a compreender que quando falamos da morte e, também, da vida, as problemáticas da pandemia estão conectadas ao campo político. Sendo assim, se percebe que a “gripezinha” foi mais potente do que o ex-presidente imaginava. O medo da morte se intensifica a partir da constatação de que a pandemia é muito mais mortal do que qualquer doença já vista.

Diante dessas imagens, e da forma que essas vão se mutando e mantendo alguns elementos, podemos ver que as imagens se transformam na medida em que é preciso reforçar os perigos da morte. Começamos com imagens de máscaras, de políticos, e com a o avanço rápido do vírus, as imagens da morte começam a aparecer. E, a partir da circulação dessas imagens, o imaginário se intensifica sobre

a percepção de se preocupar ou não com a morte, na medida em que a morte vai se aproximando de todos, deixando de ser apenas uma notícia do jornal e ganhando espaço nas nossas próprias vidas.

Nesta fase identificamos com mais força o imaginário do risco eminente da morte, por meio dos seguintes elementos em circulação: a morte como sinônimo do vazio, da ausência da vida nas cidades, que foi extinguida pelo vírus e pela morte, e do início do aparecimento de centenas de covas. Se antes víamos alguns enterros por dia, aqui começamos a ver cemitérios com um fluxo intenso de mortos. O vazio, de certa forma, é uma construção metafórica não apenas da morte de fato, mas da ausência das pessoas poderem viver suas vidas, pois todos precisaram se isolar. Além disso, temos a intensificação do imaginário do medo a partir de ações do governo federal, pois esse não tomava atitude para conter uma crise sanitária sem precedentes, ao mesmo tempo que também descredibilizou o caos que o vírus causava. Por fim, podemos ver o conjunto de imagens que apresentam a ideia da morte enquanto uma presença: vazio, descaso político, cruces, as covas, os rostos das vítimas e de profissionais da saúde.

## 7.2 SEGUNDA FASE: A INTENSIDADE DO PERIGO E OS CORPOS

A segunda fase, que começa em agosto e vai até dezembro de 2020, é marcada pela aceleração e intensidade da morte. Se na primeira fase temos o alerta do vírus e os impactos desses, na segunda, temos o alerta para a intensificação da morte, mostrando que essa está cada vez mais próxima de todos. A reportagem da Folha de São Paulo, do dia 28 de setembro de 2020, apresenta esse alerta: o número total de mortos no mundo pode ser comparado a 13 Maracanãs lotados. A manchete e a linha de apoio enfatizam que os números crescem e que o vírus está se espalhando rapidamente. A imagem em destaque, que está em preto e branco, apresenta uma Bíblia no chão do cemitério, onde foram sepultadas vítimas da Covid-19.

Figura 36 – Manchete da reportagem da Folha de São Paulo

CORONAVÍRUS

## Mundo chega a 1.000.000 de mortos pelo coronavírus

Marca, equivalente a 13 Maracanãs lotados, é alcançada em menos de nove meses

Fonte: Folha de São Paulo (28/09/2020).

Figura 37 – Imagem destaque da reportagem



Bíblia sobre túmulo no cemitério São Luiz, onde foram sepultadas muitas vítimas da Covid-19 em São Paulo - Lalo de Almeida - 3.ago.20/Folhapress

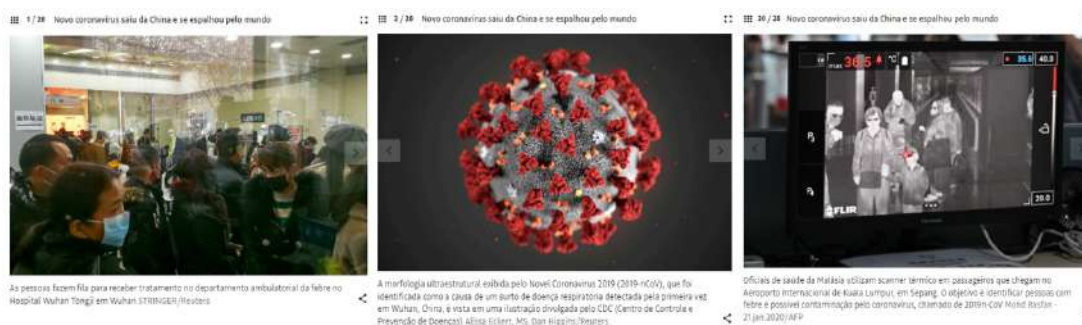
Fonte: Folha de São Paulo (28/09/2020).

Ao olhar a manchete, o leitor não tem a dimensão da quantidade de informações que está prestes a receber. O número de mortos é apenas a ponta de um grande iceberg de informações. Com o foco no 1 milhão de mortos, a reportagem apresenta um panorama sobre o vírus no cenário mundial. A notícia começa enfatizando que a crise sanitária fomentou uma crise econômica, e que essa grande crise está gerando conflitos políticos entre os chefes de Estado, causando também alvoroços nas redes sociais. Além disso, a notícia coloca também que mesmo com a estabilização do vírus, o cenário não é dos melhores e que a vacina não chegará para todos tão cedo. A partir disso, são inseridos gráficos na notícia, que mostram o desenvolvimento da doença e a evolução das mortes por Covid-19 em diferentes países.

De maneira resumida, é apresentado um histórico sobre a chegada do vírus em diferentes países, incluindo o Brasil, mostrando quais medidas foram tomadas, trazendo sempre informações e falas da OMS. Dessa forma, a partir de tantas informações que mostram a gravidade do vírus, vemos que existem muitos problemas desencadeados pelo vírus, e a partir disso, foi sendo criado um medo maior da morte, pois mesmo diante de soluções, como por exemplo a vacina, o cenário era de guerra, seja pelas mortes, seja pelo descaso político.

Diante de tantas informações, a reportagem também conta com cinco coleções de fotografias, que ilustram alguns acontecimentos citados na reportagem. A primeira é uma coleção de imagens de vários países, que conta com 28 fotografias, mostrando imagens de pessoas de máscara, fotos do vírus em laboratório, imagens de cemitérios, operações de segurança para conter o vírus. A segunda coleção, que conta com 7 fotos, é sobre o Papa Francisco rezando sozinho na praça São Pedro, sem nenhum fiel, um contraste do que é normalmente. A terceira, com 35 fotos, é o cenário do vírus no Brasil, mostrando também pessoas de máscara, a higienização, o isolamento e as dificuldades de quem não tem como se isolar. A penúltima coleção, com 14 fotos, mostra a onda de protestos na Europa, em função da morte de George Floyd, alertando a questão das aglomerações. A última coleção, e a mais fortemente conectada com a morte, intitulada "*o vírus do luto*", conta com 15 imagens que mostram o cemitério, coveiros, covas, caixões, fotos de pessoas que morreram, os familiares na despedida.

Figura 38 – Recortes da primeira coleção de imagens



Fonte: Folha de São Paulo (28/09/2020).

Figura 39 - Recortes da segunda coleção de imagens



Fonte: Folha de São Paulo (28/09/2020).

Figura 40 - Recortes da terceira coleção de imagens



Fonte: Folha de São Paulo (28/09/2020).

Figura 41 - Recortes da quarta coleção de imagens



Fonte: Folha de São Paulo (28/09/2020).

Figura 42 - Recortes da quinta coleção de imagens



Fonte: Folha de São Paulo (28/09/2020).

Com coleções de imagens ricas em símbolos, vemos que a temática da morte está em todas as coleções, seja por meio do vírus, por meio da pobreza, dos atos de racismo. A imagem do Papa diante de todas as fotografias representa de uma certa maneira a solidão da morte, a ausência dos ritos. A morte está ligada a todas as temáticas. É evidente que a última coleção é a que se refere de forma mais direta aos mortos para a Covid-19, entretanto, as outras coleções de imagens nos fazem refletir: temos outras mortes ocorrendo, não apenas por Covid-19, mas por questões políticas, sociais, mas o que há de singular nas mortes pela pandemia? A que morte nos referimos quando pensamos na Covid-19?

Diante de tantas informações e imagens, a reportagem conta com 69 comentários dos mais variados. É possível ver discussões sobre a importância das informações, sobre as diferentes mortes que ocorrem além da Covid-19, críticas à Folha e ao governo Bolsonaro. A partir desses comentários, consegue-se observar que com tantas informações, diferentes sentidos sobre a morte podem ser acionados, mostrando que a vivência de cada leitor impacta no modo como este elabora seu texto e, certamente, produz sentido sobre o mesmo acontecimento.

Figura 43 – Recorte dos comentários da reportagem

- 1 13 Maracanãs lotados, comparação esdrúxula, não é gado ou porcos, são vidas humanas!!
- 2 Ótimo artigo! Um bom relato resumido destes meses de pandemia. Espero que o próximo possa relatar notícias melhores mundo afora. Vamos juntos sobreviver a mais essa crise!
- 3 Nunca vi nada mais apocalíptico que esse artigo! Em dezembro teremos a vacina. Os testes da fase 3 estão terminando. Após isso a vacina será liberada em meados de dezembro.
- 4 Mortes por câncer, infarto, problemas pulmonares decorrentes de cigarros, alcoolismo, trânsito, HIV, etc passam em muito o Covid 19. A gripe espanhola com uma população mundial de 1 bilhão e 800 milhões matou cerca de 70 milhões de pessoas. Agora temos quase 8 bilhões de pessoas no mundo.
- 5 E o presidente covreiro ajudou a enterrar 140.000 aqui no Brasil.

Fonte: Folha de São Paulo (28/09/2020).

Pode-se notar que a reportagem traz uma visão ampla sobre o cenário mundial, mas a notícia acaba gerando confusões e comentários bem diversificados a partir da apropriação dos atores sociais, inclusive pela polarização política. Isso traz uma reflexão para essa pesquisa: estamos de fato falando da temática da morte ou apenas usando-a como mote para falar de outros problemas da sociedade?

A segunda reportagem dessa fase, publicada pelo G1 no dia 12 de novembro de 2020, segue reforçando que o número de mortos não para de crescer. Na manchete, o alerta para descontrole, sendo complementada na linha de apoio que o Reino Unido e Itália batem novos recordes de casos. A imagem apresenta um corpo sendo preparado para o enterro, onde esse está sendo envelopado para não transmitir o vírus para quem fica.

Figura 44 - Manchete da reportagem do G1

## Mundo tem recorde diário de casos e de mortes por Covid

Foram confirmados 666 mil novos infectados e 12,2 mil óbitos na quarta-feira (11), segundo balanço da Universidade Johns Hopkins. Reino Unido e Itália batem novos recordes de casos.

Por G1

12/11/2020 09h15 · Atualizado há um ano



Fonte: G1 (12/11/2020).

Figura 45 - Imagem destaque da reportagem



Profissionais preparam o corpo de mulher que morreu de Covid em Berlim, na Alemanha — Foto: Fabrizio Bensch/Reuters

Fonte: G1 (12/11/2020).

Ao longo da reportagem podemos ver que essa tem como foco mostrar, por meio dos números, o descontrole dos infectados e mortos, reforçando que a cada dia temos novos recordes de pessoas contaminadas pelo vírus. O segundo alerta é para a segunda onda na Europa. Essa informação é acompanhada de um mapa para comprovar as informações. Após isso, é apresentado o *ranking* dos países com mais casos e óbitos, ficando o Brasil em terceiro lugar em casos e em segundo em número de mortos.

Os comentários desta notícia são bem diversificados e importantes para gerar discussões: há crítica à imprensa e ao G1, aos números informados sobre os casos e vítimas do Coronavírus, descaso com a morte, indagações de porque a China não possui mais números, insinuando que o país é culpado pelo caos mundial gerado, e até uma reflexão de que morremos, mas o espírito não.



### Figura 46 - Recorte dos comentários da reportagem

- 1 É só uma gripezinha né Sr. DESpresidente....está corroendo a economia mundial e o BRASIL....presidentezinho ladrão, despreparado e ignorante....
- 2 Quando estava melhorando a globo não mostra. Mídia patética. Geração nutella de maricas.
- 3 Besteira, temos que deixar de ser um mundo de m4r1c4s, morrer todo mundo morre.
- 4 é lamentável o n° de mortes mas na verdade ninguém morre de verdade a morte não existe, só o corpo morre, pois nosso espírito é imortal
- 5 Os porcos da China que trouxeram o vírus ao Mundo, nem aparece na foto. Ou são muito competentes no quisito saúde ou estão mascarando muitas coisas por lá ainda.

Fonte: G1 (12/11/2020).

É possível ver que o número de mortos causa diferentes sentimentos e reações nos leitores, colocando que muitas vezes o veículo não está valorizando os momentos em que há a baixa nos casos e mortos. Mas o alerta nesta notícia desperta também outro gatilho: os números não seriam um gancho para alertar as pessoas a continuarem se cuidando? Portanto, um dos sentidos que pode ser interpretado pela notícia é que a utilização dos dados é uma forma de mostrar que a morte segue próxima de nós, os números provam isso, de que não é uma notícia falsa. Não sensacionalismo, mas sim uma comprovação verídica de que a morte pelo vírus segue sendo uma preocupação.

Entretanto, ao mesmo tempo, podemos considerar que o jornalismo fica insistindo no número de mortos pelo fato desse ser um critério de noticiabilidade. A notícia durante uma pandemia longa é a atualização dos dados, porém, como podemos ver, os comentários criticam o Portal G1 porque o veículo entra no debate político. Além disso, podemos ver que todos os cinco comentários selecionados acima (figura 46) minimizam a morte, ou seja, existe uma negação da morte. Mesmo que a morte apareça reforçada pelo jornalismo, os atores sociais que comentam a negam, pois associam essa a um posicionamento político ou porque todos irão morrer um dia. Portanto, o jornalismo ao reiterar os números, sugere alertar, mas o que ocorre, a partir da circulação, é a banalização da morte.

Diante de duas reportagens que apresentam de forma significativa os números, fica claro que a primeira trilha um caminho de construir todo um panorama não só numérico da pandemia e da morte, mas ilustrar com imagens e informações que vão costurando a notícia, de uma maneira mais literária e detalhada. Já a segunda reportagem, a cada parágrafo, vai entregando de forma mais direta, quase matemática, a situação caótica da Covid-19 no mundo. Mesmo com diferentes datas e um espaçamento, ambas alertam a problemática da morte, mas cada uma gera sentidos que serão investigados nas próximas etapas.

Além disso, podemos ver, que diferente da primeira fase, na segunda a presença dos números é ainda mais forte, comprovando que com passar do tempo, ainda não temos um controle sobre a morte por Covid-19, e que esse descontrole também foi desencadeando outras problemáticas não só na área da saúde, mas em todas as áreas sociais.

Em paralelo, temos as publicações do Instagram dessa segunda fase. A primeira registrada no dia 14 de agosto de 2020, apresenta uma sequência de fotos, que mostra a despedida de uma enfermeira que foi vítima da Covid-19. Localizada em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, a publicação conta com uma legenda, tanto em português quanto em inglês, com detalhes sobre as imagens publicadas. A postagem também conta com *hashtags* semelhantes às utilizadas na primeira fase.

Figura 47 – Localização, legenda e *hashtag* da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - Thales Renato Ferreira (@thalesrenato) (14/08/2020).

Figura 48 – Primeira imagem da publicação



Fonte: COVID Photo Brazil - Thales Renato Ferreira (@thalesrenato) (14/08/2020).

Figura 49 - Segunda imagem da publicação



Fonte: COVID Photo Brazil - Thales Renato Ferreira (@thalesrenato) (14/08/2020).

Figura 50 – Terceira imagem da publicação



Fonte: COVID Photo Brazil - Thales Renato Ferreira (@thalesrenato) (14/08/2020).

Figura 51 – Quarta imagem da publicação



Fonte: COVID Photo Brazil - Thales Renato Ferreira (@thalesrenato) (14/08/2020).





O texto da legenda apresenta já no início a localização, colocando que a essa morte é referente a primeira servidora da saúde vítima do vírus na cidade. Em seguida, a legenda ressalta os inúmeros profissionais que estão arriscando suas vidas para salvar tantas outras, dando o alerta de que não é apenas uma gripezinha.

Ao final, a legenda mostra o quanto todos os cuidados são necessários, pois os números de mortos só aumentam, e que toda a população precisa ter responsabilidade de proteger a si e aos outros, que a luta pela vida é coletiva.

Ao vermos as imagens, temos primeiro o carro funerário com caixão. No caixão há uma foto da profissional de saúde. A sequência de fotos mostra os colegas da vítima em frente ao hospital se despedindo. Essa coleção de imagens dá a ideia de uma história, mostrando as etapas do adeus, da importância da vida que ali acaba. Os comentários da publicação lamentam as inúmeras perdas pela Covid-19, o descaso do presidente com o vírus, relatos de pessoas que também perderam alguém.

Nesta publicação há um tom de alerta, uma convocação a proteção coletiva, a consternação, diferente do que vemos no jornalismo. Além disso, existe uma narrativa que não se foca em números, mas sim no critério de noticiabilidade que é a vida dos que ficam.

Figura 52 – Comentários da publicação

- 1  Vivi essa dor inacreditável e imensurável hoje, um amigo e companheiro de plantão há quase 9 anos perdeu a batalha para o covid19 e o mundo perdeu um grande médico e ser humano incrível! 
- 2  Cada dia que passa estamos perdendo vidas, muito triste...
- 3  Não se leva a sério oq esse velho nojento dissimulado fala 😞 belo registro, mesmo que doloroso. Força e saúde aos profissionais que estão nessa luta por todos nós.

Fonte: COVID *Photo Brazil* - Thales Renato Ferreira (@thalesrenato) (14/08/2020).

Com um foco na conscientização de que a Covid-19 não é apenas uma gripe, a publicação traz um viés de que precisamos nos cuidar, pois as pessoas que podem nos ajudar a combater o vírus estão morrendo em função desse. Ou seja, a ajuda coletiva é essencial para que possamos preservar a vida de todos, principalmente os agentes de saúde. Dessa forma, a publicação coloca uma problemática: poderíamos evitar a morte? Aqui temos um contraste da questão da

vida versus a morte. Diferente das publicações e da cobertura jornalística, analisadas na fase 1, essa publicação não mostra o vazio, mas intensifica a problemática, mostrando que o vírus não está sob controle. Além disso, as imagens dessa publicação traduzem o rito da despedida característico da pandemia: caixão fechado, uma imagem da pessoa para representar o corpo e as pessoas todas com equipamento de segurança.

A segunda postagem dessa fase, novamente, está localizada em Manaus, assim como na fase 1. Feita em novembro, mas publicada em 3 de dezembro de 2020, a imagem foi tirada de cima, mostrando um cemitério com inúmeras covas. A legenda situa o cemitério que está na foto, de maneira breve, acompanhada das *hashtags* semelhantes às outras publicações. Entretanto, aqui temos uma nova *hashtag* #segundaonda. Dessa forma, podemos compreender que a segunda fase dessa pesquisa se encontra também na segunda onda covid-19, em que os números de mortos pelo vírus voltam a crescer.

Figura 53 – Localização, legenda e *hashtag* da publicação



Fonte: COVID Photo Brazil - Bruno Kelly (@brunokelly\_photo) (03/12/2020).

Figura 54 – Imagem da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - Bruno Kelly (@brunokelly\_photo) (03/12/2020).

Diferente da publicação anterior, a segunda publicação escolhida para compor essa fase (figura 54) não apresenta tantas informações no texto, mas a imagem ilustra o medo da segunda onda do vírus. O enquadramento da fotografia nos passa a impressão que as covas não têm fim. Uma analogia com o grande número de mortos pela Covid. Os comentários dessa publicação são apenas dois, um que elogia o registro e outro que diz “*Embaçado!*”.

Vemos que nessa fase das publicações temos um alerta sobre a morte, sobre a segunda onda, de que estamos perdendo o controle do vírus e até mesmo da vida. A morte aqui não ganha um sentido de final da vida, de um processo natural, mas de algo precoce, que está próximo de todos, independente da idade.

Ao olharmos as reportagens e as publicações do Instagram podemos fazer alguns paralelos: duas apresentam de forma mais literária e detalhada a morte. As outras duas apresentam a morte de uma forma mais matemática. Portanto, mesmo em canais diferentes de comunicação, temos ainda algumas semelhanças entre os conteúdos publicados.

Fica perceptível que nessa segunda fase, a partir dos números, temos um alerta sobre o descontrole da morte, seja de forma direta ou detalhada. Além disso, fica clara a diferença entre a rede social Instagram e o jornalismo: a primeira lida

com a morte de modo mais poético e próximo – ela nos faz sentir – e com poucos comentários, mas expositivo. Já o jornalismo fica entre o dado, a disputa política e o conflito, logo nos afetamos menos.

### **7.2.1 As operações do jornalismo**

Olhando para essa fase, e comparando com a primeira já analisada, podemos ver que os números seguem sendo os destaques nas reportagens e que junto desses números há palavras que intensificam a quantidade de mortos, como por exemplo “mundo” e “recorde”. A palavra “recorde” que muitas vezes é usada em um tom positivo, para falar de superação e conquistas, aqui ganha um tom de descontrole, de medo. Um recorde que jamais queríamos bater.

Nesta fase as reportagens apresentam mais semelhanças do que diferenças e um ponto que se destaca é a globalização que as reportagens ganham. É importante lembrar que uma reportagem é de setembro e outra de novembro, o que enfatiza o quanto a pandemia se estendeu por um longo período.

Em ambas temos informações que saem do cenário brasileiro e ganham um olhar internacional. Outro ponto que aparece é a presença da religiosidade. Na primeira, podemos ver uma bíblia, um dos livros que marca as religiões, e a figura do Papa, o líder máximo da igreja católica. Já na segunda, podemos ver dois profissionais isolando um corpo contaminado por Covid-19 para o enterro. Ou seja, ambas mostram, de certa forma, a religiosidade. Dessa forma, a morte segue sendo o foco dessas reportagens, mas nota-se que a religiosidade e o vazio da morte aparecem para nos lembrar dos ritos da morte, que no cenário pandêmico se tornou algo apagado em função da contaminação.

Além disso, também pode se ver que existe o cunho político ainda fortemente presente nas reportagens, mas que o simbolismo da morte se torna mais forte que as críticas políticas. Para compreendermos as diferenças e semelhanças, apresento um quadro síntese dessas duas reportagens.



Tabela 4 – Detalhes das reportagens da segunda fase

DATA	EDITORIA	MANCHETE	IMAGEM DESTAQUE
Setembro	Coronavírus	Mundo chega a 1.000.000 de mortos pelo coronavírus	Foto de um bíblia em cima de um túmulo de São Paulo
Novembro	Coronavírus	Mundo tem recorde diário de casos e de mortes por Covid	Profissionais arrumando um corpo que morreu por Covid-19

Fonte: criado pela autora (2022).

Tabela 5 – Comparação das reportagens da segunda fase

SEMELHANÇAS DAS REPORTAGENS	DIFERENÇAS DAS REPORTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização de palavras de intensidade nos títulos;</li> <li>- Globalização das reportagens;</li> <li>- Mesma editoria;</li> <li>- Símbolos dos ritos da morte.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conteúdos diferentes: uma apresenta mais dados sobre a morte e outra enfatiza a chegada da segunda onda.</li> </ul>

Fonte: criado pela autora (2022).

Olhando para essas considerações, podemos entender que na segunda fase a morte se intensifica ainda mais que na primeira, e que mesmo com tantas críticas e reivindicações às autoridades políticas, nada foi feito e o caos seguiu por longos meses. Para enfatizar essa problemática, o jornalismo coloca o vírus em um cenário mundial, mostrando que não apenas o Brasil está sofrendo as consequências do vírus. Pensando nas questões de imaginários, podemos ver que existe um caos generalizado: como lidar com a morte em um cenário onde todos estamos sobre a mira do vírus? E que morte é essa que não escolhe classe, credo, face?

Fica evidente que o jornalismo nos situa em quais cenários estamos vivendo, nos apresentando gráficos e tabelas que mostram o número de pessoas infectadas, e de prováveis óbitos. Aqui, podemos abrir uma crítica, que também é apresentada por Verón (1995), a didatização. Será que os leitores entenderão essas informações ou acabarão ficando ainda mais preocupados, gerando um caos ainda maior? Ou ainda, será que as pessoas realmente vão se sensibilizar com tantos números?

Diante disso, temos a impressão de que as vidas perdidas viram apenas estatísticas. Tantos gráficos que acabam tornando a morte algo banalizado.

Figura 55 – Gráficos apresentados nas reportagens



Fonte: criado pela autora – G1 e Folha de São Paulo (2022).

Como apresentado nos esquemas da primeira fase (figura 28 e 29) podemos ver que a estruturação das reportagens segue a mesma, apenas adicionando os gráficos nessa segunda fase. É possível identificar que nessa segunda fase o foco da morte só aumenta, perdendo a ênfase apenas para o Brasil e ganhando um enquadramento para o mundo. Ao lermos essas reportagens, podemos fazer uma contraposição com os estudos de Elias (2001) sobre a morte. O autor coloca que temos esperança de viver mais com o avanço da medicina, entretanto, quando olhamos para essas reportagens, vemos que a medicina ainda não encontrou uma solução para conter o vírus, logo o medo da morte se aproxima de todos nós.

Dessa forma, nessa segunda fase do jornalismo, fica evidente que além das imagens trazerem símbolos religiosos, os gráficos complementam o terror das imagens. Uma única imagem apresenta os milhares de mortos presentes nos gráficos. Portanto, fica notável que a utilização da palavra “mundo”, junto das imagens e gráficos, enfatiza o caos generalizado do vírus, e de que essa adição dos gráficos na estrutura da reportagem ganha um papel importante para embasar as notícias jornalísticas, compondo a dimensão do acontecimento, portanto, conferindo mais ênfase ao permitir analogias.

## 7.2.2 As operações do COVID *Photo Brazil*

Na segunda fase do perfil do Instagram COVID *Photo Brazil*, podemos ver a intensificação da morte. Se na primeira fase tivemos o vazio da morte, na segunda temos a imagem da dor, os ritos religiosos rompidos e a presença da religiosidade para acolher a dor da perda. Assim como na primeira fase temos a imagem do caixão, mas agora, em um maior número.

É perceptível que há o aumento de fotos com os símbolos da morte e que essas mostram, que mesmo os meses passando, não tivemos uma solução. Junto da morte, temos os símbolos religiosos presentes: cruzes, velas, pessoas orando. Outro ponto forte das publicações dessa fase são as descrições. Na fase anterior, em algumas publicações, tínhamos apenas o nome do fotógrafo e uma frase. Nessa, temos uma descrição maior, que acaba dando um maior suporte para os usuários das redes sociais interpretarem as imagens.

Figura 56 – Aumento das legendas na fase 2



Fonte: criado pela autora – COVID *Photo Brazil* (2022).

Podemos notar que essas descrições/legendas mais extensas dão uma intensificação no sentido da fotografia. Por exemplo, ao vermos o Cristo Redentor sendo desinfetado, sem uma legenda, entendemos que está sendo feita uma limpeza para reabrir o espaço para visita dos turistas. Ou ainda, podemos ter a interpretação dos profissionais que limpam pedindo "pai, nos proteja do mal". Mas ao olharmos a legenda e a imagem, podemos ter outra interpretação: nem mesmo um

santuário a céu aberto escapou de um vírus tão mortal. Nem mesmo o Cristo pôde salvar tantas almas. Dessa forma, ao termos uma legenda mais detalhada, novos sentidos podem ser compreendidos.

Além das fotos com símbolos da morte e da religiosidade, temos também imagens que apresentam críticas às aglomerações, visto que a partir da fase 2 dessa pesquisa se inicia a segunda onda da Covid-19. Mesmo com tantas mortes, a população continuou saindo, mesmo com todos os alertas das autoridades. É possível ver que no início dessa fase temos imagens de aglomerações, e no final dela, em dezembro de 2022, temos imagens de centenas de covas. Ou seja, o perfil, sem querer ou não, acaba construindo uma narrativa do que foi ocorrendo: o descuido das aglomerações resultou em mortes.

Olhando para a fase anterior, percebe-se que o mecanismo de *hashtags* segue sendo utilizado na segunda fase, o que nos faz compreender que sempre que clicamos nessas operações, teremos acesso a todas as imagens desse perfil. Aqui há um ponto bastante interessante: além de construir uma narrativa por meio desses mecanismos, as pessoas também podem descobrir o perfil por meio das *hashtags*. Por exemplo, ao pesquisar *#covid19* no Instagram, encontramos muitas publicações e clicando nessas, acabamos encontrando perfis que constroem a narrativa da pandemia, como por exemplo *COVID Photo Brazil*.

Dessa forma, podemos entender que essa segunda fase é marcada pela consolidação da morte, de que ela chegou para todos por meio do vírus e que o descaso da população com vírus resulta em consequências irreversíveis. Portanto, se na primeira fase tínhamos o vazio e o medo, na segunda fase temos o caos da morte, o descontrole do vírus.

### **7.2.3 Imagens e imaginários em circulação**

Além das imagens já trazidas na segunda fase, há outras imagens que também ajudam a construir o cenário pandêmico de agosto a dezembro de 2020. Nesta fase, podemos ver que as imagens da morte circulam de forma mais intensa que na primeira fase. Junto dessas imagens, há fortemente a presença de profissionais da saúde protegidos com roupas brancas, não sendo possível ver seus rostos, apenas seus olhos. A intensificação dessa proteção reforça o perigo da

morte. Na linha do tempo abaixo, podemos ver como essas imagens vão se transformando e quais elementos permanecem.

Figura 57 - Conjunto de imagens da segunda fase



Fonte: criado pela autora – G1, Folha de São Paulo e COVID *Photo Brazil* (2022).

Ao olhar o início da linha do tempo, podemos ver que a morte já está presente, e o Cristo Redentor, um símbolo do Rio de Janeiro, está abençoando os trabalhadores da saúde. Depois disso, vemos imagens que apresentam profissionais com proteção, e junto dessas, símbolos religiosos que reforçam o quanto o medo da morte vai crescendo, sendo a fé uma forma de encontrar acolhimento em meio a tantas perdas. Dessa forma, as imagens que marcam e permanecem ao longo dessa fase são: a morte, por meio das covas, os profissionais protegidos e os símbolos religiosos.

Pensando nos estudos de imaginários, podemos conectar a constante circulação desses mesmos símbolos nas imagens com os estudos de Rosa (2019) que, conforme explicamos no capítulo teórico, argumenta que esses circuitos de imagens repetidas nos permite pensar em diferentes sentidos. Ou seja, a presença constante dos símbolos da morte e da religião são uma forma de alertar de que precisamos pensar em como a morte está afetando a sociedade como um todo.

Além das imagens destacadas na linha do tempo, há imagens semelhantes que vão se transformando ao longo dessa fase. Conforme colocado, a religiosidade

predomina nessa fase. Podemos ver que começamos com uma imagem do Cristo de braços abertos, nos dando a ideia de proteção, ao mesmo tempo que vemos que há profissionais limpando o Cristo para proteger a população. Aqui encontramos uma dualidade de sentidos: será que Cristo poderia nos proteger de tanto caos? Ou será que nem mesmo ele consegue nos proteger, precisando dos profissionais de higienização para manter todos seguros? Depois vemos que as imagens religiosas ganham um ar de súplica, pedindo a Deus proteção diante um vírus que ninguém consegue conter. Essas imagens nos dão o sentido de desespero, mostrando que diante de um cenário onde não há solução, a fé auxilia na esperança de dias melhores.

Figura 58 – Transformações das imagens com símbolos religiosos



Fonte: criado pela autora – G1, Folha de São Paulo e COVID *Photo Brazil* (2022).

As imagens de religiosidade não param por aqui. Ao longo dos meses, podemos ver imagens que nos dão a impressão de segurança: fotografias com profissionais protegidos e atrás símbolos religiosos. O Cristo Redentor, a capela, o Santo. Essas simbologias nos dão a entender que essas figuras religiosas estão protegendo os profissionais que estão fazendo de tudo para cuidar da população, e como não há ninguém para proteger eles, as divindades estariam fazendo esse papel. Podemos aqui também ver uma crítica política: se o governo não cuida da população, alguém precisa cuidar.

Figura 59 – Transformações das imagens com profissionais usando proteção



Fonte: criado pela autora – G1, Folha de São Paulo e COVID *Photo Brazil* (2022).

Entretanto, mesmo com essas imagens que nos passam a ideia de proteção, tanto dos profissionais da saúde, quanto da fé, temos também imagens contrastes, que nos alertam para o perigo do descuido com o vírus. A primeira imagem, do início dessa fase, mostra uma aglomeração de pessoas na praia, como se não estivéssemos em meio a uma pandemia. A segunda imagem, mostra muitas covas, o descontrole da morte. Logo, podemos ver que todo o descuido, gerou centenas de mortes. Portanto, é possível ver a vida e a morte de um mesmo ângulo, mostrando que se não há cuidado, há morte.

Figura 60 – Transformações das imagens aéreas



Fonte: criado pela autora – Folha de São Paulo e COVID *Photo Brazil* (2022).

Portanto, nesta fase podemos ver que é mobilizado o imaginário da religiosidade para amenizar a dor de tantas mortes. Isso pode ser visto a partir da circulação dos símbolos da bíblia, do Papa, do Cristo Redentor e dos ritos de despedida. Além disso, aqui também temos o imaginário do alerta máximo da morte, por meio de números altos de mortos, representados pelas centenas de covas.

Se na primeira fase tínhamos o imaginário do risco iminente da morte, aqui temos o medo da morte consolidado, em que nem mesmo os ritos religiosos não são

possíveis, devido a contaminação. Dessa forma, diferente da primeira fase, em que ainda existe uma crença de que a pandemia seria rápida, a segunda fase é marcada pela piora do cenário, dando início a segunda onda da Covid-19.

### 7.3 TERCEIRA FASE: A ESPERANÇA E A VACINA-SALVAÇÃO

Olhando para as fases anteriores, temos a percepção de que não há um controle sobre os números de mortos pela Covid-19, e que na medida que o tempo passa, ao invés de diminuir, o descontrole parece ser ainda maior. Mesmo diante da esperança da vacina, o período de janeiro a junho de 2021, que é o intervalo aqui considerado a terceira fase, traz as marcas da perda, o luto de quem fica, a busca por medidas que evitem o aumento dos mortos.

A reportagem que abre essa fase apresenta que em 24 horas temos o registro de três mil mortos no Brasil. Ou seja, não temos controle sob a pandemia. A manchete compara que o país apenas supera a marca dos Estados Unidos. Publicada em 23 de março de 2021, a imagem destaque ocupa um espaço maior do site, trazendo metáforas importantes para refletirmos os sentidos da morte.

Figura 61 - Manchete da reportagem da Folha de São Paulo

TEXTOS LIBERADOS - CORONAVÍRUS

## **Brasil registra mais de 3.000 mortes pela Covid em 24 horas, e pandemia segue descontrolada**

Na contramão do mundo, país supera marca fatal só cruzada pelos EUA até hoje

Fonte: Folha de São Paulo (23/03/2021).



Figura 62 – Imagem destaque da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/03/2021).

Como visto nas reportagens anteriores da Folha de São Paulo, o veículo tem uma vertente bem detalhista, trazendo o que está por traz do número de mortos. A primeira imagem, que introduz o leitor as informações, apresenta um cemitério de São Paulo, onde é possível ver algumas pessoas caminhando entre as covas. Diante da sombra dessas, podemos fazer uma associação que cada uma dessas pessoas perde alguém, como uma simbologia da morte. Mas não apenas isso, as sombras apresentam uma analogia com a clássica imagem da evolução humana, dando a sugestão de que será que estamos realmente evoluindo? Ou ainda: será que o descontrole sobre a morte é tão grande que a espécie humana está correndo risco de ser extinta?

A reportagem também conta com outras imagens, todas em preto e branco. A primeira, após o destaque, mostra alguns coveiros e no centro da imagem uma pessoa com as mãos na cabeça, mostrando o desespero diante da perda. A segunda é uma coleção de imagens, que apresenta aglomerações em São Paulo, enfatizando o aumento de mortos. Ambas as fotografias apresentam uma expressão de agonia. A primeira mais direta com a dor da morte, mas as imagens seguintes da coleção mostram que o caos da aglomeração é uma prévia da morte, pois a partir dos contágios, há o risco de aumentar o número de mortos.

Figura 63 – Segunda imagem da reportagem



Brasil enfrenta pior momento da pandemia - Karime Xavier/Folhapress

Fonte: Folha de São Paulo (23/03/2021).

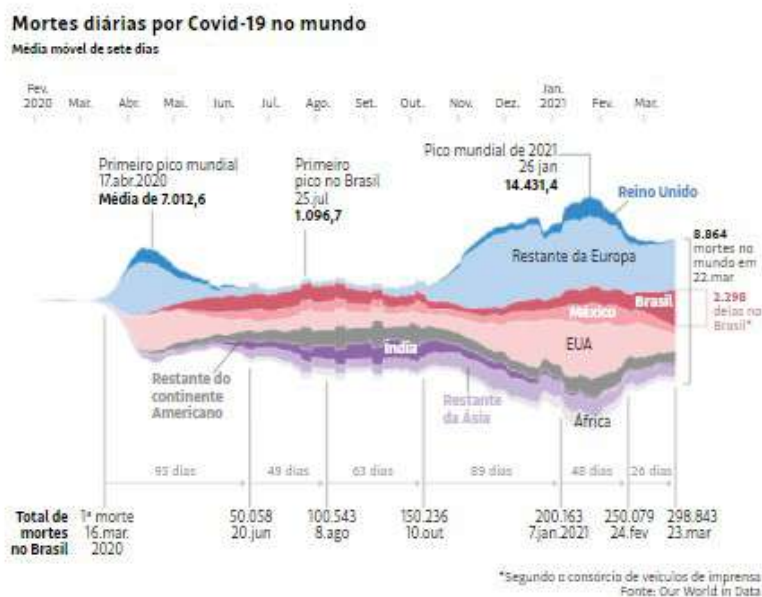
Figura 64 – Recorte da coleção de imagens da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/03/2021).

Nessa notícia há um foco no recorde de mortos, na crise sanitária, no alerta das novas variantes, e principalmente nas questões políticas, frisando que a demora na compra das vacinas só faz crescer as mortes. Outro ponto interessante é que as imagens nessa fase remetem a protestos e guerras civis. Isso pode ser visto pela imagem do homem com as mãos na cabeça, dando a ideia de estar posando para foto, e das multidões aglomeradas diante de um vírus que coloca a vida de todos em risco. Além das imagens marcantes, durante a reportagem é possível visualizar diferentes infográficos trazendo informações sobre o número de mortos por Covid-19.

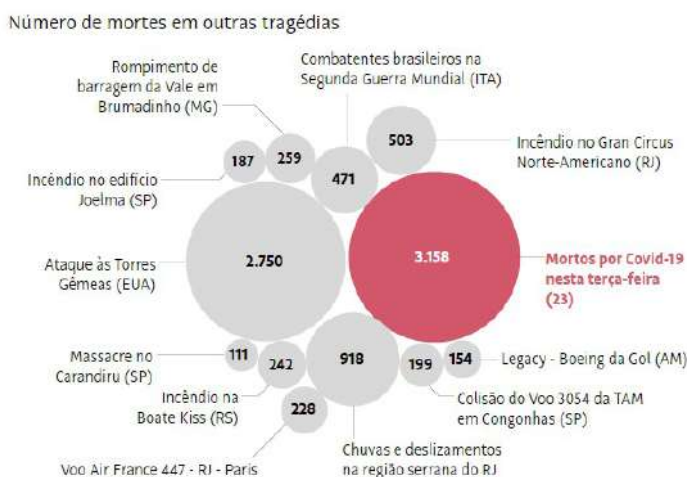
Figura 65 – Um dos infográficos utilizado na reportagem



Fonte: Folha de São Paulo (23/03/2021).

Entretanto, um destaque dessa reportagem, além das imagens, é a comparação da morte por Covid-19 com outras tragédias nacionais e mundiais: atentado terrorista do 11 de setembro 2001, acidente do jato Legacy e um Boeing da Gol, acidente do Voo 3054 da Tam, incêndio na Boate Kiss. Ou seja, essa comparação busca mostrar quantas vidas estão sendo perdidas diariamente. O infográfico consegue trazer bem claro esse impacto, mostrando de forma didática o número de várias tragédias versus um dia de mortes por Covid-19.

Figura 66 – Infográfico comparativo das mortes: tragédias versus Covid-19



Fonte: Folha de São Paulo (23/03/2021).

Ao olharmos os comentários, notamos que o foco político é bastante predominante, seja para ser contra, a favor ou neutro. Há também comentários dizendo que a reportagem é exagerada, que é apenas para aterrorizar a população. A partir disso, é evidente que mesmo com dados e informações verídicas, existe um distanciamento da morte, mesmo essa estando próxima de todos. Também se encontra aqui a questão da responsabilidade política, em que o direito à vida acaba sendo colocado em jogo em função do descaso com a saúde pública.

Analisando esses comentários, em que o próprio portal de notícia é alvo, podemos também refletir as seguintes problemáticas: como trazer notícias boas em meio a tantas mortes? Como ocultar a crise política e sanitária? É possível ver que os atores sociais criticam a imparcialidade do veículos, mas sugerem um fazer tão problemático quanto. Essa problemática mostra que o jornalismo entra em disputa, e não o teor das reportagens.

#### Figura 67 - Recorte dos comentários da reportagem

- 1 Só tem uma saída impeachment e depois cadeia para o genocida!!!
- 2 Os Estados Unidos é prova de que o chefe do executivo é uma variável importante no combate da epidemia do Coronavírus.
- 3 Quantas dessas mortes poderiam ser evitadas se, em agosto do ano passado, Bolsonaro não tivesse recusado comprar os 70 milhões de vacina da Pfizer, não houvesse o cancelamento da chamada 'Operação Uruguai II' e se ele não ficasse o tempo todo sabotando o trabalho dos prefeitos e governadores? Estes e outros fatos têm que ser apurados. Cadê a CPI da Covid? É preciso pelo menos dar uma satisfação para todas as famílias que perderam entes queridos!!
- 4 Ridículo, folha sempre tendenciosa e falta de respeito com os leitores. Sou apolítico, e divulguem comparações com Europa. Se autonomia dada por STF , está com Governadores!?!? Folha continua sendo imparcial ....
- 5 Não entendo tanto pessimismo por parte desse jornal em espalhar o terror por mortes da covid em vez de publicar as boas notícias no combate desse vírus. As pessoas que estão em casa por força maior não metecem essa enxurrada de pessimismo por parte desse jornal. O mundo todo está sofrendo, não só o Brasil....Cansei!! Que tal publicar as boas notícias?

Fonte: Folha de São Paulo (23/03/2021).

Diante do conjunto de reportagens, fica evidente que as informações buscam acionar a preocupação com os inúmeros mortos, trazendo que todas essas mortes fazem parte de uma grande tragédia e que além da conscientização da população, o

governo também precisa tomar atitudes. Por mais que pareça uma crítica à política, há também um alerta que não estamos falando de números, mas de vidas perdidas.

A segunda reportagem dessa fase se diferencia da anterior, pois apresenta o rito da morte, a despedida de maneira simbólica. Publicada pelo G1 no dia 21 de junho de 2021, a manchete e a linha de apoio apresentam que diversas regiões do Brasil irão fazer homenagens aos 500 mil mortos pela Covid-19. A primeira imagem da notícia apresenta inúmeras velas, simbolizando tantas perdas que tivemos em função do vírus.

Figura 68 - Manchete da reportagem do G1

## Cidades têm homenagens aos 500 mil mortos pela Covid no Brasil

Manifestações pacíficas foram registradas no Rio de Janeiro, em Campinas e em Natal. Marca foi atingida no sábado (19).

Por G1

21/06/2021 20h47 · Atualizado há 6 meses



Fonte: G1 (21/06/2021).

Figura 69 – Primeira imagem da reportagem



Homenagem aos 500 mil mortos pela Covid 19, realizado no Largo da Memória, Anhangabaú, na cidade de São Paulo. — Foto: REUTERS/Carla Carniel

Fonte: G1 (21/06/2021).

Com poucos textos e mais imagens, a notícia aborda a temática das homenagens às vítimas e ressalta as manifestações da população por uma solução rápida contra o vírus. Entre os pedidos está o direito de todos à vacinação contra a Covid-19. As imagens são marcadas por velas, pessoas protestando e uma cruz formada por velas, placas escritas "luto por meio milhão" e "fora Bolsonaro". Diferente das outras fases, essa reportagem não apresenta imagens icônicas da morte, mas sim o ritual do luto, que por meio das velas, ilustram quantas vidas se foram devido a contaminação pelo vírus. É notável que as imagens além de ilustrarem os inúmeros mortos e a dor do luto, também representam uma forma de protesto, mostrando descaso do governo com a situação.

Figura 70 – Imagem utilizada na reportagem



Homenagem aos 500 mil mortos pela Covid 19, realizado no Largo da Memória, Anhangabaú, na cidade de São Paulo — Foto: Willian Moreira/Futura Press/Estadão Conteúdo

Fonte: G1 (21/06/2021).

Figura 71 – Imagem utilizada na reportagem



Ato em Natal homenageia mais de 500 mil mortos no Brasil — Foto: Alan Lacerda/Cedida

Fonte: G1 (21/06/2021).

Os comentários da reportagem apresentam a solidariedade de quem perdeu alguém, críticas ao presidente Bolsonaro, apoiadores do governo, e ainda comentários que buscam justificar tantos mortos. Vemos que o objetivo da reportagem é trazer conscientização e justiça por quem se foi. Entretanto, os comentários tomam outro foco: discussão de quem está certo ou errado politicamente.

### Figura 72 – Recorte dos comentários da reportagem

- 1 Muito triste, imagino a dor de quem ficou. Quase chorei a ver essa imagens. Graças a um presidente genocida.
  
- 2 Presidente eleito pelo povo , aceita que doi menos. Nao entendo como vcs nao reclamam da quadrilha do pt que roubaram durante 14 anos e so nao quebraram o brasil porque esse pais + rico demais.
  
- 3 500 mil mortes por falta de tratamento precoce,  
500 mil mortes por desvios do dinheiro da saúde,  
500 mil mortes pelos erros da OMS,  
500 mil mortes pelo carnaval de 2020,  
500 mil mortes porque China escondeu a doença,  
500 mil mortes por causa do lockdown que mais aglomera,  
500 mil mortes por mandar pro hospital somente quando estiver sem ar,  
500 mil mortes por respiradores que nunca chegaram,  
500 mil mortes pelas eleições municipais não terem sido adiadas,  
500 mil mortes por um vírus.....
  
- 4 Lindas homenagens...  
Infelizmente são vidas perdidas por negligência e descaso de um governo doente.  
Suas vidas jamais serão esquecidas.  
Descanse em paz.

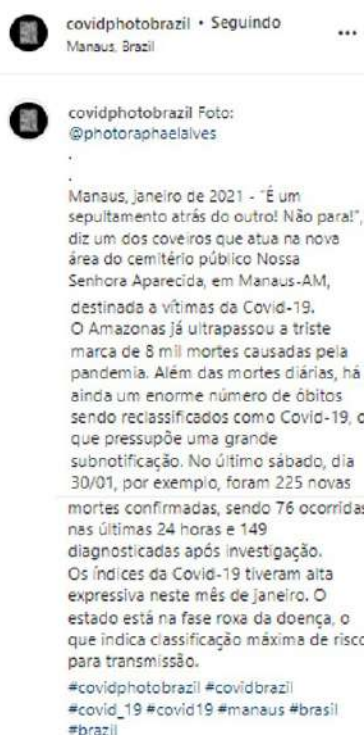
Fonte: G1 (21/06/2021).

Diante das duas reportagens dessa fase, temos algo em comum, que é a utilização do número de mortos para protestar e mostrar o quanto a vacina é necessária. A primeira reportagem utiliza outros tipos de mortes para trazer a importância do debate sobre os mortos pela Covid-19. Já a segunda reportagem traz o ritual de luto como uma forma de protesto.

Trazendo as postagens do Instagram, podemos ver que assim como as reportagens, há um protesto por meio dos serviços funerários. A primeira publicação a ser analisada aqui, foi postada no dia 31 de janeiro de 2021, com a localização em Manaus. Em tons preto e branco, a imagem apresenta as covas, coroas de flores e coveiros trabalhando. O destaque está em um coveiro que está ajudando outro a sair de dentro de uma cova. A legenda traz o desabafo de um coveiro, que fala que

não há pausas, pois é um sepultamento seguido de outro, e destaca o caos em que se encontra a região de Manaus.

Figura 73 - Localização, legenda e *hashtag* da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - Raphael Alves (photoraphaelalves) (31/01/2021).

Figura 74 – Imagem da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - Raphael Alves (photoraphaelalves) (31/01/2021).



Nesta publicação, a partir da imagem, é possível ver o descontrole do número de mortos. Ao vermos um coveiro ajudando outro a sair de uma cova, temos a seguinte reflexão: não estaria esse também arriscando sua vida no momento que está enterrando uma vítima da Covid-19? Os profissionais que atuam nessa despedida se tornam ainda mais próximos da morte. Dessa forma, a imagem nos traz a percepção de que esse coveiro também está com o pé na cova. A tonalidade acinzentada também dá impressão do desânimo de cansaço desses profissionais.

Ao vermos a legenda, fica evidente que o cansaço está presente, pois só no Amazonas, até a data da publicação já foram 8 mil vidas perdidas. Além disso, no final do texto da legenda é alertado que a região se encontra na bandeira roxa, o que significa que a transmissão está no nível máximo. Os comentários apresentam elogios sobre a imagem e críticas ao governo. As *hashtags* apresentam os termos já visto nas publicações das fases anteriores. O que podemos concluir, que ao clicar em uma dessas, seremos levados para um conjunto de fotos semelhantes.

A segunda publicação, assim como a anterior, também possui um viés da crise funerária. Publicada no dia 16 de abril de 2021, com a localização em Abaetetuba (Pará), a imagem conta com uma legenda que descreve o caos sanitário e funerário, acompanhando de *hashtags* ligadas a Covid-19.

Figura 75 – Localização, legenda e *hashtag* da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - João Paulo Guimarães (@joaopaulofotografia)  
(16/04/2021).

Figura 76 – Primeira imagem da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - João Paulo Guimarães (@joaopaulofotografia)  
(16/04/2021).

Figura 77 – Segunda imagem da publicação



Fonte: COVID *Photo Brazil* - João Paulo Guimarães (@joaopaulofotografia)  
(16/04/2021).

A legenda traduz de forma direta as imagens: não há mais espaços para os corpos no cemitério. Não há equipamentos de segurança para os coveiros, deixando esses em risco. Os comentários mostram que há um colapso no sistema funerário, de que não há um controle sobre o número de mortos. As imagens mostram o cenário do caos, os coveiros sendo expostos a riscos.

Sendo assim, fica evidente que as imagens são um modo de protesto pela situação que a região e o Brasil se encontram, mostrando que a morte está mais próxima que a vida. Assim como na outra publicação, aqui também temos os coveiros sendo colocados em risco.

Portanto, compreende-se de que nessa última fase, a morte ganha um foco diferente das outras fases, deixando de ser apenas um medo, mas uma forma de protesto ante o caos sanitário que está sendo evidenciado. Nesta fase já temos um maior conhecimento do vírus, e já há a esperança da vacina para nos afastarmos da morte. Entretanto, a conscientização da morte nessa fase é um alerta para que haja um aceleração para a liberação das vacinas e também uma convocação para que a população faça a sua parte.

### **7.3.1 As operações do jornalismo**

Nesta terceira e última fase, podemos ver que mesmo com tantas mortes e com o descontrole causado pela segunda onda, e ainda com o medo de entrarmos em uma terceira onda no futuro, a esperança se aproxima. Isso pode ser notado nas manchetes das reportagens e em imagens que mostram a primeira pessoa vacinada no Brasil. Entretanto, os números e o caos da morte, assim como nas fases anteriores, seguem sendo o destaque nas manchetes desta terceira fase, que foi de janeiro a junho de 2021. Abaixo, manchetes e imagens que mostram as operações jornalísticas utilizadas nesta fase:

Figura 78 – Manchete que apresenta a esperança da vacinação

## Logo após aprovação da Anvisa, governo de SP aplica em enfermeira a 1ª dose de vacina contra Covid-19 no Brasil

Mônica Calazans, de 54 anos, atua na UTI do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, foi a primeira pessoa, fora dos estudos clínicos, a ser vacinada contra a Covid-19 no país. Ela foi imunizada neste domingo (17) no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). No total, 112 pessoas foram vacinadas.

Por Livia Machado, Alessandro Feitosa Junior, Paula Paiva Paulo e Rodrigo Rodrigues, G1 SP — São Paulo

17/01/2021 15h30 · Atualizado há 7 meses

Fonte: G1 (17/01/2021).

Figura 79 – Manchete que reforça a proteção das vacinas

CORONAVÍRUS ([HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/COTIDIANO/CORONAVIRUS](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/coronavirus))

## Coronavac é efetiva contra variante de Manaus, mostra estudo com 67 mil profissionais de saúde da cidade

A efetividade do imunizante foi de 50% na prevenção de doença sintomática pela Covid-19 no município em que a P1 é predominante

6.abr.2021 às 23h16

Fonte: Folha de São Paulo (06/04/2021).

Figura 80 – Imagem utilizada para falar da vacinação



Fonte: G1 (17/01/2021).

Figura 81 – Mesmo com vacinação, ainda há indícios de uma terceira onda

## Prefeitura de São Paulo espera terceira onda e já autoriza compra de kit intubação

Com flexibilização de medidas de isolamento, casos devem subir e internações podem voltar a explodir

29.abr.2021 às 23h15

Fonte: Folha de São Paulo (29/04/2021).

Porém, mesmo entre o caos e a esperança, temos outra diferenciação nessa terceira fase: a primeira reportagem traz o número de mortos, enfatizando o caos, enquanto a outra fala da homenagem aos mortos. A partir disso, fica claro que as homenagens são uma forma não só de lembrar das vítimas, mas também de protestar, de pedir que a vacina chegue para todos logo.

Podemos notar também, que os gráficos das reportagens, trazidos na análise, não apresentam apenas os números de mortos por Covid-19, mas também de outras tragédias, nos mostrando mais uma vez uma forma de protesto. Nesta fase, as imagens se diferenciam bastante, ao mesmo tempo que as imagens com símbolos da morte seguem presentes. Na tabela abaixo, conseguimos visualizar melhor as diferenças e semelhanças.

Tabela 6 - Detalhes das reportagens da terceira fase

DATA	EDITORIA	MANCHETE	IMAGEM DESTAQUE
Março	Coronavírus	Brasil registra mais de 3.000 morte por Covid em 24 horas, e pandemia segue descontrolada	Pessoas em um cemitério enterrando seus mortos
Junho	Coronavírus	Cidades têm homenagens aos 500 mil morto pela Covid no Brasil	Velas dentro de papéis em uma escadaria

Fonte: criado pela autora (2022).

Tabela 7 – Comparação das reportagens da terceira fase

SEMELHANÇAS DAS REPORTAGENS	DIFERENÇAS DAS REPORTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização de números para falar da morte;</li> <li>- Críticas ao descuido das autoridades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conteúdos diferentes: uma apresenta mais o número de mortos com outras tragédias e a outra mostra as homenagens aos mortos;</li> <li>- Imagens: uma apresenta imagens de covas, enquanto outra apresenta imagens de velas. O contraste: uma mostra uma é estatística, a outra tenta valorizar os mortos.</li> </ul>

Fonte: criado pela autora (2022).

Dessa forma, podemos ver que a primeira reportagem ainda traz a intensidade da morte e que a segunda reportagem, mais para o fim, apresenta as homenagens, lembrando que alguém precisa pagar por tantos meses de sofrimento. Aqui podemos ver que a narrativa e as imagens do jornalismo foram mudando com o tempo: temos ainda a imagem da morte, mas novas imagens vão surgindo, como por exemplo, a das vacinas. Olhando para o que foi analisado, podemos ver que um circuito do acontecimento foi sendo traçado: o vírus na China, a ênfase do uso da máscara, o isolamento, as aglomerações, as morte e mais mortes, os profissionais de saúde na luta, a esperança da vacinação.

De certa forma, a população vai tendo menos medo da morte, na medida em que começamos a receber informações sobre a fabricação das vacinas. Entretanto, com essa esperança das vacinas, automaticamente, a população começa a relaxar com os cuidados, fazendo, então, com que as manchetes voltem a reforçar que, mesmo com a vacinação, precisamos ter cuidado. Dessa forma, o relaxamento começa a trazer novos problemas, fazendo com que o jornalismo precise trazer novos alertas e reconfigurar o acontecimento pandemia, para que este não se dissipe pelo desejo da liberdade.

Figura 82 – Manchetes das manchetes que alertam os perigos

## **Máscaras contra Covid-19 ainda são necessárias, dizem infectologistas em resposta a Bolsonaro**

Pessoas vacinadas estão mais protegidas, mas ainda podem ser infectadas e transmitir a Covid-19 em alguns casos

## **Covid com alta recorde e lotação de UTIs: especialistas listam motivos para parar o país por ao menos 2 semanas**

Exemplos vindos do Reino Unido e Israel mostram, segundo especialistas, que medidas de restrição adotadas por menos de 15 dias e campanha de vacinação sem isolamento social são incapazes de conter o avanço da pandemia.

Fonte: Folha de São Paulo e G1 (2022).

Fica perceptível que o jornalismo busca trazer informações de melhorias do vírus, mas ao mesmo tempo em que se apresenta melhora, há um relaxamento ainda maior da população com os cuidados contra o vírus. Portanto, fica evidente que o jornalismo conta com uma função de conscientização, pois na medida em que há uma certa melhora, acaba-se voltando ao cenário anterior: contaminação e mortes.

Conforme apresentado no capítulo de teoria, França (2012) coloca a questão do acontecimento, nos fazendo pensar se realmente criamos consciência do que está acontecendo, ou se apenas ignoramos. Logo, quando a população relaxa com os cuidados, é como se não tivéssemos perdido milhares de vidas.

Dessa forma, essa terceira e última fase é marcada pela morte, mas também pela esperança com a chegada das vacinas, conforme as manchetes apresentadas nesse subcapítulo. Fica claro que as imagens da morte seguem, mas que novas imagens e manchetes surgem, trazendo soluções para frear o número de mortos, algo que todos tanto esperavam. Portanto, o papel do jornalismo nessa fase é de trazer esperança de melhorias, ao mesmo tempo que enfatiza o caos que ainda se mantém.

### **7.3.2 As operações do COVID *Photo Brazil***

Na terceira fase do perfil do Instagram *COVID Photo Brazil*, temos imagens semelhantes às de outras fases, mas com um tom diferente, de protesto. Nessa fase, encontram-se imagens de políticos com elementos da pandemia: máscaras de forma errada e remédios sem eficácia. Essas fotos traduzem um sentido, colocam que o caos generalizado teve culpados.

As imagens de morte seguem, mas as imagens de vacinação, de superação também aparecem. Nas fases anteriores tivemos o vazio, preenchido pela fé e pela religião. Nesta, temos protestos e uma busca pela ampliação da vacinação. Entretanto, a última fase tem traços da primeira fase: elementos que trazem simbologias da pátria. Portanto, entendemos que certas representações vão sendo resgatadas ao longo do tempo, pois alguns problemas não mudaram ou não foram solucionados.

Em questão de legenda e *hashtags*, é seguido o padrão das fases anteriores: alternância nos tamanhos dos textos, sendo utilizadas *hashtags* semelhantes. Podemos entender que o perfil foi seguindo um padrão de informações, permitindo que os usuários da rede possam ter interpretações e informações diferentes do que recebem dos noticiários.

Portanto, nessa última e terceira fase, podemos ver que seguimos com a presença da morte, junto de uma esperança de vacinação. Logo, nota-se também que o perfil não deixa de criticar o governo, mesmo com o encaminhamento das vacinas. De certa forma, o perfil é também uma forma de não esquecermos que mesmo com a vacinação, precisamos cobrar dos líderes governamentais a tragédia que vivemos.

### **7.3.3 Imagens e imaginários em circulação**

A última fase desta pesquisa apresenta imagens que estiveram presentes durante as outras fases, porém, essas apresentam um tom diferente, pois a vacinação estava mais próxima. Podemos ver que há uma reciclagem das imagens, que apareceram no início da pandemia e que voltam a aparecer depois de um ano da chegada do vírus. Temos a imagem da primeira vacinada, mas ao longo da linha do tempo, vemos que ainda temos a problematização política bem intensa, e que as



imagens das covas e caixões seguem aparecendo. Podemos visualizar também que o símbolo da bandeira do Brasil aparece em forma de luta, enquanto figuras políticas aparecem sendo ridicularizadas nas imagens pelas suas atitudes imaturas.

Figura 83 - Conjunto de imagens da terceira fase



Fonte: criado pela autora – G1, Folha de São Paulo e COVID *Photo Brazil* (2022).

Ampliando algumas imagens, podemos ver que a simbologia política, presente na segunda fase, aparece também na terceira fase, mostrando que mesmo com o passar do tempo, os políticos seguem levando a pandemia como uma simples gripe. Mas como podemos interpretar isso? Basta ver que o ex-presidente está oferecendo uma medicação, não comprovada a eficácia, a um animal. Ou seja, mostra o descaso do seu governo com as vacinas.

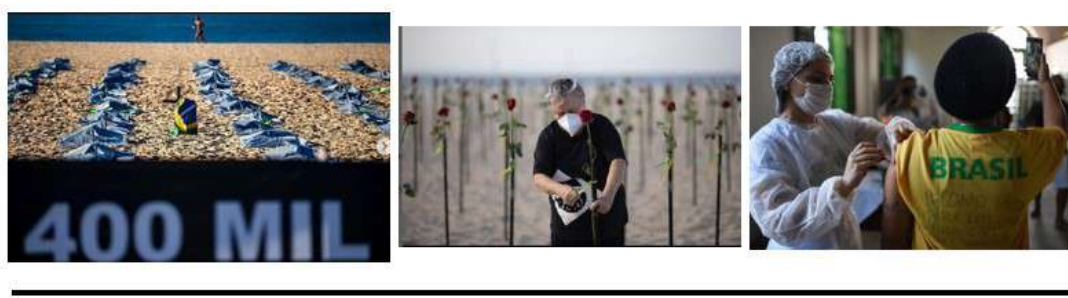
Figura 84 – Transformações das imagens com símbolos políticos



Fonte: criado pela autora – G1, Folha de São Paulo e COVID *Photo Brazil* (2022).

Além da problematização política, podemos também ver que os símbolos da pátria também aparecem em outras imagens. Podemos ver que nas imagens de covas, de despedidas, encontramos a bandeira do Brasil, em colorido e em preto em branco, de uma maneira que simboliza o luto de toda uma nação. Mas ao mesmo tempo que temos a bandeira de nosso país representando o luto, temos também a bandeira do nosso país durante a vacinação. Ou seja, temos a nossa pátria também simbolizando a vida. Aqui temos um contraste da morte com a vida. Tempos sombrios que também buscam trazer esperança de dias melhores.

Figura 85 – Transformações das imagens com símbolos da morte e da política



Fonte: criado pela autora – COVID *Photo Brazil* (2022).

Dessa forma, nesta fase, conseguimos encontrar dois tipos de imaginário. O primeiro é o imaginário da dor, por não haver medidas concretas contra o vírus, por ver milhares de vidas serem perdidas, enquanto o governo demorava para tomar atitudes. Podemos perceber isso por meio das homenagens aos mortos, das imagens de protestos e das comparações com outras mortes. O segundo imaginário é o da esperança da vida. Sabemos que o vírus ainda persistia, mas as notícias e imagens da vacinação nos trouxeram a esperança de melhoria em breve.

Fica claro que a esperança de melhora também traz problematizações, pois a população parece perder o medo da morte e ter um certo relaxamento com os cuidados. Entretanto, podemos ver que após um ano a vida começa a esconder a morte. A morte sempre presente, mas essa de alguma forma começa a perder valor enquanto notícia.

#### 7.4 ANÁLISES DO CONJUNTO: A MORTE EM ELABORAÇÃO

Diante de todos os materiais expostos, podemos notar que a temática da morte ao longo das fases é abordada com o intuito de provocar reflexões e mudanças nos mais diversificados campos sociais. Por mais que a análise tenha sido dividida em três fases, é evidente que essas não estão separadas, mas que se conectam todo o tempo. Se conectam pois existem manchetes, imagens e operações que vão se repetindo com a construção do acontecimento pandemia. Basta ver que temos a imagem de caixões e covas, o número de mortos, as editoriais “Coronavírus” e a *hashtags* #Covid19 ao longo das três fases. Mas o que diferencia esse conteúdo em cada fase? A mensagem que ela busca passar: na primeira o medo do vírus, na segunda o caos instalado, na terceira a esperança da vacina junto do descuido da população.

Olhando para cada meio, começando pelos portais de notícias, G1 e Folha de São Paulo, percebemos que o acontecimento foi sendo tecido de maneira gradual. Nota-se que isso ocorreu pelo fato da Covid-19 ser um vírus desconhecido, mas que de qualquer maneira, o jornalismo precisava informar. Primeiro os portais de notícias mostraram as imagens do vírus em laboratório, fotos de agentes da saúde, e na medida que o vírus foi ganhando maior proporção, as imagens da morte começam a surgir. Diante da proporção que o vírus tomou, que pode ser visto nas imagens e textos, percebemos que a pandemia se tornou um acontecimento pelo fato de ter mudado drasticamente e rapidamente a vida de todos (França, 2012). A partir dessa mudança de conteúdo e de operações foi possível identificar que a morte foi o destaque do acontecimento pandemia. Como já colocado por Verón (1995), isso é um traço da construção do acontecimento, visto que o jornalismo foi mudando o enfoque na medida em que os fatos e dados foram se atualizando.

Em relação ao perfil *COVID Photo Brazil*, a construção do acontecimento por meio das imagens também foi gradual, porém, a diferença é que o perfil não traz as imagens do vírus em laboratório, mas sim o vazio que foi surgindo logo no início com o isolamento. Dessa forma, vemos que o perfil do Instagram propõe uma construção do acontecimento por meio das imagens, não se importando com os dados em si, mas sim com a intenção de relatar diferentes visões sobre o acontecimento. O que se diferencia do jornalismo, que acabou fazendo uma linha do tempo do acontecimento, detalhando número e informações da evolução do vírus e da morte.

Portanto, pensando que ambos os meios estudados nesta dissertação são digitais, cada um escolheu uma forma de construir o acontecimento pandêmico, visto que cada um possui uma gramática diferente, pois o jornalismo é focado na elaboração da notícia a partir de um caráter informacional e, o outro, em imagens que não só informam, mas conformam o acontecimento. Entretanto, diante de dois meios digitais com construções diferentes do mesmo acontecimento, podemos fazer uma conexão muito interessante com a terceira onda da midiatização estudada por Couldry e Hepp (2020): as imagens dos dois meios se encontram em vários momentos. Muitas vezes foi possível ver uma imagem do Instagram nos portais de notícias e vice-versa. Esse intercâmbio de imagens e de conteúdos digitais é uma das características da terceira onda da midiatização.

Pensando no processo de midiatização dentro do acontecimento morte na pandemia, podemos ver que esse mudou fortemente o nosso modo de viver e de experienciar a morte. Logo, podemos notar que os meios digitais foram a nossa forma de viver em sociedade, pois conforme coloca Gomes (2017), os meios de comunicação foram uma forma de compartilharmos nossas vidas.

Além disso, a midiatização afetou a nossa vivência com a morte: se antes podíamos acompanhar um velório, na pandemia não pudemos. Dessa forma, os meios de comunicação fizeram um movimento para mostrar os ritos da morte, basta olharmos as reportagens que constroem, a partir de imagens, todas as etapas da morte. Não pudemos nos despedir de entes queridos, mas a partir das reportagens, pudemos ver de longe a dor do outro. No Instagram, pudemos ver a despedida através da morte da enfermeira em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Não pudemos estar presentes nos rituais, e por isso, os meios de comunicação, de forma digital, tentaram nos aproximar desses ritos de despedidas. Aqui, junto com o processo de midiatização, também podemos ver a problemática que Elias (2001) coloca quando fala que a morte é um indício de que nós não temos controle sobre as ações da natureza.

Pensando que os meios nos trouxeram fortemente a imagem da morte, é importante ressaltar que essa imagem nem sempre falou propriamente sobre o número de mortos pela Covid-19. Um ponto de destaque para as imagens com símbolos da morte, nas diferentes fases apresentadas nesta dissertação, é que essas estão diversas vezes acompanhadas pelos símbolos da nossa pátria.

Dessa forma, é questionável a maneira como os veículos de comunicação e o perfil do Instagram utilizam essas imagens e informações. Essas fotografias foram usadas para falar da gravidade do número de mortos ou para atrair os leitores/usuários para outros assuntos além da morte? Conforme apresentado nos estudos sobre imagem e imaginários, ao vermos todas essas imagens em circulação é sabido que essas não são escolhidas por acaso, mas que são selecionadas com o objetivo de traduzir a realidade, de nos falar e situar na ambiência que estamos vivendo. Além disso, essas imagens também são responsáveis por criar uma memória coletiva (Rosa, 2019, p.2), ou seja, uma forma de mostrar uma pandemia que ninguém deseja passar novamente, mas que inegavelmente se associa às imagens de outros momentos pandêmicos precedentes.

Outro ponto bastante forte que se observa, tanto nos portais de notícias quanto no perfil do Instagram, são as formas como as operações são utilizadas para construir o acontecimento pandemia. Além das imagens e textos, é possível ver a utilização de categorizações (editorias) e *hashtags*. É visível que ao colocar determinadas notícias e publicações com determinado assunto, cria-se uma operação. Ou seja, ao procurar por determinada categoria ou *hashtag*, por exemplo Covid-19, somos levados a uma série de informações sobre a temática.

Além disso, as editorias e *hashtags* vão além de organizar ou categorizar. As editorias, no período pandêmico, tem como propósito recuperar e criar uma linha do tempo desse acontecimento, nos dando uma ideia de repositório de memórias, pois ao acessarmos essas editorias, encontramos todas as reportagens, desde o início da pandemia. Já as *hashtags* possuem uma operação um pouco diferente: essas procuram das visibilidades para os conteúdos, para a página do Instagram, para os fotógrafos que fornecem as imagens, e ainda buscam convocar e dar voz para os sujeitos durante o isolamento, permitindo assim, ser um espaço para protestos.

Aqui surge uma provocação e uma consideração importante: essas operações impactaram fortemente o processo de circulação, pois a cada postagem publicada, uma *hashtag* foi adicionada, a cada nova notícia do portal, a editoria ganhava mais uma reportagem. Logo, quando clicamos em uma editoria e em uma *hashtag*, novas possibilidades de informações aparecem, nos permitindo circular em diferentes notícias e publicações. Há um infinito de caminhos que circulam na telas dos atores sociais.

Pensando que os atores sociais também constroem o acontecimento, percebemos ao longo das três fases, por meio dos comentários, que independente do aumento do número de mortos e da esperança da vacina, existe uma grande polarização política nos comentários. Muitas vezes, a morte ficou de lado, e os debates pró ou contra Bolsonaro ganharam mais destaque que a própria crise sanitária brasileira. Logo a morte foi atravessada pela questão política saindo do privado para a esfera pública. Essas disputas de sentido - se a pandemia é um problema ou não, se o número de mortos é verdadeiro ou não, de qual partido é o melhor - são uma das marcas dos processos de mediação, pois conforme colocado por Verón (2014), em toda a história da mediação, existe a disputa entre grupos sociais em busca de um único sentido, que no caso da pandemia, não nos levou a lugar algum, pelo contrário, acabou gerando ainda mais mortes pela falta de atenção com o vírus, enquanto se debatia sobre as problemáticas políticas. Ou seja, isso também pode sugerir um desvio de foco, o que não é exclusividade do período pandêmico, pois em outros momentos da história do Brasil, como na ditadura, podemos ver isso acontecer. Sendo assim, o jornalismo acaba, em alguns momentos, invisibilizando verdadeiras questões sociais ao enfatizar determinados enquadramentos ou agendas.

Diante desses embates de sentido, podemos perceber que a pandemia, sem dúvidas, gerou um aumento na circulação, mostrando a complexidade dessa, o que se conecta também ao processo de mediação, pois segundo os estudos de Ferreira (2019), a circulação é abstrata, e ganha vida a partir das interações dos atores sociais. Entretanto, as operações não influenciaram apenas na circulação.

Essas operações impactaram também na construção do acontecimento, pois uma mesma imagem pode ser vista em diferentes meios de comunicação. A multiplicidade dos meios permitiu aos atores sociais a possibilidade de ver de diferentes ângulos a construção de um mesmo acontecimento. Dessa forma, conforme apresentado por Verón (1995), os meios vão construindo os acontecimentos a partir dos fatos, e de certa maneira, essas operações ajudam a construir uma linha do tempo do acontecimento, nos permitindo entender o desenvolvimento do acontecimento pandemia.

Ao ver as operações de descontextualização, de desvio do foco, de protestos, de frases políticas, de ênfase em imagens da morte, podemos notar que os conteúdos vão se alterando na medida em que os estágios do contágio pelo vírus

vão evoluindo. Um exemplo é a utilização da palavra *coveiro*. A nomenclatura foi bastante usada, porém, nota-se que depois da fala do Presidente Jair Bolsonaro “*Não sou coveiro, tá?*”, se referindo ao número de mortos pela Covid-19, algumas reportagens começaram a contar com a palavra *sepultadores*. Sendo assim, seria essa nomenclatura uma forma de valorizar a profissão de *coveiro*, que na fala do presidente fica desvalorizada? Ou ainda uma forma de reforçar que é preciso falar das inúmeras mortes, que o presidente parece não estar preocupado? Portanto, a forma como o cenário político se posiciona, seria também uma forma como as informações são estruturadas e publicadas?

Além dessa operação de texto, temos tanto no jornalismo como Instagram, a utilização de imagens de contrastes, contraposição. De certa forma, isso é um acionamento que mostra as evoluções dos casos e mortes por Covid-19. Se em uma reportagem/publicação temos uma imagem aérea de uma praia lotada, e depois de alguns meses, temos uma imagem aérea de um cemitério com centenas de covas, temos aqui a construção de um sentido: a aglomeração gerou mortes. Toda a ação tem uma consequência.

A partir disso, temos a construção de diferentes imaginários em cada uma das fases, mostrando que com a construção do acontecimento e com as operações imagéticas, diferentes imaginários foram se instaurando e/ou sendo mobilizados, de acordo com o avanço das mortes e das contaminações. É possível visualizar no esboço abaixo (figura 86) que existe uma oscilação desses imaginários, sendo os sentidos do medo o mais predominante.

Figura 86 – Esboço das mudanças do imaginário



Fonte: criado pela autora (2022).

De certa forma, há uma disputa de imaginários durante as três fases investigadas nesta dissertação, pois ao mesmo tempo que acreditamos na melhora da pandemia, a partir de imagens de pessoas sendo vacinadas, ainda tínhamos um grande número de mortos, devido ao relaxamento dos cuidados da população. Essa problemática do imaginário está interligada com o que Said e Calado (2021) apontam: quando vemos essas imagens de esperanças, acabamos conectando isso com uma compreensão de que tudo já está melhorando, quando de fato não está. Aqui encontramos, um aceleração na produção de diferentes imaginários (Said e Calado, 2021). Isso se dá pelo fato de que no início tínhamos um imaginário de que a morte estava distante, e repentinamente há o surgimento do imaginário da morte a qualquer momento, devido ao vírus e aos números de mortos pelo contágio. Entretanto, com a chegada da vacina, voltamos a nos distanciar da morte, voltando para o primeiro imaginário. Ou seja, a morte ainda é uma ameaça, mas deixamos de temê-la novamente.

Pensando nesses imaginários midiáticos, podemos também verificar que o imaginário social também andou junto desse. Mas por quê? Durante todo o período da pandemia, foi possível ver conflitos sociais e políticos. Em uma democracia, entende-se que temos liberdade de expressão, mas em inúmeras vezes vimos atos antidemocráticos do próprio ex-presidente Bolsonaro. Essas atitudes, de certa forma, afetaram o imaginário social, pois na medida em que a população pedia ajuda ao governo para combater as mortes, o próprio governo incentivava a tratamentos com eficácia não comprovada e ações contra o isolamento. Portanto, como o imaginário social não seria afetado diante de tanto caos e desgoverno?

A partir das oscilações do imaginário, podemos compreender que existiram diferentes sentidos da morte na pandemia. Em alguns momentos vemos reportagens e publicações que buscam mostrar a dor da perda, a morte por Covid-19 como um fim precoce, que poderia ser evitado. É possível identificar um sentido de inconformidade, colocando que as mortes por Covid-19 possuem um culpado, além do próprio vírus. Antes da pandemia, em nosso imaginário, a morte estava conectada como algo mais para o final da vida, e não a qualquer momento. Na pandemia, a morte ficou ainda mais evidente que estava ao nosso lado.

É possível ver esses sentidos a partir dos comentários das notícias e postagens, que mostram a visão dos atores sociais. Alguns se recusam aceitar que as mortes por Covid-19 são graves, explicando que há mortes piores, como se



podéssemos classificar os tipos de morte. Outros trazem o apelo de conscientização e cuidado com o vírus.

Entretanto, observando os materiais a partir do momento da chegada da vacina, temos um outro sentido da morte por Covid. Aqui nosso imaginário é levado a recriar que a morte é algo natural, que chegará para todos, e com a vacina poderemos prolongar o nosso tempo de vida. Aqui nota-se que há uma parcela dos atores sociais comemorando, mostrando que a vida predomina a morte, e de outro lado, temos os atores sociais contra a vacina, reforçando o mesmo discurso do primeiro momento, que é apenas uma gripe e que há mortes piores.

Sendo assim, temos reflexões bem importantes, que conectam meus apontamentos com o problema de pesquisa. Noto que a circulação midiática, no início da pandemia, quando ainda não tínhamos esperança das vacinas, transformou a forma como víamos a morte, que antes chegava por velhice, por uma doença incurável, por acidentes, por fatalidades. De repente, nos deparamos com a morte na nossa frente, independentemente da idade, levando de forma rápida, sem despedidas, e até mesmo sem os rituais finais. É importante pontuar que a morte sempre foi acompanhada pelo sentimento de medo, mas na pandemia, fica evidente que essa se tornou sinônimo de pânico. Entretanto, com a evolução das vacinas, a morte ganhou um outro tom e foi usada para valorizar a vida, fazendo com que o número de mortos fosse utilizado para acelerar a liberação das vacinas, ou seja, a favor da vida. Dessa forma, inicialmente, podemos ver que temos dois sentidos bem distintos: primeiro a morte como um fim muito próximo e, por segundo, a morte como um cenário para falar da importância da vida, deixando a morte por Covid-19 como algo banal.

Olhando para o desenho de pesquisa que foi criado, observa-se que os caminhos traçados se concretizam a partir da análise feita neste capítulo. Um ponto importante do desenho é que as imagens só ganham sentido e influenciam no imaginário a partir do momento em que são inseridas dentro das notícias ou das publicações, o que enfatiza o quanto as operações imagéticas estão fortemente conectadas com o processo de circulação, de imaginário e de midiaticização.

Diante de todos os apontamentos e transversalidade entre as fases, olhando para o ano de finalização dessa dissertação, 2023, onde uma grande parte da população já tem acesso à vacina, podemos ver que não ressignificamos os sentidos da morte após um período intenso de pandemia, pois mesmo com cuidados

disponíveis, de forma gratuita, não são todas as pessoas que se vacinaram. Podemos ver também, que diante da melhora, a pandemia não é mais um critério de noticiabilidade em alta para o jornalismo, e nem mesmo para o perfil *COVID Photo Brazil*, visto que a última publicação do perfil é em 31 de janeiro de 2022, quando a variante ômicron estava em alta. Portanto, em ambos os meios, vemos que a morte era mais um valor notícia/publicação do que de fato um debate social.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os dois anos de pesquisa do mestrado, que se iniciou no ano de 2021, o meu objeto de pesquisa foi mudando de forma muito rápida, e em diferentes momentos tive receio de que minha pesquisa tivesse impasses com a coleta de materiais, devido às mudanças do objeto em um curto espaço de tempo. Toda a construção dessa pesquisa, me confirmou aprendizados do tempos de graduação: a morte é um critério de noticiabilidade muito intenso e em diversas vezes assustador.

Ao coletar as materialidades ao longo dos dois anos, tive a impressão de que estava sempre vendo as mesmas informações e imagens: centenas de mortos, covas, caixão, dor. Dessa forma, ao longo das análises, foi possível concluir que as imagens com símbolos da morte aparecem por todo o período pandêmico, como uma forma de mostrar que a morte não descansa, que essa sempre está perto de nós, mas que diante do vírus da Covid-19, deixou de ser algo imaginário e ganhou concretude.

Porém, essas informações e imagens não estão soltas, conforme apresentado no desenho de pesquisa, mas estão inseridas dentro de portais de notícias e de um perfil do Instagram. Dessa forma, a maneira como essas circularam, e ainda circulam — visto que os meios são digitais — está conectada ao processo de midiatização. No período aqui analisado, que começa em 2020 e vai até 2021, pode-se notar que o nosso modo de viver, o nosso modo de compreender a sociedade, foi atravessado pelas problemáticas da pandemia. Os meios digitais, nesse contexto, foram uma das formas de viver em sociedade.

Entretanto, aqui nos fica evidente a problemática da desigualdade social em uma sociedade em um processo de midiatização. Em uma das publicações do perfil Instagram, mostrado na fase 1, pudemos ver uma imagem de um cemitério com gavetas, no Rio de Janeiro, onde crianças brincavam. Essa imagem traduz essa problemática: será que de fato essas crianças sabiam dos perigos do vírus, será que o vírus realmente era um problema para elas, visto que há tantos outros problemas sociais que rondam a vida dessas crianças? Dessa forma, podemos ver que o processo de midiatização no período analisado nessa dissertação, não nos sinaliza apenas as mudanças causadas por vírus que matou milhares de pessoas, mas também de problemáticas sociais desencadeadas pela Covid-19 e por outros problemas sociais.

Além disso, podemos notar que o processo de midiatização na pandemia potencializou a circulação, pois diante do isolamento, do lamento da morte e do isolamento, as mídias digitais, sejam essas jornalísticas ou não, foram uma forma de mostrar as problemáticas sociais, as desigualdades. É também notável que o processo de midiatização, unido da circulação, foi uma forma de nos proteger dos perigos, mas ao mesmo tempo nos afastou da vida nua e crua, pois ao invés de viver de modo presencial, acabamos vivendo a vida nas telas. Os encontros com os amigos e familiares foram por meio de chamadas de vídeos, as reuniões de trabalho foram online. Nosso modo de viver e circular foi apenas digital. Portanto, o processo de midiatização na pandemia não nos mostrou apenas as mudanças comunicacionais e sociais, mas nos mostrou como viver e ser (Gomes, 2017) nessa nova ambiência.

Diante de uma intensa circulação de informações, ficou visto que a todo momento o número de mortos aumentava, e a partir disso, pode-se entender que a circulação de sentidos nas mídias foi se dando não apenas pelos números, mas também pelos símbolos que acompanhavam a imagem. Essa circulação, além de ser iniciada pelas notícias dos portais e publicações do Instagram, ocorreu também a partir dos comentários, curtidas e compartilhamentos dos atores sociais, em que esses, utilizavam essas informações para mostrar seus posicionamentos, opiniões sobre a pandemia e problemas sociais.

Vimos também que ao longo das análises que as imagens ajudaram a construir os sentidos da pandemia. Ao vermos em circulação a imagem de Bolsonaro, compreendemos o descuido do governo com pandemia e as mortes. E a partir desse circuito, ficou visível a discussão política nos comentários. Nota-se também a presença dos símbolos da política, da religiosidade e da pátria, que emergem e representam diferentes imaginários sociais da morte, que são: o primeiro, uma cobrança por medidas do governo para ajudar a população, o segundo, de que Deus nos salvaria de tamanha desgraça, visto que o slogan do governo Bolsonaro foi “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e o terceiro, que de certa forma, foi uma consequência dos primeiros imaginários, é de que a nossa pátria Brasil estava ameaçada pelo descaso do governo.

Diante dos imaginários sociais apresentados, podemos verificar que esses emergem do imaginário midiático, pois diante de um acontecimento como a pandemia, inevitavelmente um imaginário influenciou o outro, visto que, nossas

vidas, durante um grande período, só puderam ser vividas de forma remota. Aqui se reforça, mais uma vez, a problemática da aceleração da produção de imaginário, debatida por Said e Calado (2021).

Além disso, entende-se nesta pesquisa que o imaginário midiático foi marcado pelas problemáticas da pandemia, com o objetivo de mostrar para a população o quanto o vírus estava modificando nossa vivência, colocando em jogo as problemáticas que fizeram o caos do vírus aumentar. Já como imaginário social, entende-se que esse foi marcado pelas questões políticas e sociais, pois diante da realidade de cada sujeito, houve uma forma de ver e enfrentar a pandemia. Portanto, fica evidente que o imaginário midiático influencia o imaginário social, pois a partir das informações que recebemos, criamos uma visão da realidade que nos é apresentada. Não significa que seguimos puramente o que a mídia diz, mas que a partir dos dados e números informados por essa, entendemos a ambiência em que estamos inseridos, conectando as informações e nossos sentidos com as memórias e experiências que carregamos em nosso imaginário.

Diante de tantos imaginários emergentes, sejam esses sociais ou midiáticos, de imagens que circularam e de como o acontecimento foi construído, pode-se responder a problemática dessa pesquisa: a circulação midiática sobre as mortes por Covid-19 transformou os sentidos da morte de maneira exponencial e de forma simbólica. Quando vimos as imagens de morte, não foi imediatamente que entendemos que o caos iria se instalar. Fomos criando conhecimento sobre essa ao longo da construção do acontecimento. Se pensávamos “será que ficaremos tanto tempo em casa?”, “será que morte pelo vírus está tão próxima a mim”, os meios de comunicação foram aos poucos construindo esse medo da morte em nós cidadãos.

Olhando para a construção desse acontecimento, todas as vezes que vimos a morte na circulação midiática, podemos visualizar ela acompanhada por um plano de fundo, sendo os principais a política e a religião. Pensando nisso, podemos entender que lógicas de midiaticização mobilizadas na atualização do imaginário da morte foram o apelo para elementos que mostrassem os culpados por tantas as mortes, além do vírus, é claro. O cenário político não foi colocado à toa nas imagens, nos textos. As lógicas utilizadas para buscar uma melhoria para o cenário caótico em que vivemos, teve também como objetivo não só alertar, mas também protestar, conforme pudemos ver nas reportagens e nas publicações.

Pensando em transformações do sentidos da morte, temos a questão do tabu na pandemia. A morte simboliza o fim de cada um, entretanto, com o vírus da Covid-19, morte continuou envolta em tensão. Diante de tantos números de mortos, por mais que tivemos até rostos nas manchetes, a ideia da morte permaneceu circulando. Entretanto, aqui temos a quebra do tabu, pois o ato de morrer passou a ser discutido socialmente, publicamente e não mais a ser vivido na esfera privada.

Dessa forma, podemos ver que essa transição do espaço da morte e da vivência do luto está diretamente ligada a midiatização, visto que antes da pandemia e hoje, morrer é apenas algo que atravessa a questão de uma ideia de desaparecimento. Porém, quando falamos dos famosos, essa ideia de desaparecimento não acontece, pois quando os famosos morrem, seus velórios são amplamente explorados. Por exemplo, a morte de Elis, a rainha da música brasileira, e a morte do humorista Paulo Gustavo, um ícone da cultura brasileira, tiveram uma grande repercussão, não pela forma como morreram, mas pela sua importância para a sociedade por serem do universo das celebridades. Essa grandiosidade do morrer não acontece para o cidadão comum, que sempre teve o lugar da casa e da família como reduto para esta experiência.

Sendo assim, no momento em que a pandemia se instalou, nota-se que o morrer tornou-se público, coletivo, uma partilha de sensações. Essa partilha, mesmo que não vivida diretamente, pode ser vista nas telas, nas reportagens, na televisão, no rádio, nas redes sociais. A morte tornou-se assunto principal não só na mídia, mas também nos lares, nas videochamada com os amigos. Diante de tantas fotografias de caixão, também morremos em imagens retidas em telas, pois a vida em sociedade foi exercida pelo isolamento. O morrer em imagem foi preciso para afastar a morte.

Visualizando todas essas problemáticas, lembro de comentar com colegas e professores, que era impossível que não aprendêssemos algo com um acontecimento que mudou a vida de todo o planeta. Entretanto, mesmo diante de um acontecimento catastrófico, posso ver por meio dessa pesquisa, que muitas vezes esquecemos de tudo o que passamos. A imagem que trouxe da Dona Morte no primeiro capítulo volta a ser apenas uma história em quadrinho e já não nos traz o medo que tínhamos da figura abstrata da morte. Mas como cheguei a essa conclusão? Basta perguntamos para quem está ao nosso lado: você já fez a dose de reforço da vacina? Será que precisamos novamente vivenciar mortes em milhares

para voltar a falar da vida? Ou melhor, a pandemia também nos mostrou que a morte só se torna importante quando falamos de vida.

Diante disso, pude perceber também que só recordamos da morte quando ela não é quantitativa. Pegando como exemplo, a morte da cantora Elis Regina, essa foi uma morte marcante e muito triste para os brasileiros, pois foi algo que ninguém esperava. Outro exemplo é a morte do humorista Paulo Gustavo, que morreu por Covid-19. Vimos muitas homenagens e enfoque da mídia, pois esse foi uma figura de grande importância para o cenário do teatro, cinema e cultura do Brasil. Mas será que os mais de seiscentos mil mortos por Covid-19 nos marcam? Será que não nos marcam porque não há rostos de cada um desses e grandiosas despedidas? Parece haver um esquecimento porque todas as vidas não eram pessoas famosas. Ou por que temos medo de lembrar e pensar que isso pode ocorrer com todos nós novamente? Sem dúvidas, quem perdeu um amigo ou familiar jamais esquecerá, mas é possível ver que os mortos por Covid-19 parecerem ser um só, uma espécie de estigma, algo a não ser dito, algo quase que impronunciável.

Portanto, mesmo com todas as problemáticas discutidas, entendemos que hoje, depois da diminuição das mortes por Covid-19, o morrer voltou a ser o que era antes da pandemia: temos a vacina, um maior conhecimento sobre o vírus, logo, nosso pânico da morte vai diminuindo. Entretanto, a pandemia também nos trouxe sentidos figurativos da morte: mesmo vivos, nós também estivemos mortos durante a pandemia. Não pudemos viver em sociedade, não pudemos sair de nossas casas. Os vazios apresentados nas imagens dessa dissertação representaram a morte dos vivos, de quem não pôde viver o velório de uma familiar, de alguém que não pôde dar o último abraço em alguém.

Quando falo nessa morte em vida, resgato minha vivência no mestrado. Desde o início até o fim, tudo foi feito remotamente, desde a seleção até as orientações. Não pude viver a universidade, não pude conhecer colegas e professores. Tudo se tornou digital, o que só reforça o processo da mídiatização na prática.

Acredito que a minha pesquisa, além de contribuir para os estudos da morte nos meios de comunicação, é importante também para discutir a pluralidade da morte. Falar da morte não é apenas falar do fim. É falar de saúde pública, de política, e principalmente de desigualdade social. Em tantos momentos, as mortes por Covid-19 foram palco para falar de tantos problemas que já rondavam a

sociedade antes do vírus, como por exemplo, o descaso do governo Bolsonaro com a saúde pública.

Dessa forma, mesmo com uma melhora da pandemia, o vírus da Covid-19 ainda está entre nós, mas de certa forma, mais amenizado, pois uma boa parte da população está vacinada. Ou seja, daqui para frente, os caminhos da Covid-19 estão nas mãos de diferentes esferas da sociedade. Do novo governo, do presidente Lula, de manter a compra de vacinas e de conscientizar a população a fazer os reforços dessas, e também da própria população fazer a sua parte. Do jornalismo, de reforçar a importância dos cuidados com a saúde, principalmente com o calendário de vacinação, e de mostrar o que o governo está fazendo para melhorar a qualidade de vida da população brasileira. Dos atores sociais, de cobrarem por saúde e direitos sociais, e também de se vacinarem, de fazerem seu papel como cidadão. E por fim, a ciência, de buscar mostrar os avanços e soluções, para que o vírus jamais retorne da forma que foi, e claro, sempre aliada com o governo e atores sociais.

Portanto, finalizo essa dissertação entendendo que os sentidos da morte mudaram durante a pandemia, mas que com a chegada da vacinação, os imaginários e sentidos que emergiram durante o caos, foram perdendo o protagonismo, como se não tivesse passado por quase dois anos imersos no caos da morte. Entendo também que precisamos ir além do que vemos nas notícias e publicações, pois uma imagem não é apenas uma imagem, ela está ali para nos dizer algo.

Por fim, mas jamais menos importante, espero que essa pesquisa sirva de base para que não seja preciso viver tudo o que passamos novamente. Que não tenhamos que sentir de forma tão intensa a dor da morte, seja essa física ou simbólica.



## 9 A VIDA

E eu, que comecei essa dissertação falando da morte, finalizo ela falando da vida. Tantas pessoas se foram por um vírus que nunca tínhamos visto, tantas casas e corações ficaram vazios. Em contraste, os cemitérios ficaram cheios, os hospitais superlotaram. Mais de seiscentas mil vidas se foram até o dia que escrevi esse último capítulo, em fevereiro de 2023. Quando vi esse número só consegui lembrar dos períodos de guerra. Tantas pessoas foram para o hospital – ou seria para o combate contra o vírus? – achando que em breve ficariam melhores, mas que no fim nunca voltaram para as suas casas e para seus familiares.

Quando olho para esse número de mortos, vejo que é impossível falar da morte sem falar da vida. Em cada morte, existiu tanta vida, tantas histórias. Quando falamos de alguém que morreu, falamos de como foi a morte desta ou lembramos de todas as coisas boas que vivemos com essa pessoa? Quando penso no meu avô Nelson, não consigo lembrar das coisas ruins, mas de todos os ensinamentos que ele me deixou. Quando vemos as homenagens para as vítimas da Covid-19 nas redes sociais, vemos depoimentos das qualidades dos que se foram.

Diante disso, vejo que a pandemia, em tantas vezes que tentou nos alertar sobre a morte, no fim, queria nos mostrar o quanto a vida se tornava algo escasso. Entretanto, mesmo diante de tanta ênfase para a problemática da morte e da vida, sinto que não conseguimos de fato entender o quanto o cenário da morte marcou nossas vidas.

Por isso, acredito que quando Elias (2001, p.37) coloca que “a *Pietà* de Michelangelo, a mãe em prantos com o corpo de seu filho, continua compreensível como obra de arte, mas dificilmente imaginável como situação real”, só consigo pensar que o mesmo aconteceu conosco na pandemia, pois mesmo diante de um cenário de guerra, parece que não conseguimos mais imaginar que isso possa acontecer novamente, mas que na verdade pode. A morte segue à espreita, mas temos o medo de falar nela. A morte sempre será um tabu. Ninguém quer o fim.

Portanto, o questionamento que coloquei no primeiro capítulo deste trabalho, a morte, pode ser respondido depois de mais de cem páginas: Como vemos e sentimos a morte após todas as perdas por Covid-19? Da mesma forma com que víamos antes de entrarmos na pandemia, algo natural, que acontecerá para todos.

Pelo fato de não estarmos mais inseridos nessa ambiência do caos, voltamos a entender que a morte irá chegar em algum momento. Infelizmente, sabemos que faz parte de nós seres humanos mudarmos de percepção conforme o ambiente que vivemos, e que provavelmente, se um dia acontecer novamente, passaremos pelas mesmas problemáticas. Basta lembrarmos que além da pandemia da Covid-19, também tivemos a gripe espanhola, e que em muitos pontos, situações semelhantes se repetiram.

Dessa forma, esse trabalho foi também uma forma de falar da vida. É importante entender que debater a morte é valorizar a vida. Sabemos que todos iremos morrer, mas porque não falamos? É como se esta fosse um elefante branco em nossas salas, algo que fica entre o intocável e o indizível. Para finalizar, acredito que todas as discussões reforçam que precisamos de governos que apoiem o direito à saúde pública, à vida. Que possamos todos ter a liberdade de viver dignamente e de morrer tanto quanto.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARIÈS, Philippe. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

BARBOSA FILHO, André. Comunicação e Covid-19. *In*: CASTRO, Daniel; Dal SENO, Danillo; POCHMANN, Marcio. (Org.). **Capitalismo e a Covid-19**, São Paulo, v.1 , p. 47-55, 2020. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2022.

BARTHES, Roland. **Diário de luto**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BASTISTA, Everton Lopes; CANCIAN, Natália. Máscaras contra Covid-19 ainda são necessárias, dizem infectologistas em resposta a Bolsonaro. *In*: Folha de São Paulo. São Paulo, 10 jun. 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/06/mascaras-contra-covid-19-ainda-sao-necessarias-dizem-infectologistas-em-resposta-a-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. São Paulo: Círculo do Brasil, 1980.

BECKER, Ralph M. A dança em cima do túmulo: O imaginário da morte enquanto fenômeno cultural. **Revista ANTHROPOLOGICAS**, Recife, v.19(2), ano 12, p. 137-156, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23673>. Acesso em: 01 mai. 2022.

BEHNKE, Emilly. "Outras gripes mataram mais que essa", diz Bolsonaro sobre coronavírus. *In*: Estadão. São Paulo, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,outras-gripes-mataram-mais-que-essa-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus,70003229087>. Acesso: 15 mai. 2021.

BERGAMO, Mônica. Coronavac é efetiva contra variante de Manaus, mostra estudo com 67 mil profissionais de saúde da cidade. *In*: Folha de São Paulo. São Paulo, 06 abr. 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/04/coronavac-e-efetiva-contra-variante-de-manaus-mostra-estudo-com-62-mil-profissionais-de-saude-da-cidade.shtml>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BERGAMO, Mônica. Prefeitura de São Paulo espera terceira onda e já autoriza compra de kit intubação. *In*: Folha de São Paulo. São Paulo, 29 abr. 2021. Coluna. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/04/prefeitura-de-sao-paulo-espera-terceira-onda-e-ja-autoriza-compra-de-kit-intubacao.shtml>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 12 mai. 2022.

BRAGA, J.L. Circuitos de Comunicação. *In*: BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 43-64. Paradigmas da Comunicação collection. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/59g2d/pdf/braga-9788578795726-03.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2022.

BRANDÃO, Cláudia. Imagens e comunicação em tempos de pandemia: o que nos mostra o Instagram? F. R. Cádima & I. Ferreira (Coords.), **Perspectivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de Pandemia**, v. 1, p. 182-198, 2021. Disponível em: [https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2021/01/Colec%CC%A7a%CC%83oICNOVA\\_texto10.pdf](https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2021/01/Colec%CC%A7a%CC%83oICNOVA_texto10.pdf). Acesso em: 2 mar. 2022.

BRASIL tem 1.364 mortes por Covid-19 em 24 h, segundo maior número diário já registrado. *In*: Folha de São Paulo. São Paulo, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/brasil-tem-1364-mortes-por-covid-19-em-24-h-segundo-maior-valor-diario-ja-registrado.shtml>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CASTANHO, Laura; BALAGO, Rafael. Mundo chega a 1.000.000 de mortos pelo Coronavírus. *In*: Folha de São Paulo. São Paulo, 28 set. 2020. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/09/mundo-chega-a-1000000-de-mortos-pelo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CIDADES têm homenagens aos 500 mil mortos pela Covid no Brasil. *In*: G1, São Paulo, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/21/cidades-fazem-homenagem-aos-500-mil-mortos-pela-covid-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2021.

COM 140 enterros em 24 horas, Manaus bate recorde de registros desde início de pandemia. *In*: G1. Amazonas, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/com-140-enterros-em-24-horas-manaus-bate-recorde-de-registros-desde-inicio-de-pandemia-apenas-10-casos-sao-confirmados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2021.

COMO surgiu o novo Coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem. *In*: Instituto Butantan. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem#:~:text=A%20epidemia%20come%20C3%A7ou%20na%20cidade,em%20um%20laborat%C3%B3rio%20na%20China>. Acesso em: 12 mar. 2022.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2020.

COVID *PHOTO BRAZIL* (@covidphotobrazil). 2020. Diário de COVID no Brasil. Instagram. Disponível em: <https://instagram.com/covidphotobrazil?igshid=Yzg5MTU1MDY=>. Acesso: 20 nov. 2022.

COVID *PHOTO BRAZIL*. Foto: @brunokelly\_photo. [S.l.], 3 dez. 2020. Instagram: @covidphotobrazil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIWsdUHKfe/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

COVID *PHOTO BRAZIL*. Foto: @lacerda4. [S.l.], 2 mai. 2020. Instagram: @covidphotobrazil. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_rwu78nmj1/](https://www.instagram.com/p/B_rwu78nmj1/). Acesso em: 26 nov. 2021.

COVID *PHOTO BRAZIL*. Foto: @photoraphaelalves. [S.l.], 20 jul. 2020. Instagram: @covidphotobrazil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CC4nLSYHn1t/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

COVID *PHOTO BRAZIL*. Foto: @photoraphaelalves. [S.l.], 31 jan. 2021. Instagram: @covidphotobrazil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKudNkwHxJP/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

COVID *PHOTO BRAZIL*. Fotos: @joaopaulofotografia. [S.l.], 16 abr. 2021. Instagram: @covidphotobrazil. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CNvOkUfn2b4/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CNvOkUfn2b4/?utm_medium=copy_link). Acesso em: 20 dez. 2021.

COVID *PHOTO BRAZIL*. Por: @thalesrenato. [S.l.], 14 ago. 2020. Instagram: @covidphotobrazil. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CD38n\\_snVMB/](https://www.instagram.com/p/CD38n_snVMB/). Acesso em: 26 nov. 2021.

DONA Morte: HQ "Antes da Hora". In: Arquivos Turma da Mônica. [S.l.], 9 abr. 2014. Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2014/04/dona-morte-hq-antes-da-hora.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. "A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim". [Entrevista cedida a] Graziela Wolfart. **IHU On-Line**: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ed. 289, 13 abri. 2009. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2479-antonio-fausto-neto-3>. Acesso em: 30 abr. 2022.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, v. 6: 8-40, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/issue/view/551>. Acesso em: 13 mai. 2022.

FAUSTO NETO, Antônio. Coronavírus - Sentidos em Circulação: do laboratório às discursividades sociais. **Revista Latinoamericana de ciencias de la comunicación**, v.19, n.35, p.61-71, 2020. Disponível em: [revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/659](http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/659). Acesso em: 1 mar. 2021.

FERENTZ, L.; NOLI DA FONSECA, M.; SANTOS ACCIOLY, N.; MELLO GARCIAS, C. Comportamento em tempos de Coronavírus no Brasil: utilização de *hashtags* no início do isolamento social. **Comunicação em Ciências da Saúde**, [S. l.], v. 31, n. Suppl1, p. 131–143, 2020. Disponível em: <https://revistaccs.escs.edu.br/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/690>. Acesso em: 12 mai. 2022.

FERREIRA, Camila Moraes. **Luto e desigualdade social: uma leitura sócio-histórica sobre a morte e o luto a partir das experiências do território da Brasilândia no contexto da pandemia de Covid-19**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24428>. Acesso em: 01 mai. 2022.

FERREIRA, J. Miatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 10, 2007. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/196>. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/196/197>. Acesso em: 26 dez. 2022.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**, São Leopoldo, 2ª edição, p. 145-160, 2019. Disponível em: <https://mediaticom.org/files/10perguntascomunicacao/dezperguntas.html>. Acesso em: 13 mai. 2022.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galaxia**, São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>. Acesso em: 25 out. 2022.

FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo, Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2058>. Acesso em: 01 mai. 2022.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. **Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, supl. 2, p. 4201-4210, 2020. Disponível em: Acesso em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/> 13 mai. 2021.

GOMES, Pedro Gilberto. A midiatização no processo social. *In*: GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

GRUSZYNSKI, Ana Claudia; LINDEMANN, Cristiane; SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski. Vozes & audiovisual : a crise do coronavírus e a cobertura do The Intercept Brasil no Instagram. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo. Vol. 23, n. 1, p. 129-145, (jan./abr. 2021). Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/20949/60748502>. Acesso em: 12 mai. 2022.

HEPP, Andreas. Midiatização profunda, infraestruturas e novas formas de organização: entrevista com Andreas Hepp. [Entrevista cedida ao] DigiLabour. **DigiLabour**: laboratório de pesquisa, [S.l.], 27 mar. 2020. Disponível em: <https://digilabour.com.br/midiatizacao-profunda-infraestruturas-e-novas-formas-de-organizacao-entrevista-com-andreas-hepp/#:~:text=ANDREAS%20HEPP%3A%20A%20midiatiza%C3%A7%C3%A3o%20profunda,%C3%A0s%20m%C3%ADdias%20e%20suas%20infraestruturashttps://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2479-antonio-fausto-neto-3>. Acesso em: 15 dez. 2022.

KAMPER, D.; BONACCINI, J. A. A Estrutura Temporal das Imagens. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, [S. l.], v. 4, n. 05, p. 229–235, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/704>. Acesso em: 14 mai. 2022.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a Covid-19 no Brasil. **Psicologia Social**, Belo Horizonte , v. 32, e020004, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822020000100403&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100403&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 12 mai. 2022.

LEÃO, C. F.; SERAFIM, L. S.; NUNES, D. M.; PEREIRA, G. da C. Covid-19 em revistas no Instagram: uma análise de conteúdo relacionada às orientações do UNICEF e da OMS. **Paradoxos**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 20–35, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/paradoxos/article/view/55104>. Acesso em: 12 mai. 2022.

MACHADO, Lívia et al. Logo após aprovação da Anvisa, governo de SP aplica em enfermeira a 1ª dose de vacina contra Covid-19 no Brasil. *In*: G1. São Paulo, 17 jan. 2021. São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/apos-aprovacao-da-anvisa-governo-de-sp-aplica-1a-dose-da-coronavac-antes-do-inicio-do-plano-nacional-de-vacinacao.ghtml>. Acesso em: 19 jan. 2023.

MACHADO, Rafael. Por que uma crise funerária também é questão de saúde pública? *In*: Drauzio Varella Uol. São Paulo, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/coronavirus/por-que-uma-crise-funeraria-tambem-e-questao-de-saude-publica/#:~:text=A%20pandemia%20do%20novo%20coronav%C3%ADrus%2C%20descontrolada%20no%20Brasil%2C%20sobrecarregou%20os,m%C3%ADnimo%20de%20dignidade%2C%20as%20pessoas>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MODELLI, Laís. Covid com alta recorde e lotação de UTIs: especialistas listam motivos para parar o país por ao menos 2 semanas. *In*: G1. São Paulo, 02 mar. 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/02/covid-com-alta-recorde-e-lotacao-de-utis-especialistas-listam-motivos-para-parar-o-pais-por-2-semanas.ghtml> Acesso em: 19 jan. 2023.

MUNDO tem recorde diário de casos e de mortes por Covid. *In*: G1.São Paulo, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/11/12/mundo-tem-recorde-diario-de-casos-e-de-mortes-por-covid.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2021.

RIBEIRO, Renata Rezende. **A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida**. Niterói, RJ: EDUFF, 2015.

RICOEUR, Paul. **Vivo até a morte seguido de fragmentos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Intercom** – RBCC. v. 42, n. 2, p.21-33, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/tFxQ7N97bX95jh4hg8ndLSS/?lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2022

ROSA, Ana Paula da. **Guerra das imagens: agendamento e sincronização do olhar pela mídia**. Curitiba: UTP, 2008.

SAID, Gustavo; CALADO, Camila. Morte e imaginário na pandemia da covid-19. **Pandemia e produção de sentidos: relatos, diálogos e discursos**, Paraíba, p.515-536, 2021. Disponível em: <http://ciseco.org.br/index.php/academico/livros-do-ciseco>. Acesso em: 14 mai.2022.

SARAMAGO, José. **As Intermittências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. *E-book (não paginado)*. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2010/06/Jos%C3%A9-Saramago-As-Intermit%C3%AAsncias-da-Morte.pdf>. Acesso em: 17. mar. 2020.

SIMÕES, P. G. O acontecimento e o campo da comunicação. *In*: Vera R.V.França; Alessandra Aldé; Murilo César Ramos. (Org.). **Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas**, Salvador, EDUFBA, p. 173-195, 2014. Disponível em: [https://chuva-inc.github.io/compos-static-files/publicacoes/Teorias\\_da\\_comunicacao\\_no\\_Brasil-compos2014.pdf](https://chuva-inc.github.io/compos-static-files/publicacoes/Teorias_da_comunicacao_no_Brasil-compos2014.pdf). Acesso em: 25 out. 2022.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento: los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear de Three Mile Island**. Barcelona: Editora Gedisa, 1995.



VERÓN, Eliseo. Teoria da mediação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928>. Acesso em: 30 abr. 2022.

WATANABE, Phillippe. Brasil registra mais de 3.000 mortes pela Covid em 24 horas, e pandemia segue descontrolada. *In*: Folha de São Paulo. São Paulo, 23 mar. 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/brasil-registra-mais-de-3000-mortes-pela-covid-em-24-horas-e-pandemia-segue-descontrolada.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2021.

WESCHENFELDER, Aline. Estudo de caso mediado: estratégia metodológica em pesquisas no contexto da mediação. Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mediação e Processos Sociais, [S.l.], v. 1, n. 4, abr. 2021. Disponível em: <<https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-mediacao-artigos/article/view/1354>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.